

JOHN CRISTIANISMO BÁSICO STOTT



JOHN STOTT

CRISTIANISMO BÁSICO

Tradução
Jorge Camargo

ultimato 

VIÇOSA|MG

CRISTIANISMO BÁSICO

Categoria: Apologética / Evangelização / Vida Cristã

Copyright © John R. W. Stott, 1958

Publicado originalmente por Inter-Varsity Press,
Leicester, United Kingdom.

Título original em inglês: *Basic Christianity*

Todos os direitos reservados

Primeira edição: Março de 2007

Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro

Tradução: Jorge Camargo

Revisão: Heloisa Wey Neves Lima

Capa: Panorâmica Com&Mkt

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EDITORA ULTIMATO LTDA.

Caixa Postal 43

36570-000 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500 — Fax: 31 3891-1557

www.ultimo.com.br

Os textos bíblicos foram retirados da edição Almeida Revista e Atualizada, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo quando há outra indicação.

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV

S888c
2007

Stott, John R. W., 1921

Cristianismo básico / John Stott. — Viçosa, MG : Ultimato, 2007.

208p.; 23cm.

Título original: Basic Christianity

ISBN 978-85-7779-000-5

1. Teologia dogmática - Obras populares. I. Título.

CDD 22.ed. 230

SUMÁRIO

Prefácio	7
1. A abordagem correta	11
PARTE UM – A PESSOA DE CRISTO	
2. As afirmações de Cristo	25
3. O caráter de Cristo	43
4. A ressurreição de Cristo	57
PARTE DOIS – A NECESSIDADE DO HOMEM	
5. A realidade e a natureza do pecado	79
6. As consequências do pecado	93
PARTE TRÊS – A OBRA DE CRISTO	
7. A morte de Cristo	109
8. A salvação em Cristo	133
PARTE QUATRO – A RESPOSTA DO HOMEM	
9. Calculando o custo	147
10. Tomando uma decisão	167
11. Sendo um cristão	181
Notas	199

PREFÁCIO

“HOSTIS À IGREJA, CORDIAIS para com Cristo.” Estas palavras descrevem um grande número de pessoas da atualidade, especialmente os jovens.

Essas pessoas se opõem a qualquer coisa que tenha um aspecto institucional. Detestam o sistema e os privilégios dele decorrentes. Rejeitam a igreja, com certa razão, porque a consideram irremediavelmente corrompida por esses males.

Porém, o que essas pessoas rejeitam é a igreja contemporânea, e não Jesus Cristo. Precisamente por verem uma contradição entre o fundador do cristianismo e o estado atual da igreja fundada por ele, tais pessoas têm adotado uma postura crítica e arredia. A pessoa e os ensinamentos de Jesus, contudo, não perderam seu apelo. Primeiramente, porque o próprio Jesus assumiu uma posição contra o sistema. Algumas de suas palavras possuem uma conotação claramente revolucionária. Seus ideais demonstraram ser incorruptíveis. Em qualquer lugar que ele estivesse, sua presença transmitia amor e paz. Além disso, ele invariavelmente praticava aquilo que pregava.

Mas seria Jesus realmente *verdadeiro*?

Um número considerável de pessoas no mundo inteiro cresceu em lares cristãos e aprendeu sobre a verdade de Cristo e do cristianismo. Mas quando adquirem um senso crítico, essas pessoas acham mais fácil descartar a religião recebida na infância do que se esforçar para investigar sua veracidade.

Outras, porém, não nasceram em ambiente cristão, e absorveram os ensinamentos do hinduísmo, budismo ou islamismo, ou a ética do humanismo secular, do comunismo ou do existencialismo.

Entretanto, quando as pessoas de ambos os grupos ouvem falar de Jesus, não conseguem esconder facilmente o fascínio que ele lhes desperta.

Assim, nosso ponto de partida é a figura histórica de Jesus de Nazaré. Podemos afirmar com certeza que Jesus existiu. Não há nenhuma dúvida razoável sobre isso. Sua historicidade é afirmada tanto por escritores cristãos como por pagãos.

Ele foi uma pessoa completamente humana, independentemente de qualquer outra coisa que se diga a seu respeito. Nasceu, cresceu, trabalhou e souou, descansou e dormiu, comeu e bebeu, sofreu e morreu como todos os homens. Ele tinha um corpo humano real e emoções humanas autênticas.

Mas será que podemos acreditar que ele é realmente “Deus”? Não seria a divindade de Jesus mais uma das crenças cristãs? Há alguma evidência que confirme a impressionante afirmação cristã de que o carpinteiro de Nazaré é o unigênito Filho de Deus?

Essa questão é fundamental. Não podemos nos esquivar dela. Devemos ser honestos. Se Jesus não é o Deus encarnado, o cristianismo está liquidado. Resta apenas mais uma religião, recheada com alguns belos conceitos e uma ética notável. O elemento que tornava o cristianismo diferente de todas as outras religiões se perdeu.

Mas *há* evidências da divindade de Jesus; evidências boas, fortes, históricas, cumulativas; evidências que uma pessoa honesta pode aceitar sem cometer suicídio intelectual. Jesus fez algumas declarações bastante incomuns sobre si mesmo, ousadas e ao mesmo tempo despretensiosas. Temos também seu caráter incomparável. Sua força e sua mansidão, sua justiça incorruptível e sua terna compaixão, seu cuidado para com as crianças e seu amor pelos excluídos, seu autocontrole e o sacrifício de si mesmo ganharam a admiração do mundo. Além disso, sua morte cruel não foi o fim. Anunciaram que ele ressuscitou dentre os mortos, e a evidência circunstancial de sua ressurreição é irresistível.

Supondo que Jesus é o Filho de Deus, o cristianismo básico seria meramente a aceitação desse fato? Não. Uma vez persuadidos de sua divindade, devemos examinar a natureza de sua obra. O que ele veio fazer aqui? A resposta bíblica a essa questão é: “Ele veio ao mundo para salvar os pecadores”. Jesus de Nazaré é o Salvador enviado do céu que nós, pecadores, necessitamos. Precisamos ser perdoados e restaurados à comunhão com um Deus que é santo, de quem os nossos pecados nos separaram. Precisamos ser libertos do egoísmo e receber forças para viver de acordo com nossos ideais. Precisamos aprender a amar uns aos outros, amigos

e inimigos, do mesmo modo. É isso que significa “salvação”. É isso que Cristo conquistou para nós por meio de sua morte e ressurreição.

Então cristianismo básico seria a crença de que Jesus é o Filho de Deus que veio para salvar o mundo? Não, ainda não é bem isso. Reconhecer a divindade de Jesus e a nossa necessidade de salvação e crer na obra redentora de Cristo não é o bastante. O cristianismo não é apenas uma crença; implica também ação. Nossa crença intelectual pode estar acima de qualquer crítica, mas temos que colocar nossa fé em prática.

O que então devemos fazer? Devemos assumir um compromisso pessoal com o Senhor Jesus, de coração e de mente, alma e vontade, entregando nossas vidas a ele, sem reservas. Devemos nos humilhar diante dele. Devemos confiar nele como nosso Salvador e nos submetermos a ele como nosso Senhor; para então assumirmos nossos lugares como membros fiéis da igreja e cidadãos responsáveis dentro da comunidade.

Isso é cristianismo básico, e esse é o tema deste livro. Mas antes de passar para as evidências da divindade de Jesus Cristo, é necessário um capítulo introdutório sobre a abordagem correta. Os cristãos afirmam que é possível encontrar Deus em Jesus Cristo. Uma análise dessa afirmação poderá ser de grande ajuda para entendermos que Deus, ele mesmo, é quem nos busca, mas ao mesmo tempo nós também devemos buscá-lo.

1.

A ABORDAGEM CORRETA

“NO PRINCÍPIO DEUS”. As três primeiras palavras da Bíblia são mais que uma introdução à história da criação ou ao livro de Gênesis. Elas fornecem a chave que abre a nossa compreensão da Bíblia como um todo, revelando-nos que na religião bíblica a iniciativa é de Deus.

Ninguém consegue surpreender Deus. Não podemos nos antecipar a ele. Ele sempre faz o primeiro movimento. Ele está sempre ali, “no princípio”. Antes que o homem existisse, Deus agiu. Antes que o homem se movesse para buscar a Deus, Deus buscou o homem. A Bíblia não mostra o homem tateando em busca de Deus; o que vemos é Deus alcançando o homem.

Muitas pessoas imaginam Deus como alguém assentado confortavelmente em um trono distante, remoto, isolado, desinteressado e indiferente às necessidades dos mortais, até que alguém consiga aborrecê-lo a ponto de fazê-lo agir em seu favor. Uma visão assim é totalmente falsa. O Deus

revelado pela Bíblia é um Deus que saiu em busca do homem, muito antes que o homem pensasse em voltar-se para Deus. Enquanto o homem ainda estava perdido na escuridão e mergulhado no pecado, Deus tomou a iniciativa, ergueu-se de seu trono, deixou de lado a sua glória, e inclinou-se para procurá-lo, até encontrá-lo.

A iniciativa e a soberania de Deus podem ser vistas em várias situações. Ele tomou a iniciativa na *criação*, trazendo o universo e seus elementos à existência: “No princípio criou Deus os céus e a terra”. Ele tomou a iniciativa na *revelação*, manifestando à humanidade sua natureza e sua vontade: “Havendo Deus outrora falado muitas vezes e de muitas maneiras aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias nos falou pelo Filho”. Ele tomou a iniciativa na *salvação*, vindo em Jesus Cristo para libertar homens e mulheres de seus pecados: “[Deus]... visitou e redimiu o seu povo”.¹

Deus criou. Deus falou. Deus agiu. Essas declarações da iniciativa de Deus em três diferentes áreas formam um relato conciso da religião bíblica. Neste livro, nos concentraremos nas duas últimas declarações, já que o cristianismo básico por definição começa com a figura histórica de Jesus Cristo. Se Deus falou, sua última e maior palavra para o mundo é Jesus Cristo. Se Deus agiu, seu ato mais notável é a redenção do mundo através de Jesus Cristo.

Deus falou e agiu por meio de Jesus Cristo. Ele disse algo. Ele fez algo. Isso significa que o cristianismo não se resume a palavras piedosas; também não se trata de conceitos religiosos ou um conjunto de regras. Cristianismo é “evangelho”, isto é, boas novas. Nas palavras de Paulo, “o evangelho de Deus...

com respeito a seu Filho... Jesus Cristo, nosso Senhor”.² Não se trata de um convite para o homem fazer alguma coisa; acima de tudo, é uma declaração do que Deus fez por nós em Cristo.

DEUS FALOU

O homem é uma criatura insaciavelmente curiosa. Sua mente foi feita de modo a não ter descanso, e está sempre à espreita do desconhecido. O homem busca o conhecimento com incansável energia. Sua vida é uma viagem cheia de descobertas. Ele está sempre procurando, explorando, investigando, pesquisando. O homem nunca desiste de perguntar os intermináveis “por quês” da infância.

No entanto, quando a mente do homem começa a manifestar interesse por Deus, ela se confunde. Tateia na escuridão. Debate-se desesperadamente com a profundidade do assunto. Isso não é nem um pouco surpreendente, visto que Deus, seja ele quem quer que seja, é infinito, enquanto nós somos criaturas finitas. Ele está totalmente acima de nossa compreensão. Nossas mentes, portanto, embora sejam extremamente eficientes quando se trata de ciências empíricas, não podem nos ajudar de imediato nessa questão, pois não podem alcançar a mente infinita de Deus. Não há nenhuma escada, apenas um imenso abismo. Jó foi questionado por seus amigos: “Porventura desvendarás os arcanos de Deus ou penetrarás até à perfeição do Todo-poderoso? Como as alturas dos céus é a sua sabedoria... mais profunda é ela do que o abismo; que poderás saber?” Não há como alcançar a mente de Deus.

E a situação teria se mantido assim se Deus não tivesse tomado a iniciativa de resolvê-la. O homem teria permanecido um agnóstico para sempre, perguntando como Pôncio Pilatos: “O que é a verdade?”, mas sem obter uma resposta, pois não ousaria esperar que alguém lhe respondesse. Ele seria um adorador, pois é próprio de sua natureza ser assim; mas em todos os seus altares haveria a inscrição, a exemplo do que havia em Atenas: “Ao deus desconhecido”.

Mas Deus falou. Ele tomou a iniciativa de revelar a si mesmo. A doutrina cristã da revelação é essencialmente racional. Deus “desvendou” às nossas mentes aquilo que, de outro modo, teria permanecido oculto. Parte dessa revelação está na própria natureza:

Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras das suas mãos.

Porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas.³

Isso é comumente chamado de revelação “geral” de Deus (porque é destinada a todos os homens, em toda parte) ou revelação “natural” (porque pode ser vista na natureza). Certamente essa revelação manifesta a existência de Deus e parte do seu poder, da sua glória e fidelidade, mas não é suficiente. Para que o homem venha a conhecer a Deus de forma pessoal, tenha seus pecados perdoados e inicie um relacionamento com ele, a revelação precisa ser mais ampla

e prática. A revelação de Deus deve incluir sua santidade, seu amor e seu poder para salvar do pecado. Deus também se agradou em revelar todas essas coisas. Trata-se de uma revelação “especial”, porque foi feita a um povo especial (Israel), através de mensageiros especiais (os profetas no Antigo Testamento e os apóstolos no Novo).

Ela é também “sobrenatural”, porque foi dada por meio de um processo geralmente chamado de “inspiração”; essa revelação encontrou sua expressão máxima na pessoa e na obra de Jesus.

O modo pelo qual a Bíblia apresenta e descreve essa revelação é através da expressão “Deus falou”. A maneira mais fácil de nos comunicarmos uns com os outros é através da fala. Nossas palavras revelam o que está em nossa mente. Isso é ainda mais verdadeiro em relação a Deus, pois ele desejava revelar sua mente infinita a nossas mentes finitas. Porém, como disse o profeta Isaías, os pensamentos de Deus são mais altos que os nossos, assim como os céus são mais altos que a terra. Deste modo, nunca teríamos chance de conhecê-los, a menos que eles assumissem a forma de palavras. Assim, “veio a palavra do Senhor” a muitos profetas, até que, por fim, veio Jesus Cristo, e “o Verbo se fez carne e habitou entre nós”.⁴

Do mesmo modo, Paulo escreve à igreja em Corinto: “Visto como na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria humana, aprouve a Deus salvar aos que creem pela loucura da pregação”. O homem conhece a Deus não por sua própria sabedoria, mas pela palavra de Deus (aquilo que pregamos); não através da razão humana, mas

através da revelação divina. Pelo fato de Deus ter se revelado em Cristo é que os cristãos podem com ousadia dirigir-se a agnósticos e supersticiosos e dizer a eles, como Paulo fez em Atenas, no Areópago: “Pois este que adorais sem conhecer é precisamente aquele que eu lhes anuncio”.

Grande parte da controvérsia entre ciência e religião deve-se ao fracasso em se observar esse ponto. O método empírico é extremamente inadequado quando se trata de religião. O conhecimento científico avança por meio da observação e da experimentação. Ele trabalha com dados baseados nos cinco sentidos. Mas quando se trata de questões metafísicas, não há nenhum dado disponível de imediato. Deus hoje não é algo tangível, nem visível ou audível. Houve, no entanto, um tempo em que ele decidiu falar, e revestiu-se de um corpo que podia ser visto e tocado. Assim, João inicia sua primeira carta com a afirmação: “O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam [...] anunciamos a vós outros”.

DEUS AGIU

As boas novas cristãs não estão limitadas à declaração de que Deus falou. Elas também afirmam que Deus agiu. Deus tomou a iniciativa de falar e agir por causa da necessidade do homem. Nós não somos apenas ignorantes, somos pecadores. Portanto, se Deus se revelasse somente para dissipar nossa ignorância, não seria suficiente. Ele precisava também agir para nos salvar de nossos pecados. Ele começou a fazer isso na época do Antigo Testamento. Deus chamou Abraão em Ur,

fazendo dele e de seus descendentes uma nação, libertando-os da escravidão do Egito, estabelecendo com eles uma aliança no monte Sinai, conduzindo-os através do deserto até a terra prometida, guiando-os e ensinando-os como seu povo especial.

Mas tudo isso foi uma preparação para a obra maior de redenção em Cristo. Os homens precisavam ser libertados, não da escravidão do Egito ou do exílio na Babilônia, mas do exílio e da escravidão do pecado. Foi para isso, basicamente, que Jesus Cristo veio. Ele veio como Salvador.

Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles.

Fiel é a palavra e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores.

Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o perdido.

Como o pastor que sentiu falta da única ovelha que se perdera do rebanho e foi procurá-la até encontrá-la, assim é Jesus.⁵

O cristianismo é uma religião de salvação, e não há nada nas religiões não-cristãs que se compare à mensagem de um Deus que amou, buscou e morreu pelos pecadores perdidos.

A RESPOSTA DO HOMEM

Deus falou. Deus agiu. O registro e a interpretação dessas palavras e obras divinas se encontram na Bíblia. Para muitas pessoas, continuam ali, apenas como registro histórico. Para essas pessoas, tudo o que Deus disse e fez pertence ao passado; não sai das páginas da Bíblia para se tornar uma

experiência viva. Deus falou; mas nós temos escutado a sua voz? Deus agiu; mas nós temos nos beneficiado daquilo que ele fez?

Aquilo que devemos fazer será explicado no restante deste livro. A esta altura, é necessário destacar apenas um ponto: nós precisamos buscar a Deus. Deus nos buscou. Ele ainda está nos buscando. Mas nós também devemos buscá-lo. Na verdade, a divergência principal entre Deus e o homem está no fato de que o homem não busca a Deus.

Do céu olha o Senhor para os filhos dos homens, para ver se há quem entenda, se há quem busque a Deus. Todos se desviaram e juntamente se corromperam; não há quem faça o bem, não há nem um sequer.⁶

Jesus, no entanto, prometeu: “Busquem, e encontrarão”. Se não buscarmos, nunca encontraremos. O pastor procurou pela ovelha perdida até encontrá-la. A mulher procurou a moeda desaparecida até achá-la. Por que achamos que conosco seria diferente? Deus deseja ser encontrado, mas somente por aqueles que o buscam.

Devemos buscar *diligentemente*. “O homem é tão preguiçoso quanto ousa ser”, escreveu Emerson. Isso é muito sério; precisamos vencer nossa preguiça e apatia natural e concentrar forças para buscar a Deus. Deus tem pouca paciência com os preguiçosos; ele “é galardoador dos que o buscam”.⁷

Devemos buscar *humildemente*. Se a preguiça é um empecilho para alguns, o orgulho pode ser um obstáculo ainda maior para outros. Precisamos reconhecer que nossas mentes limitadas são incapazes de buscar a Deus pelo seu próprio esforço, sem que ele se revele. Isso não significa que não

podemos pensar de forma racional. Ao contrário, o salmista nos diz que não devemos ser como o cavalo ou a mula, sem entendimento. Devemos usar nossas mentes, mas devemos também admitir nossas limitações. Jesus disse:

Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos.

É por isso que Jesus ama as crianças. Elas são ensináveis. Não são orgulhosas, presunçosas ou críticas. Nós precisamos ter a mente aberta, humilde e receptiva de uma criancinha.

Devemos buscar *honestamente*. Devemos nos aproximar da revelação de Deus não só sem orgulho, mas também sem preconceito; não só com uma mente humilde, mas também com uma mente aberta. Os estudiosos sabem o quanto é perigoso se aproximar de um objeto de estudo com ideias pré-concebidas. No entanto, muitos questionadores se aproximam da Bíblia com suas cabeças já “feitas”. A promessa de Deus, no entanto, é endereçada somente àqueles que buscam com sinceridade: “Buscar-me-eis e me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração”.⁸ Devemos, portanto, deixar de lado nossos preconceitos e abrir nossas mentes para a possibilidade de que o cristianismo seja verdadeiro.

Devemos buscar *obedientemente*. Essa é a condição mais difícil de ser atendida. Ao buscar a Deus, devemos nos preparar não apenas para rever nossos conceitos, mas também para mudar nosso estilo de vida. A mensagem cristã possui um desafio moral. Se ela é verdadeira, o desafio moral tem de ser aceito. Deus, portanto, não é um objeto a ser examinado

de forma minuciosa e imparcial pelo homem. Você não pode colocar Deus na lente de um telescópio ou de um microscópio e dizer: “Que interessante!” Deus não é interessante. Ele é profundamente perturbador. Essa verdade também se aplica a Jesus Cristo.

Hávamos pensado em examiná-lo intelectualmente; descobrimos que ele está nos examinando espiritualmente. Os papéis estão invertidos entre nós... Estudamos Aristóteles e somos edificados intelectualmente com isso; estudamos Jesus e ficamos profundamente perturbados espiritualmente... Somos constrangidos a assumir uma atitude moral dentro do coração e da vontade em relação a Jesus [...] Um homem pode examinar a pessoa de Jesus com imparcialidade intelectual, mas não pode fazer isso com neutralidade moral [...] Precisamos assumir uma posição. Nosso contato objetivo e direto com Jesus nos levou a essa situação. No começo, nosso interesse era apenas intelectual, mas ele nos desafiou a tomar uma decisão moral.⁹

Foi isso que Jesus quis dizer quando, dirigindo-se a alguns judeus incrédulos, falou: “Se alguém quiser fazer a vontade de Deus, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se falo por mim mesmo”. A promessa é clara: podemos saber se Jesus Cristo foi verdadeiro ou falso, se o seu ensino foi humano ou divino. Mas a promessa repousa sobre uma condição moral. Devemos estar prontos não apenas para crer, mas também para obedecer. Devemos estar preparados para fazer a vontade de Deus quando ele a fizer conhecida.

Eu me lembro de um jovem que veio conversar comigo logo depois de ter concluído seus estudos e começado a trabalhar em Londres. Ele confessou-me que havia desistido de ir à igreja porque não conseguia repetir o Credo sem se sentir hipócrita. Já não acreditava naquelas palavras. Depois de

concluir suas explicações, eu disse a ele: “Se eu respondesse às suas questões apenas com argumentos racionais, você estaria disposto a alterar seu modo de vida?” Ele sorriu levemente e abaixou a cabeça. Seu verdadeiro problema era no campo moral, não no intelectual.

* * *

Nossa busca deve ser conduzida com esse espírito. Devemos pôr de lado a apatia, o orgulho, o preconceito e o pecado, e buscar a Deus a despeito das consequências. De todos os impedimentos à busca efetiva, esses dois últimos são os mais difíceis de serem superados, o preconceito intelectual e a rebeldia moral. Ambos são expressões de medo, e o medo é o grande inimigo da verdade. O medo paralisa a nossa busca. Sabemos que encontrar Deus e aceitar Jesus Cristo pode ser uma experiência incômoda. Envolve uma reavaliação de toda a nossa perspectiva de vida e um reajuste em nosso estilo de vida. O que nos deixa hesitantes quanto à decisão a ser tomada é uma combinação de covardia intelectual e moral. Não encontramos porque não buscamos. Não buscamos porque não queremos encontrar, e sabemos que o melhor jeito de não encontrar é não procurar.

Assim, esteja aberto à possibilidade de que você pode estar errado. Cristo pode, de fato, ser verdadeiro. E se você quer ser alguém que busca a Deus com humildade e honestidade, volte-se para o livro que afirma ser a sua revelação. Vá primeiramente aos Evangelhos, que contam a história de Jesus Cristo. Dê a ele a chance de se confrontar diretamente com você e provar que é verdadeiro. Aproxime-se dele com a mente aberta e com boa vontade, pronto para crer e obedecer, se Deus

lhe der convicção para isso. Você pode começar lendo todo o Evangelho de Marcos ou de João. Dê preferência a uma versão moderna. Leia do começo ao fim, de uma só vez, de modo a causar impacto em sua vida. Depois leia novamente, mas devagar, um capítulo por dia. Antes de ler, faça uma oração, como essa a seguir:

Deus, se você existe (e eu não sei se existe), se pode ouvir minha oração (e não sei se pode), quero lhe dizer que sou alguém que busca honestamente a verdade. Mostre-me se Jesus é realmente seu Filho e Salvador do mundo. Ajuda-me a ter convicção de que isso é verdade, para que eu possa confiar nele como meu Salvador e segui-lo como meu Senhor.

Ninguém poder fazer uma oração como essa e ficar sem resposta. Deus não decepciona aqueles que o buscam com sinceridade. Ao contrário, ele honra e recompensa os que o buscam honestamente. O plano de Cristo é simples: “Busque, e você encontrará”.

PARTE UM
A PESSOA DE CRISTO

2.

AS AFIRMAÇÕES DE CRISTO

VIMOS QUE PARA ENCONTRAR precisamos buscar. Mas, por onde devemos começar a nossa busca? A resposta do cristianismo é que o único lugar para começar é a pessoa histórica de Jesus de Nazaré, pois, se Deus falou e agiu, ele o fez plenamente em Jesus Cristo. A questão crucial é: seria o carpinteiro de Nazaré realmente o Filho de Deus?

Há duas razões principais para iniciarmos nossa investigação sobre o cristianismo na pessoa de Cristo. A primeira delas é que a essência do cristianismo é Cristo. A pessoa e a obra de Cristo são os elementos fundamentais da religião cristã. Se Cristo não foi quem afirmou ser, e não fez o que disse que veio fazer, a fundação está comprometida e toda a estrutura irá desmoronar. Se tirarmos Cristo do cristianismo, não sobrarão praticamente nada. Cristo é o centro do cristianismo; tudo o mais gira em torno dele. Não estamos interessados inicialmente em discutir a natureza de sua filosofia, o valor de seu sistema, ou a qualidade de sua ética.

Nosso interesse é fundamentalmente pelo caráter de Cristo. Quem foi realmente Jesus?

Segundo, se Jesus foi comprovadamente uma pessoa única e divina, isso resolve grande parte dos problemas. Se Jesus foi um ser divino, isso prova a existência de Deus e revela seu caráter. Questões como o papel e o destino do homem, vida após a morte, propósito e autoridade do Antigo Testamento e o significado da cruz começam a ser respondidas, pois se Jesus ensinou sobre essas coisas, sendo ele divino, então tudo deve ser verdade.

Nossa investigação deve, portanto, começar com Jesus Cristo, e iremos estudá-lo a partir dos Evangelhos. Num primeiro momento, não precisamos aceitá-los como parte das inspiradas Escrituras; podemos considerá-los apenas como documentos históricos, o que certamente eles são. Também não iremos considerar o valor dos Evangelhos como literatura.¹ É suficiente enfatizar que seus autores são todos cristãos, e cristãos são pessoas honestas; que seus conteúdos são objetivos, incluindo relatos de testemunhas oculares. De qualquer maneira, a partir de agora, iremos considerá-los simplesmente como um registro acurado da vida e do ensino de Jesus. Assim, não basearemos nossa argumentação apenas em alguns textos isolados ou obscuros, ao contrário, nos concentraremos naqueles mais diretos e claros.

Nosso propósito é obter evidências que provem que Jesus é o Filho de Deus. Não nos satisfaremos com um veredicto que declare vagamente sua divindade; o que pretendemos é definir que ele realmente é o Filho de Deus. Cremos que Jesus tem um

relacionamento eterno e essencial com Deus, e que essa relação é única. Não o vemos como um Deus disfarçado de homem, nem como um homem com qualidades divinas, mas como homem e Deus. Estamos convencidos de que Jesus foi uma pessoa histórica, com duas naturezas distintas e perfeitas, a divina e a humana. Só assim ele pode ser digno não apenas de nossa admiração, mas de nossa adoração.

Essa evidência tem pelo menos três aspectos: o primeiro diz respeito às declarações de Jesus, o segundo está relacionado ao seu caráter e o terceiro à sua ressurreição dentre os mortos. Nenhum dos argumentos apresentados é definitivo, mas os três apontam infalivelmente para a mesma conclusão.

Começaremos pelas declarações de Cristo. Nas palavras do arcebispo William Temple: “Reconhecemos que o Cristo, do qual há muitas evidências de sua existência, é uma Figura extraordinária, que fez declarações espantosas”. É verdade que essas afirmações por si só não constituem evidência, mas esse é um assunto que requer uma explicação. Para maior clareza, faremos distinção entre quatro diferentes tipos de declarações.

ENSINO AUTOCENTRADO

A característica mais marcante do ensino de Jesus é que ele geralmente falava dele mesmo. É verdade que falou também sobre a paternidade de Deus e o reino de Deus, mas acrescentou que era o “Filho” do Pai, e que tinha vindo para inaugurar o reino. A entrada no reino dependia da resposta dos homens

a ele. Ele também não hesitou em chamar o reino de Deus de “meu reino”.

O ensino centrado na própria pessoa imediatamente coloca Jesus à parte de outros grandes líderes religiosos do mundo. Eles geralmente procuravam desviar a atenção das pessoas para suas palavras, insistindo para que elas seguissem o que eles entendiam como sendo a verdade. Jesus, porém, declarou que ele era a verdade, portanto as pessoas deveriam segui-lo. Nenhum fundador de alguma religião étnica ousou fazer tal afirmação. Quando lemos suas palavras os pronomes pessoais forçosamente chamam a nossa atenção. Por exemplo:

Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome, e o que crê em mim nunca terá sede.

Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andará nas trevas, pelo contrário, terá a luz da vida.

Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá.

Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.

Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para as vossas almas.²

A grande questão do início do seu ministério foi: “Quem dizem os homens que eu sou?” Ele afirmou que Abraão havia se alegrado por ver o seu dia, que Moisés havia escrito sobre ele e que as Escrituras testemunhavam dele. Na verdade, as três grandes divisões do Antigo Testamento – a lei, os profetas e os livros de sabedoria – falavam a seu respeito.³

Lucas descreve com detalhes a visita dramática de Jesus à sinagoga de sua cidade natal, Nazaré. Ele recebeu o rolo das Escrituras do Antigo Testamento, levantou-se e leu. A passagem era Isaías 61.1-2:

O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas novas aos quebrantados, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos e a pôr em liberdade os algemados; a apregoar o ano aceitável do Senhor.

Ele fechou o livro, devolveu-o ao assistente da sinagoga e sentou-se, enquanto os olhos de toda a congregação estavam fixos nele. Ele então quebrou o silêncio com essas impressionantes palavras: “Hoje se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir”. Em outras palavras, “Isaías estava escrevendo a meu respeito”.

Com uma opinião dessas sobre si mesmo, não é de admirar que as pessoas o seguissem ao ouvir seu chamado. De fato, ele fazia mais que lançar um convite, ele ordenava. “Venham a mim”, ele dizia. “Sigam-me”. Aos que atenderam ao seu chamado, ele prometeu aliviar os fardos dos sobrecarregados, satisfazer a fome e matar a sede da alma ressequida.⁴ Posteriormente, seus discípulos deveriam ser obedientes e confessá-lo diante dos homens. Os discípulos reconheceram seu direito de fazer essas afirmações autoritárias, e em suas cartas, Paulo, Pedro, Tiago e Judas têm prazer em afirmar que são seus “escravos”.

Além disso, ele se colocou diante de seus contemporâneos como objeto de sua fé e amor. Os homens devem crer em Deus, porém Jesus lhes disse para crerem nele. “A obra de

Deus é esta”, ele declarou, “que creiais naquele que por ele foi enviado”. “Quem crê no Filho tem a vida eterna”. Se crer em Jesus é o primeiro dever do homem, não crer nele é o seu maior pecado.⁵

O primeiro e grande mandamento é amar a Deus com todo o coração, alma e entendimento. Jesus, porém, teve a ousadia de exigir que o amassem acima de todas as coisas. Qualquer um que amasse pai, mãe, filho ou filha mais que a ele não era digno dele, ele afirmou, acrescentando: “Se alguém vem a mim e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e ainda sua própria vida, não pode ser meu discípulo”.⁶

Jesus tinha tal convicção sobre sua centralidade nos propósitos de Deus que se comprometeu a enviar Aquele que assumiria o seu lugar depois que ele retornasse ao céu, o Espírito Santo, chamado por ele de Consolador, ou “Paráclito”. Trata-se de um termo jurídico, indicando um intercessor, advogado ou defensor. Sua tarefa seria defender a causa de Jesus diante do mundo. “Ele dará testemunho de mim”, disse Jesus. “Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar.”⁷ Tanto o testemunho ao mundo quanto a revelação à igreja por parte do Espírito Santo se referiam a Jesus Cristo.

Em mais uma afirmação recheada de egocentrismo, Jesus predisse: “Mas eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim”. Ele sabia que a cruz exerceria um magnetismo moral sobre homens e mulheres. Mas, ao atraí-los, eles não seriam trazidos em princípio nem por Deus ou pela igreja, nem pela verdade ou pela justiça, mas por ele mesmo. Eles seriam levados somente por terem sido trazidos a ele.

A característica mais extraordinária de seu ensino auto-centrado é o fato de que Jesus mesmo insistiu para que seus seguidores fossem humildes. Ele repreendeu seus discípulos por serem egoístas e se aborreceu quando eles discutiram para saber qual deles era o maior. Será que ele não praticava aquilo que pregava? Ele apanhou uma criancinha e colocou-a no meio deles para lhes servir de referência. Será que possuía um outro padrão para si mesmo?

AFIRMAÇÕES DIRETAS

Jesus acreditava piamente que ele era o Messias predito no Antigo Testamento, que veio estabelecer o reino de Deus anunciado por gerações de profetas.

É significativo que a primeira frase registrada de seu ministério público tenha sido: “O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo”. Ele assumiu o título de “Filho do Homem”, aceito como um título messiânico, derivado originalmente de uma das visões de Daniel. Ele aceitou a designação de “Filho de Deus”, quando desafiado pelo sumo sacerdote, que também era um título messiânico, extraído do Salmo 2.7. Ele interpretou sua missão à luz da figura do servo sofredor de Jeová, descrito na parte final do livro de Isaías. O primeiro estágio de sua instrução aos Doze culminou em um incidente em Cesareia de Filipe, quando Simão Pedro confessou sua fé em Jesus como o Cristo. Outros poderiam supor que ele fosse um dos profetas; mas Simão o havia reconhecido como aquele para quem os profetas apontavam. Jesus não foi apenas mais um sinal da vinda do Messias, mas o próprio Messias, esperado pelos profetas.⁸

O ministério de Jesus está repleto desse senso de cumprimento. “Bem-aventurados os olhos que veem as coisas que vós vedes”, ele disse certa ocasião, em particular, aos seus discípulos. “Pois em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes, e não viram; e ouvir o que ouvis, e não ouviram”.⁹

Mas suas afirmações diretas se referem a ele não apenas como o Messias, mas também como divindade. Sua afirmação de que ele era o Filho de Deus foi mais que messiânica; com isso ele descreveu seu relacionamento único e eterno com Deus. Vejamos a seguir três implicações dessa que talvez seja a maior declaração de Jesus.

Primeiro, essa declaração revela uma íntima associação dele com Deus, como seu “Pai”, expressão usada frequentemente por ele. Quando ainda era um menino de doze anos, ele impressionou seus pais humanos com seu zelo intransigente pelos assuntos de seu Pai celestial. Observe a seguir algumas de suas declarações:

Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também.

Eu e o Pai somos um.

Eu estou no Pai e o Pai está em mim.¹⁰

É certo que ele ensinou seus discípulos a se dirigirem a Deus também como “Pai”, mas sua filiação é tão diferente da nossa que ele se viu obrigado a distingui-las. Para ele, Deus é “meu Pai”. Entretanto, ele disse a Maria Madalena: “Subo para meu Pai e vosso Pai”. Não seria possível a ele dizer: “Subo para o *nosso* Pai”.

Esses versículos foram extraídos do Evangelho de João, mas esse mesmo relacionamento único de Jesus com Deus pode ser encontrado em Mateus 11.27, onde ele diz:

Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar.

O fato de Jesus reivindicar uma relação íntima com Deus é mais adiante confirmado pela indignação que isso despertou nos judeus, pois ele “a si mesmo se fez Filho de Deus”.¹¹ Sua identificação com Deus era tão próxima que a atitude das pessoas para com ele se igualava à atitude delas para com Deus. De modo que:

Conhecê-lo era conhecer a Deus;

Vê-lo era ver a Deus;

Crer nele era crer em Deus;

Recebê-lo era receber a Deus;

Odiá-lo era odiar a Deus;

Honrá-lo era honrar a Deus.¹²

Essas são algumas das declarações gerais de Jesus sobre seu relacionamento especial com Deus. Ele fez mais duas declarações diretas. A primeira está registrada no final do capítulo oito do Evangelho de João. Numa controvérsia com os judeus, ele disse: “Em verdade, em verdade vos digo: se alguém guardar a minha palavra, não verá a morte”. Isso foi demais para os seus críticos. “Abraão morreu”, eles exclamaram, “e também os profetas [...] És maior do que o nosso pai Abraão? Quem, pois, te fazes ser?”. “Vosso pai Abraão alegrou-se por ver o meu dia”, Jesus respondeu.

Os judeus ficaram ainda mais perplexos: “Ainda não tens cinquenta anos, e viste a Abraão?”

E Jesus respondeu com uma de suas declarações mais ousadas: “Em verdade, em verdade vos digo: Antes que Abraão existisse, Eu Sou”. Eles então apanharam pedras para apedrejá-lo.

A lei de Moisés estabelecia o apedrejamento como punição para a blasfêmia. À primeira vista, alguém poderia perguntar o que havia de blasfemo nas palavras de Cristo. É claro que havia a afirmação de ter vivido antes de Abraão. Mas isso ele dizia com frequência. Ele havia “descido” do céu e “sido enviado” pelo Pai. Afirmações desse tipo eram toleráveis. Observe, porém, suas palavras. Ele não disse: “Antes que Abraão existisse, eu era”, mas, “Eu Sou”. O que ele fez, portanto, foi uma declaração de que ele existia eternamente, desde antes de Abraão. Mas isso não é tudo. Há mais nesse “Eu Sou” do que uma afirmação de sua eternidade; há também uma afirmação de divindade. “Eu Sou” é o nome divino pelo qual Jeová se revelou a Moisés na sarça ardente. “Eu Sou o que Sou [...] Assim dirás aos filhos de Israel: Eu Sou me enviou a vós outros.” Foi esse título divino que Jesus discretamente tomou para si. Foi por essa razão que os judeus pegaram em pedras, para vingar a blasfêmia.

A segunda declaração direta ocorreu após a ressurreição (se é que podemos afirmar, por enquanto, que houve mesmo ressurreição). João registra (20.26-29) que no domingo seguinte à Páscoa, o incrédulo Tomé estava com os outros discípulos em um cenáculo quando Jesus apareceu no meio deles. Ele convidou Tomé a tocar em suas feridas, e Tomé,

dominado pela emoção, clamou: “Senhor meu e Deus meu!” Jesus aceitou essa designação. Ele repreendeu Tomé por sua incredulidade, não por sua adoração.

AFIRMAÇÕES INDIRETAS

As afirmações sobre a divindade de Cristo, tanto diretas quanto indiretas, foram se tornando cada vez mais convincentes. As implicações de seu ministério davam um testemunho tão eloquente de sua pessoa quanto suas declarações. Em muitas ocasiões ele exerceu funções que cabiam a Deus. Citaremos aqui quatro dessas funções.

A primeira é a afirmação sobre *perdoar pecados*. Em duas ocasiões específicas Jesus perdoou pecadores.¹³ Na primeira vez em que isso ocorreu, um paralítico foi trazido a ele pelos amigos e descido em uma maca através do teto. Jesus viu que a sua necessidade era basicamente espiritual e surpreendeu a multidão ao dizer a ele: “Filho, os teus pecados estão perdoados”.

A segunda afirmação de perdão foi feita a uma mulher de má fama. Jesus estava fazendo uma refeição na casa de um fariseu quando ela se aproximou dele, lavou-lhe os pés com suas lágrimas, enxugou-os com seus cabelos, beijou-o e ungiu-o com unguento. Jesus então disse a ela: “Perdoados são os teus pecados”.

Em ambas as ocasiões os espectadores ergueram as sobrancelhas e perguntaram: “Quem é este que até perdoa pecados? Isto é blasfêmia! Quem pode perdoar pecados senão um, que é Deus?” Os argumentos deles estavam corretos. Podemos perdoar as injúrias que outros nos fazem; mas o pecado que cometemos contra Deus somente o próprio Deus pode perdoar.

A segunda afirmação indireta se refere a *conceder vida*. Jesus descreveu a si mesmo como o “pão da vida”, “a vida” e “a ressurreição e a vida”. Ele se comparou à videira, que fornece sustento aos seus galhos, para expressar a dependência de seus seguidores em relação a ele. Ele ofereceu a uma mulher samaritana “água viva” e prometeu vida eterna ao jovem rico se esse deixasse tudo e o seguisse. Ele chamou a si mesmo de “Bom Pastor”, que não só daria a vida pelas ovelhas, mas lhes daria vida. Ele declarou que Deus havia lhe dado autoridade sobre toda a carne, para que ele concedesse vida eterna a todos que Deus lhe desse, e declarou: “O Filho vivifica aqueles a quem ele quer”.¹⁴

Essa afirmação foi tão definitiva que seus discípulos reconheceram claramente essa verdade. Deixá-lo tornou-se algo impossível. “Senhor, para quem iremos?”, perguntou Pedro. “Tu tens as palavras da vida eterna.”

A vida é um enigma. Quer seja a vida física, quer seja a espiritual, sua natureza é tão desconcertante quanto sua origem. Não podemos defini-la nem afirmar de onde ela vem. Só podemos considerá-la um dom divino. E é esse dom que Jesus veio nos conceder.

A terceira afirmação indireta de Jesus foi sobre *ensinar a verdade*. As verdades que ensinava, de maneira direta e dogmática, impressionavam as pessoas que o ouviam. Mas o que mais lhes chamava a atenção era a sua sabedoria.

Donde vem a este estas coisas? Que sabedoria é esta que lhe foi dada? [...] Não é este o carpinteiro...?

Como sabe este letras sem ter estudado?

Eles ficavam ainda mais impressionados com a autoridade com que dizia essas coisas:

Jamais alguém falou como este homem.

Porque a sua palavra era com autoridade.

Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina, porque ele as ensinava como quem tem autoridade, e não como os escribas.¹⁵

Se a sua autoridade não era como a dos escribas, também não era como a dos profetas. Os escribas nunca ensinavam sem citar a fonte de sua autoridade. Os profetas falavam com a autoridade de Jeová. Mas Jesus reivindicava uma autoridade própria. Sua fórmula não era: “Assim diz o Senhor”, mas: “Em verdade, em verdade vos digo”. Ele afirmou algumas vezes que a doutrina que ensinava não era sua, mas do Pai que o enviara. Entretanto, ele reconhecia ser o instrumento de revelação divina, o que lhe dava grande segurança pessoal para ensinar. Ele nunca hesitou ou se desculpou. Nunca precisou voltar atrás, retirar ou modificar alguma coisa que tivesse falado. Ele proferiu as palavras inequívocas de Deus: “Porque eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste”. Ele predisse o futuro com completa convicção. Pronunciou mandamentos morais absolutos como: “Amai os vossos inimigos”; “Não vos inquieteis com o dia de amanhã”; “Não julgueis, para que não sejais julgados”. Ele não tinha dúvidas quanto ao cumprimento de suas promessas: “Pedi, e dar-se-vos-á”. Ele afirmou que suas palavras eram eternas como a lei, e que nunca passariam. Ele advertiu seus ouvintes de que seus destinos dependiam de sua resposta ao seu ensino, assim

como o destino de Israel havia dependido de sua resposta à palavra de Jeová.

A quarta afirmação indireta de Cristo foi sobre *julgar o mundo*. Talvez essa seja a mais extraordinária de suas declarações. Várias de suas parábolas mencionam que ele voltará no final dos tempos, e que o dia final de ajuste de contas será adiado até que ele venha. Ele ressuscitará os mortos, e todas as nações se ajuntarão diante dele. Ele se assentará no trono de sua glória, e o julgamento será confiado a ele pelo Pai. Ele então separará os homens, como o pastor separa as ovelhas dos bodes. Alguns serão convidados a entrar e a herdar o reino preparado para eles desde a fundação do mundo. Outros ouvirão as terríveis palavras: “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos”.¹⁶

Jesus não só será o Juiz que irá julgar, o critério de julgamento será a atitude dos homens para com ele, demonstrada através da maneira como eles trataram os “pequeninos” ou foram obedientes à sua palavra. Aqueles que o reconhecerem diante dos homens serão reconhecidos por ele diante do Pai; aqueles que o negarem, ele os negará também. De fato, para alguém ser excluído do céu nos últimos dias, basta que Jesus lhe diga: “Nunca vos conheci”.¹⁷

É difícil avaliar o impacto de uma declaração como essa. Imagine um pastor dirigindo-se à sua congregação nesses termos, hoje: “Escutem o que eu estou dizendo, prestem atenção nas minhas palavras, pois o destino eterno de vocês depende disto. Eu voltarei no final dos tempos para julgá-los, e o destino de cada um será determinado de acordo com a sua obediência a mim”. Certamente tal pastor

não conseguiria escapar por muito tempo das mãos da polícia ou dos psiquiatras.

AFIRMAÇÕES DRAMATIZADAS

Resta-nos agora considerar os milagres registrados de Jesus, que podem ser interpretados como declarações dramatizadas.

Não cabe aqui uma discussão detalhada sobre a possibilidade e o propósito dos milagres. É suficiente mencionar que o valor dos milagres de Cristo se encontra menos em seu caráter sobrenatural do que em seu significado espiritual. Eles eram tanto “sinais” quanto “maravilhas”. Nunca foram realizados como exibição de poder ou de forma insensata. Seu propósito não era chamar a atenção ou demonstrar autoridade. Podemos dizer que os milagres eram representações das parábolas de Jesus, uma expressão visual de suas declarações. Suas obras eram dramatizações de suas palavras.

João percebeu isso claramente. Seu Evangelho gira em torno de seis ou sete “sinais” selecionados (veja 20.30-31) e relacionados às grandes declarações “Eu sou” feitas por Jesus. O primeiro sinal foi a transformação da água em vinho na festa de casamento em Caná da Galileia. Esse não é exatamente um milagre edificante. A sua importância está além das aparências. João nos diz que as jarras de pedra estavam preparadas para os “rituais judaicos de purificação”. Esta é uma boa dica. A água representa a antiga religião, assim como o poço de Jacó no capítulo 4, rico em associações com o Antigo Testamento. O vinho significa a religião de Jesus. Ao transformar a água em vinho, a mensagem que estava sendo transmitida era de que o evangelho havia tomado o lugar

da lei. O sinal anunciava que Jesus tinha competência para inaugurar uma nova ordem. Ele era o Messias. Logo depois, quando a mulher samaritana perguntou-lhe se era o Messias, ele disse: “Eu o sou, eu, que falo contigo”.

Do mesmo modo, ao alimentar cinco mil pessoas, ele estava ilustrando sua declaração de satisfazer a fome do coração humano. “Eu sou o pão da vida”, ele afirmou. Pouco depois, ele abriu os olhos de um cego de nascença, depois de ter declarado: “Eu sou a luz do mundo”. Se ele foi capaz de restaurar a vista aos cegos, certamente poderia abrir os olhos dos homens para que vissem e conhecessem a Deus. Finalmente, ele trouxe de volta à vida um homem chamado Lázaro, que estava morto havia quatro dias, e afirmou: “Eu sou a ressurreição e a vida”. Ele ressuscitou um morto. Isso é um sinal. A vida do corpo simboliza a vida da alma. Enquanto estamos vivos, Cristo é a nossa vida, após a morte Cristo é a certeza da nossa ressurreição. Todos os seus milagres são parábolas, pois os homens estão espiritualmente famintos, cegos e mortos, e somente Cristo pode satisfazer a sua fome, restaurar a sua vista e ressuscitá-los para uma nova vida.¹⁸

CONCLUSÃO

Não há como excluir essas declarações do ensino do carpinteiro de Nazaré. Não é possível afirmar que seriam invenções dos escritores dos Evangelhos, ou exagero da parte deles. Elas podem ser encontradas nos quatro Evangelhos, e as evidências de sua veracidade são bastante consistentes e equilibradas.

As declarações, por si só, não constituem evidência de sua divindade. Podem ser falsas, mas deve haver alguma explicação para isso. Não podemos considerar que Jesus foi um grande mestre se ele estava errado em relação a um dos pontos principais de seu ensino, ou seja, ele mesmo. Muitos estudiosos da vida de Jesus reconhecem nele uma certa “megalomania” incômoda:

Essas declarações na boca de um homem comum soariam arrogantes e de extrema megalomania.¹⁹

A discrepância entre a profundidade e a sanidade, e (deixe-me acrescentar) a *perspicácia* de sua doutrina moral e a desmedida megalomania que deve estar por trás de seu ensino teológico, a menos que ele seja de fato Deus, jamais foi explicada de forma satisfatória.²⁰

Seria ele um impostor? Teria ele tentado ganhar a devoção dos homens com suas visões, alegando uma autoridade divina que não possuía? É difícil acreditar que isso poderia ter acontecido. Há uma certa ingenuidade em Jesus. Ele odiava a hipocrisia e era transparentemente sincero.

Essa sinceridade seria uma farsa? Teria ele uma imagem ilusória de si mesmo? Alguns defendem essa possibilidade, mas suspeita-se que a imagem ilusória deles seja maior que a de Jesus. Jesus não aparentava nenhuma anormalidade, o que seria de se esperar em uma pessoa perturbada. Seu caráter sustenta suas declarações. Com isso em vista, devemos agora prosseguir nossa investigação.

3.

O CARÁTER DE CRISTO

ANOS ATRÁS EU RECEBI UMA carta de um jovem conhecido. “Acabei de fazer uma grande descoberta”, ele escreveu. “O Todo-Poderoso teve dois filhos. Jesus Cristo foi o primeiro; eu sou o segundo.” Olhei para o endereço que constava no envelope; a carta havia sido enviada de um famoso hospital para doentes mentais.

Muitos desejam ser importantes ou mesmo divinos. Os hospícios estão cheios de pessoas iludidas afirmando ser Júlio César, o primeiro-ministro de algum país, o imperador do Japão ou Jesus Cristo. Ninguém acredita nelas. Essas pessoas não conseguem enganar ninguém, a não ser a si mesmas. Elas não têm seguidores, exceto talvez alguns colegas na mesma condição. Elas não conseguem convencer outras pessoas simplesmente porque não aparentam ser quem afirmam. O caráter delas não sustenta suas afirmações.

A convicção cristã sobre Cristo é grandemente fortalecida pelo fato de que há fortes indícios de que ele era realmente

quem afirmava ser. Não há discrepância entre suas palavras e seus atos. Ele precisava ter um caráter realmente excepcional para dar veracidade às suas declarações, mas nós cremos que ele demonstrou tal caráter. Seu caráter não prova que suas declarações eram verdadeiras, mas as ratifica de forma bastante contundente. Suas declarações são únicas, seu caráter inigualável. John Stuart Mill o chamou de “um personagem único, diferente de todos que o precederam e de todos que vieram depois dele”.¹

Carnegie Simpson escreveu:

Instintivamente não o colocamos no mesmo nível de outras pessoas. Quando seu nome é incluído em uma lista que começa com Confúcio e termina com Goethe, sentimos que isso é um ultraje, não tanto contra a ortodoxia, mas principalmente contra a decência. Jesus não faz parte da relação das grandes figuras desse mundo. Podemos citar Alexandre, o Grande, Carlos Magno ou Napoleão [...] mas não Jesus. Ele está fora. Ele não é “grande”, ele é “único”. Ele é simplesmente Jesus. Não é preciso acrescentar mais nada... Ele está além de nossos critérios de análise. Ele confunde nossos princípios da natureza humana. Ele nos obriga a deixarmos de lado nosso criticismo. Ele infunde temor e reverência aos nossos espíritos. Há um ditado de Charles Lamb [...] que diz: “Se Shakespeare entrasse nesse auditório nós nos levantaríamos todos para saudá-lo, mas se aquela Pessoa entrasse nele, nós todos nos prostraríamos a seus pés e tentaríamos beijar a orla de suas vestes”.²

Nossa intenção, portanto, é demonstrar que Jesus se coloca em determinada categoria moral por si mesmo. Afirmar que ele foi “o homem mais importante que já existiu” não nos satisfaz. Não podemos falar de Jesus em termos comparativos ou nem mesmo superlativos. Para nós não é uma questão de

comparação, mas de contraste. “Por que me chamas bom?”, ele perguntou ao jovem rico. “Ninguém é bom senão um só, que é Deus”. “Exatamente”, deveríamos responder. “Não que sejas melhor que os outros homens, ou o melhor de todos os homens. Tu és bom – bom conforme a absoluta bondade de Deus”.

A importância dessa afirmação deve ficar clara. O pecado é uma doença congênita entre os homens. Nascemos com essa infecção em nossa natureza. Trata-se de uma doença universal, que atinge todos os homens. Portanto, se Jesus de Nazaré não pecou, é porque ele não era um homem da maneira como entendemos que são os homens. Se ele não pecou, ele é diferente de nós. Ele é sobrenatural.

Seu caráter foi mais extraordinário que o maior de todos os seus milagres.³

Esta distinção entre Jesus e os pecadores não é de pouca importância, ao contrário, é estupenda; é o pressuposto para a redenção; é essa virtude de Cristo que o qualifica para ser o nosso Salvador. Sem isso, ele precisaria ser salvo tanto quanto nós.⁴

Para nos auxiliar a entender melhor esse ponto, iremos resumir a evidência da impecabilidade de Cristo em quatro temas.

O QUE CRISTO DISSE DE SI MESMO

Em uma ou duas ocasiões, Jesus declarou diretamente que não tinha pecado. Quando uma mulher foi apanhada em adultério e arrastada até ele, Jesus lançou um desafio constrangedor aos seus acusadores: “Aquele que dentre vós estiver sem

pecado, seja o primeiro que lhe atire pedra”. Um a um eles foram saindo, até que não sobrou ninguém. Mais adiante, nesse mesmo capítulo (João 8), encontramos que Jesus lançou um outro desafio, desta vez referente a si mesmo: “Quem dentre vós me convence de pecado?” Ninguém respondeu. Todos se foram discretamente quando ele os acusou. Mas quando ele encorajou-os a acusá-lo, ele permaneceu sentado e respondeu às suas acusações. Eles eram todos pecadores; ele não tinha pecado. Ele viveu uma vida de perfeita obediência à vontade de seu Pai. “Eu faço sempre o que lhe agrada”, ele disse. Não havia nada de arrogante nessas palavras. Ele falava naturalmente, sem estardalhaço ou presunção.

Da mesma forma, pela própria natureza de seu ensino, ele mesmo se colocou em uma determinada categoria moral. Sem dúvida o fariseu no templo, em sua arrogante oração de ação de graças, também fez a mesma coisa. “Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens”. Porém, Jesus assumiu sua condição única sem nenhum constrangimento. Ele não precisava atrair a atenção das pessoas para que percebessem isso. Era algo tão óbvio que não precisava ser enfatizado. Era algo implícito, não declarado. Todos os outros homens eram como ovelhas desgarradas; ele era o Bom Pastor que veio para buscá-las e salvá-las. Todos os outros homens estavam contaminados pela doença do pecado; ele era o médico que veio para curá-los. Todos os outros homens estavam mergulhados na escuridão do pecado e da ignorância; ele era a luz do mundo. Todos os outros homens eram pecadores; ele veio ao mundo para salvá-los e derramar o seu sangue na cruz para que seus pecados fossem perdoados. Todos os outros

homens estavam famintos; ele era o pão da vida. Todos os outros homens estavam mortos em seus pecados e transgressões; ele veio para lhes dar vida no presente e ressurreição no futuro. Todas essas metáforas expressam sua condição moral única, da qual ele tinha plena consciência.

Não é de surpreender, portanto, que ouvimos falar das tentações de Jesus, mas nunca ouvimos nada sobre seus pecados. Ele nunca confessou seus pecados ou pediu perdão, embora tenha ensinado seus discípulos a agir assim. Ele nunca demonstrou ter consciência de alguma falha moral. Ele parecia não ter nenhum sentimento de culpa ou de distanciamento para com Deus. Jesus foi batizado por João com o “batismo de arrependimento”, mas João resistiu antes de batizá-lo. Jesus se submeteu ao batismo não por reconhecer que era pecador, mas para “cumprir toda a justiça”. Ele viveu toda a sua vida em comunhão ininterrupta com o Pai.

Essa ausência de todo tipo de desconforto moral e esse senso de comunhão inabalável com Deus são particularmente extraordinários por duas razões. A primeira é que Jesus possuía um agudo discernimento moral. “Ele... conhecia aquilo que estava no homem.” As narrativas dos Evangelhos frequentemente registram que ele conhecia os questionamentos e perplexidades que as pessoas traziam dentro de si. Sua percepção clara o levou a denunciar corajosamente a hipocrisia dos fariseus. Ele odiava a hipocrisia deles e investia contra eles, esbravejando, tal como os profetas do Antigo Testamento. Ostentação e soberba eram coisas abomináveis para ele. Entretanto, seu olhar penetrante não encontrava nele mesmo nenhum pecado.

A segunda razão pela qual sua pureza constrangedora nos impressiona é que ela é totalmente diferente da experiência dos santos e místicos. O cristão sabe que, quanto mais se aproxima de Deus, mais se torna consciente de seu próprio pecado. Essa é a grande diferença entre o santo e o cientista. Quanto mais o cientista descobre, mais aprecia os mistérios que estão à sua espera para serem descobertos. Quanto mais o cristão se torna semelhante a Cristo, mais percebe o quanto está distante do Mestre.

Uma leitura superficial da biografia de qualquer cristão é suficiente para convencer o leitor desse fato, se sua própria experiência não oferecer evidência suficiente. Vejamos um exemplo. David Brainerd foi um jovem missionário pioneiro entre os índios do Estado de Delaware, no início do século 19. Seu diário e suas cartas revelam a riqueza de sua devoção por Cristo. Apesar de enfrentar grande sofrimento e limitações físicas que o levaram à morte aos vinte e nove anos de idade, ele se entregou sem reservas ao trabalho. Viajou a cavalo por entre matas fechadas, pregou e ensinou sem descanso, dormiu ao relento e viveu contente mesmo sem ter um lugar certo para morar ou uma família. Seu diário está repleto de expressões de amor dedicadas aos seus “queridos índios” e de orações de louvor ao seu Salvador.

Alguém talvez imagine que um homem assim deve ser um santo, cuja vida e obra pouco foram maculadas pelo pecado. No entanto, ao folhearmos as páginas de seu diário, observamos um lamento contínuo por sua “corrupção” moral. Ele se queixava de sua falta de oração e de amor por Cristo, referindo-se a si mesmo como “pobre verme”, “cachorro

morto” e “miserável totalmente indigno”. Não que ele tivesse uma consciência mórbida. Ele apenas estava tão próximo de Cristo que isso o deixava dolorosamente consciente de seus pecados.

Os que de bom grado servem melhor a ti
São os que têm consciência do pecado dentro de si.

No entanto, Jesus Cristo, que viveu mais perto de Deus do que qualquer outra pessoa, estava livre de todo pecado.

O QUE DISSERAM OS AMIGOS DE JESUS

Ficou claro, então, que Jesus acreditava que ele não tinha pecado, do mesmo modo que acreditava ser o Messias e o Filho de Deus. Mas ele não poderia estar enganado? O que seus discípulos achavam disso tudo? Será que eles eram da mesma opinião?

Alguns acham que o testemunho dos discípulos de Cristo era tendencioso. Argumentam que eles eram favoráveis a Jesus e que deliberadamente o pintaram com cores mais fortes do que ele merecia. Mas essa é uma crítica injusta. Não podemos desconsiderar suas declarações com tanta facilidade. Há várias razões pelas quais podemos confiar em suas evidências.

Primeiro, eles conviveram intimamente com Jesus por aproximadamente três anos. Eles comiam com ele e o acompanhavam em todos os lugares. Experimentaram a proximidade desconfortável do mesmo barco. Tinham até uma bolsa comum (uma espécie de conta bancária conjunta, o que poderia causar muitos desentendimentos e brigas!) Os discípulos provocavam uns aos outros, e brigavam entre si, mas nunca

encontraram em Jesus os pecados que encontravam neles mesmos. A familiaridade normalmente gera desrespeito, mas não nesse caso. Na verdade, duas das principais testemunhas da incorruptibilidade de Cristo, Pedro e João (como veremos mais adiante), pertenciam ao grupo de discípulos mais próximos de Jesus (formado por Pedro, Tiago e João) a quem ele concedeu privilégios especiais e se revelou ainda mais intimamente.

Segundo, o testemunho dos apóstolos nesse assunto é digno de confiança porque eles eram judeus cujas mentes haviam sido educadas desde a infância nas doutrinas do Antigo Testamento. E uma doutrina do Antigo Testamento que eles haviam por certo assimilado é a da universalidade do pecado humano:

Todos se desviaram, igualmente se corromperam; não há ninguém que faça o bem, não há nem um sequer.

Todos nós, tal qual ovelhas, nos desviamos, cada um de nós se voltou para o seu próprio caminho.

À luz desse ensino bíblico, é possível afirmar que eles não teriam atribuído incorruptibilidade a alguém facilmente.

Terceiro, o testemunho apostólico da incorruptibilidade de Jesus é mais digno de crédito porque é indireto. Eles não estavam preocupados em provar que ele não tinha pecado. Suas observações são isoladas. Estão discutindo algum outro assunto, e acrescentam quase que como um parêntese, uma referência à sua incorruptibilidade.

Vejamos o que eles dizem. Pedro primeiro descreve Jesus como “um cordeiro sem defeito e sem mácula” e então diz

que ele “não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca”. João claramente declara que todos os homens são pecadores, e se dissermos que não temos pecado ou que não pecamos somos mentirosos e fazemos de Deus um mentiroso também. Mas ele continua e diz que, em Cristo, que se manifestou para tirar os nossos pecados, “não há pecado”.⁵

Podemos acrescentar a esses testemunhos as palavras de Paulo e do autor da epístola aos Hebreus. Eles descrevem Jesus como alguém que “não conheceu pecado”, ao contrário, era “santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores”, e que “foi tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado”.⁶

O QUE OS INIMIGOS DE CRISTO RECONHECERAM

Podemos sentir que pisamos em solo ainda mais firme quando observamos o que os inimigos de Jesus achavam dele. Eles por certo não eram tendenciosos, pelo menos não a favor dele. Lemos nos Evangelhos que “eles o vigiavam”, tentando “apanhá-lo em suas palavras”. É de conhecimento geral que, quando um debate não pode ser vencido por meio da argumentação, os que apreciam uma controvérsia transferem a discussão para o campo pessoal. Na falta de argumentos, a lama pode ser um bom substituto. Até mesmo os registros da história da igreja estão cobertos pela lama das animosidades pessoais. Assim era com os inimigos de Jesus.

Marcos menciona quatro críticas (de 2.1 a 3.6). A primeira delas é a acusação de blasfêmia. Jesus havia perdoado os pecados de um homem. Ao fazer isso, ele estava invadindo território divino. Aquilo era uma blasfêmia arrogante, eles diziam.

Mas é possível levantar a seguinte questão: se Jesus fosse de fato divino, então ele tinha o direito de perdoar pecados.

Na segunda crítica, seus adversários ficaram horrorizados (pelo menos foi o que eles disseram) com suas ligações com o mal. Ele confraternizava com pecadores. Comia com publicanos. Permitia que prostitutas se aproximassem dele. Nenhum fariseu sonharia ter esse tipo de comportamento. Eles recolhiam suas vestes e evitavam contato com esse tipo de gente, julgando-se justos ao agir assim. Não apreciavam a misericórdia e a ternura de Jesus que, embora “separado dos pecadores”, recebeu o honroso título de “amigo dos pecadores”.

A terceira acusação é de que sua religião era fútil. Ele não jejuava como os fariseus, ou mesmo como os discípulos de João Batista. Ele foi considerado um “glutão e um bebedor”, que veio para “comer e beber”. Um ataque assim raramente merece uma resposta séria. Jesus certamente foi uma pessoa alegre, mas não há dúvida de que levava a religião a sério.

Por fim, eles ficaram enfurecidos porque Jesus quebrou o sábado. Ele curou doentes no dia de sábado. Seus discípulos caminharam pelo milharal no sábado, apanhando e comendo milho, o que os escribas e fariseus proibiam por entender que essas atividades eram equivalentes ao trabalho de colher e debulhar. Ninguém, no entanto, tinha motivos para duvidar que Jesus não fosse submisso à lei de Deus. Ele se sujeitou à lei, e quando se envolvia em alguma controvérsia ele recomendava aos seus oponentes que a usassem como árbitro. Ele também afirmou que Deus fez o sábado para beneficiar

o homem. Mas, como “Senhor do sábado” ele reivindicou o direito de colocar de lado as falsas tradições dos homens e dar à lei de Deus sua verdadeira interpretação.

Todas essas acusações são banais e carecem de sustentação. Assim, quando Jesus foi a julgamento, seus detratores tiveram que contratar falsas testemunhas para acusá-lo. Mesmo assim, elas divergiam entre si. Na verdade, a única acusação que seus inimigos conseguiram levantar contra ele não era de caráter moral, mas político. Quando o prisioneiro político colocou-se diante dos homens para receber a sua condenação, foi novamente declarado inocente. Pilatos, após várias tentativas covardes de fugir do problema, lavou as mãos publicamente e declarou-se “inocente do sangue deste justo”. Herodes não conseguiu encontrar nada contra ele. Judas, o traidor, cheio de remorso, devolveu as trinta moedas de prata aos sacerdotes dizendo: “Pequei, traindo sangue inocente”. O ladrão arrependido na cruz repreendeu seu companheiro por desrespeitá-lo e acrescentou: “este homem nenhum mal fez”. Finalmente, o centurião, depois de ter presenciado o sofrimento e a morte de Jesus, exclamou: “Verdadeiramente este homem era justo”.⁷

O QUE PODEMOS VER POR NÓS MESMOS

Ao avaliar o caráter de Jesus Cristo, não precisamos confiar somente no testemunho de outros; podemos fazer nossas próprias considerações. A perfeição moral discretamente reivindicada por ele, confiantemente confirmada por seus amigos e relutantemente reconhecida por seus inimigos, aparece claramente nos Evangelhos.

Os relatos dos Evangelhos oferecem muitas oportunidades para formarmos nosso próprio julgamento. O quadro de Jesus pintado pelos evangelistas é bastante abrangente. É verdade que eles se dedicam principalmente aos três anos do seu ministério, mas nos dão também uma visão rápida de sua infância. Lucas menciona duas vezes que, durante os anos de silêncio em Nazaré, Jesus se desenvolveu fisicamente, mentalmente e espiritualmente, crescendo em graça diante de Deus e dos homens.

Nos Evangelhos nós vemos Jesus se retirando reservadamente com seus discípulos e o observamos em meio ao alvoroço ruidoso da multidão. Contemplamos seu ministério na Galileia, onde ele foi recebido e adorado como herói pela multidão, que queria coroá-lo rei à força, e o seguimos pelos claustros do templo de Jerusalém, onde fariseus e saduceus unidos o interrogaram discretamente. Quer aplaudido e aclamado pela multidão, quer mergulhando nas profundezas da mais amarga rejeição, ele é o mesmo Jesus. Ele é consistente. Ele não altera o seu estado de espírito. Ele não muda.

A imagem que temos dele é de uma pessoa equilibrada. Não há nele nenhum sinal de perturbação. Ele acreditava firmemente naquilo que ensinava, mas não era um fanático. Sua doutrina era fora do comum, mas ele não era um excêntrico. Há evidências tanto da sua divindade quanto da sua humanidade. Ele se cansava. Ele precisava dormir, comer e beber como qualquer outro homem. Ele sentiu as emoções humanas de amor e ira, alegria e tristeza. Ele era completamente humano, e no entanto, não era apenas um homem.

Acima de tudo, ele era altruísta. Nada é mais impactante que isso. Mesmo tendo certeza de sua divindade, ele não exaltava a sua condição. Ele nunca se vangloriava. Não havia nenhum traço de orgulho em Jesus. Ele era humilde.

A combinação entre a maneira como ensinava e o modo como se comportava forma um estranho paradoxo. No pensamento, ele exigia o primeiro lugar; nos atos, ele se colocava em último. Ele exibia ao mesmo tempo uma grande autoestima e um enorme desprendimento pessoal. Ele era Senhor de todos, e tornou-se servo de todos. Ele disse que veio para julgar o mundo, e lavou os pés dos discípulos.

Nunca ninguém deu tanto de si. Ele renunciou às alegrias do céu em troca dos sofrimentos da terra, trocando sua imunidade eterna contra o pecado pelo contato doloroso com o mal deste mundo. Ele nasceu de uma pobre mãe hebraica em um estábulo imundo, que ficava num vilarejo insignificante chamado Belém. Logo depois, ele teve que se refugiar no Egito. Foi criado na obscura aldeia de Nazaré, e precisou trabalhar duro em uma carpintaria para sustentar sua mãe e seus irmãos. No tempo devido, tornou-se um pregador itinerante, de vida modesta, poucas posses e nenhum lar. Teve como amigos pescadores e publicanos. Tocou em leprosos e permitiu que prostitutas o tocassem. Dedicou sua vida inteira a um ministério de cura, auxílio, ensino e pregação.

Foi incompreendido e suas palavras deturpadas, tornando-se vítima dos preconceitos e interesses escusos dos homens. Ele foi desprezado e rejeitado pelo seu próprio povo, e abandonado pelos seus amigos. Teve suas costas açoitadas, sua face cuspidada, sua cabeça revestida por uma coroa de espinhos, suas

mãos e pés traspassados por pregos sobre uma cruz romana. E enquanto seus expectadores cruéis voltavam para suas casas, ele permanecia orando por seus torturadores: “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem”.

Um homem assim está acima do nosso entendimento. Ele venceu onde nós invariavelmente seríamos derrotados. Ele tinha pleno autocontrole. Nunca retaliou. Nunca ficou ressentido ou irritado. Tinha tamanho controle de si mesmo que, a despeito daquilo que os homens pudessem pensar, dizer ou fazer negava-se a si mesmo e se submetia à vontade de Deus e ao bem da humanidade. “Não procuro a minha própria vontade”, ele dizia, “Eu não procuro a minha própria glória”. Como Paulo escreveu: “Cristo não se agradou a si mesmo”.

Esse enorme desprendimento e desejo de servir a Deus e ao homem é o que a Bíblia chama de amor. O amor não é egoísta. A essência do amor é a abnegação. O mais miserável dos homens pode ocasionalmente demonstrar nobreza de caráter, mas isso resplandecia na vida de Jesus como uma chama cujo brilho é inextinguível.

Jesus nunca pecou porque era altruísta. Isso é amor. E Deus é amor.

4.

A RESSURREIÇÃO DE CRISTO

DEPOIS DE CONSIDERARMOS AS afirmações inusitadas de Jesus e o caráter altruísta demonstrado por ele, passaremos agora a examinar as evidências históricas de sua ressurreição.

Se Jesus de fato ressuscitou, isso certamente teve grande importância. Se Jesus de Nazaré ressuscitou dentre os mortos, ele foi então uma figura única e incomparável. Não se trata de uma sobrevivência espiritual, nem de uma recuperação física, mas de sua vitória sobre a morte e de sua ressurreição para uma dimensão diferente de vida. Não sabemos de mais ninguém que tenha tido essa experiência. O homem moderno, no entanto, pensa como os filósofos atenienses que ouviram a pregação de Paulo no Areópago: “Quando ouviram falar de ressurreição dos mortos, uns escarneceram...”

A ressurreição por si só não prova sua divindade, mas é um argumento consistente. Somente uma pessoa com características sobrenaturais poderia deixar esse mundo de

maneira tão extraordinária. No entanto, é isso que o Novo Testamento relata, e é nisso que os cristãos sempre acreditaram. Seu nascimento foi natural, mas a sua concepção foi sobrenatural. Sua morte foi natural, mas a sua ressurreição foi sobrenatural. Sua concepção e ressurreição sobrenaturais não comprovam a sua divindade, mas são coerentes com esse argumento.¹

O próprio Jesus nunca mencionou que iria morrer sem acrescentar que ressuscitaria. Ele descreveu sua futura ressurreição como um “sinal”. Paulo, no início de sua carta aos Romanos escreve que Jesus foi “designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade, pela ressurreição dos mortos”, e os primeiros sermões dos apóstolos registrados em Atos afirmam repetidas vezes que, através da ressurreição, Deus reverteu a sentença do homem e justificou seu Filho.

Lucas, conhecido como um historiador detalhista e acurado, diz que “há muitas provas incontestáveis” da ressurreição de Jesus. Podemos não querer ir tão longe quanto Thomas Arnold, que considerou a ressurreição “o fato mais bem comprovado da história”, mas, por certo, muitos estudiosos imparciais consideram que as evidências são extremamente boas. Por exemplo, Sir Edward Clarke KC escreveu ao reverendo E. L. Macassey o seguinte:

Como advogado, fiz um longo e minucioso estudo das evidências encontradas nos eventos ocorridos no primeiro dia da Páscoa. Para mim elas são conclusivas. Foram muitas as ocasiões em que aceitei um veredicto na Suprema Corte baseado em evidências muito menos contundentes. As evidências levam à inferência, e uma testemunha que diz a verdade se comporta de maneira natural, dispensando encenações.

Assim são as evidências apresentadas nos Evangelhos para a ressurreição, e, como advogado, eu as aceito sem reservas, como testemunho de homens que falaram a verdade em relação a fatos que eles puderam comprovar.

Quais são essas evidências? Podemos tentar resumi-las em quatro declarações.

O CORPO DESAPARECEU

As narrativas da ressurreição presentes nos quatro Evangelhos começam com a visita de certas mulheres, de manhã bem cedo, no domingo de Páscoa, ao túmulo. Ao entrar no sepulcro, elas ficam perplexas ao descobrir que o corpo do Senhor havia desaparecido.

Poucos dias depois, os apóstolos começam a pregar que Jesus havia ressuscitado. Isso passou a ser o centro de sua mensagem. Mas eles não poderiam esperar que os homens acreditassem em suas palavras se o corpo de Jesus ainda permanecia dentro do túmulo de José. Mas o túmulo estava vazio. O corpo não estava mais ali. Esse fato é indubitável. A questão é como explicá-lo.

Primeiro, há a teoria de que as mulheres foram ao túmulo errado. Ainda estava escuro, e elas estavam atordoadas de tanta tristeza. Poderiam facilmente ter cometido um erro, como alguns pensam.

Esse argumento parece razoável, mas não resiste a um exame mais acurado. Para começar, não estava totalmente escuro. É verdade que João diz que as mulheres vieram “sendo ainda escuro”. Mas em Marcos 16.2 lemos “muito cedo, no primeiro dia da semana, ao despontar do sol”, enquanto que Lucas diz “no primeiro dia da semana, de manhã bem cedo”.

Além disso, essas mulheres não eram tolas. Ao menos duas delas tinham visto com os próprios olhos o lugar onde José e Nicodemos haviam sepultado o corpo. Tinham até mesmo acompanhado todo o sepultamento, “sentadas em frente da sepultura”. Essas mesmas mulheres (Maria Madalena e Maria, mãe de Jesus) retornaram ao local no nascer do dia, levando com elas Salomé, Joana e “as outras mulheres”. Portanto, se uma delas tivesse errado o caminho, as outras provavelmente teriam corrigido. E se Maria Madalena tivesse ido ao lugar errado na primeira vez, não teria repetido o erro ao retornar em plena luz do dia, permanecendo no jardim até o encontro com Jesus.

Além disso, elas não foram ao sepulcro logo cedo por mero sentimentalismo. Elas foram até lá com uma missão prática: levar aromas para ungir o corpo de seu Senhor, uma vez que a proximidade do sábado havia impedido que terminassem a tarefa dois dias atrás. Mulheres dedicadas e práticas assim não se deixariam enganar facilmente nem desistiriam da tarefa que tinham ido executar. Se elas erraram o local do sepulcro, Pedro e João, que correram para conferir a história delas, teriam cometido o mesmo erro? E aqueles que foram mais tarde ao sepulcro, incluindo José e o próprio Nicodemos, também teriam errado de túmulo?

A segunda explicação para o túmulo vazio é a teoria do desmaio. Os que sustentam essa visão querem nos fazer crer que Jesus não morreu na cruz, apenas sofreu um desmaio. Então ele recobrou a consciência no sepulcro, abandonou o local e logo depois se apresentou aos seus discípulos.

Essa teoria é bastante questionável, além de estar baseada em fatos totalmente deturpados. As evidências a contradizem por completo. Pilatos ficou surpreso quando soube que Jesus já estava morto, mas foi convencido pela certeza do centurião, dando permissão a José para remover o corpo da cruz. O centurião estava seguro porque devia estar presente quando “um dos soldados perfurou o lado de Jesus com uma lança, e logo saiu sangue e água”. José e Nicodemos desceram seu corpo da cruz, envolveram-no em um lençol e o puseram no sepulcro novo de José.

É possível acreditar que Jesus esteve esse tempo todo desmaiado? Que depois dos rigores e das dores de um julgamento, das zombarias e dos açoites, e por fim da crucificação ele pudesse sobreviver trinta e seis horas dentro de um frio sepulcro de pedra, sem se alimentar e sem cuidados médicos? Teria ele condições físicas para fazer um esforço sobrenatural, como o de rolar a pedra que fechava o sepulcro, sem chamar a atenção da guarda romana? Fraco, debilitado e faminto, poderia ele aparecer aos discípulos de modo a dar-lhes a impressão de ter vencido a morte? Ou continuar afirmando que havia morrido e ressuscitado, e depois enviá-los ao mundo, prometendo estar com eles até o final dos tempos? Teria ele se escondido em algum lugar por quarenta dias, fazendo aparições ocasionais e de surpresa, para então finalmente desaparecer sem qualquer explicação? Crer em tais possibilidades é mais incrível que a falta de fé de Tomé.

A terceira teoria é a de que os ladrões roubaram o corpo. Não há qualquer evidência para essa hipótese. Não se explica

como os ladrões teriam ludibriado a guarda romana, nem por que teriam levado o corpo e deixado as vestes de sepultamento. Além do mais, por que eles fariam isso?

O quarto argumento é que os discípulos teriam removido o corpo. Mateus relata que esse foi o boato que os judeus espalharam nos primeiros dias. Ele escreve que Pilatos, tendo dado permissão para José remover o corpo de Cristo, recebeu uma delegação de sacerdotes e de fariseus, que disseram:

Senhor, lembramo-nos de que aquele embusteiro, enquanto vivia, disse: “Depois de três dias ressuscitarei”. Ordena, pois, que o sepulcro seja guardado com segurança até ao terceiro dia, para não suceder que vindo os discípulos, o roubem e depois digam ao povo: “Ressuscitou dos mortos”, e será o último embuste pior do que o primeiro.

Pilatos concordou e disse: “Aí tendes uma escolta; ide e guardai o sepulcro como bem vos parecer”. Os judeus então “montaram guarda ao sepulcro, selando a pedra e deixando ali a escolta”. Mateus continua seu relato descrevendo como a pedra, o selo e a escolta não puderam impedir a ressurreição, e como os soldados foram até a cidade relatar aos sacerdotes aquilo que havia acontecido.

Reunindo-se eles em conselho com os anciãos, deram grande soma de dinheiro aos soldados, recomendando-lhes que dissessem:

“Vieram de noite os discípulos dele e o roubaram, enquanto dormíamos”. Caso isso chegue ao conhecimento do governador, nós o persuadiremos, e vos poremos em segurança. Eles receberam o dinheiro e fizeram como estavam sendo instruídos. Esta versão divulgou-se entre os judeus até ao dia de hoje.

Mas essa história não convence. Seria razoável que uma guarda selecionada, romana ou hebraica, dormisse em serviço, quando orientada a vigiar? E se de fato eles permaneceram acordados, como as mulheres conseguiram passar por eles e colocar de volta a pedra no lugar?

Mesmo supondo que os discípulos tivessem conseguido remover o corpo do Senhor, há uma consideração psicológica que é suficiente para esvaziar a teoria toda. Lemos na primeira parte do livro de Atos que em suas primeiras pregações os apóstolos se concentraram no tema da ressurreição. “Vós o matastes [...], mas Deus o ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas”, eles diziam o tempo todo. Devemos então crer que eles estavam proclamando aquilo que sabiam ser uma mentira deliberada? Se eles roubaram realmente o corpo de Jesus, pregar a sua ressurreição seria espalhar uma inverdade conhecida e planejada. Eles não somente pregaram a ressurreição como sofreram por ela. Estariam eles preparados para serem presos, açoitados ou até mesmo morrer por uma mentira?

Isso simplesmente não soa verdadeiro. É tão improvável quanto impossível. Os Evangelhos e o livro de Atos não deixam dúvidas de que os apóstolos eram sinceros. Eles podem ter sido enganados, se você prefere pensar assim, mas não eram impostores. Hipócritas e mártires não são feitos do mesmo material.

A quinta e talvez menos plausível (embora ainda hipotética) explicação para o desaparecimento do corpo de Cristo é a de que as autoridades romanas ou judaicas mantiveram o corpo sob custódia. Elas deviam ter um bom motivo para

agir assim. Talvez tenham ouvido comentários sobre a ressurreição de Jesus, e temiam uma fraude. Assim (conclui o argumento), a fim de prevenir a trapaça, eles tiveram a precaução de confiscar o cadáver.

Mas essa teoria não resiste a um exame mais acurado. Já observamos que poucas semanas depois da morte de Jesus os cristãos proclamavam com ousadia a sua ressurreição, espalhando a notícia rapidamente. O novo movimento do Nazareno ameaçava minar os alicerces do judaísmo e perturbar a paz de Jerusalém. Os judeus temiam as conversões, os romanos, os distúrbios. As autoridades tinham diante deles um curso de ação óbvio. Precisavam apenas apresentar o corpo e publicar uma declaração do que havia acontecido.

Mas em vez disso, eles ficaram calados e recorreram à violência. Prenderam os apóstolos, ameaçaram, açoitaram, aprisionaram, caluniaram, conspiraram contra eles, e os mataram. Mas tudo isso seria totalmente desnecessário se eles estivessem de posse do corpo de Jesus. A igreja nasceu sobre o alicerce da ressurreição. Não havendo ressurreição, a igreja desmoronaria. Mas as autoridades não tinham como fazer isso; o corpo não estava com eles. O silêncio delas é uma prova eloquente da ressurreição, como testemunharam os apóstolos.

Essas são teorias inventadas pelos homens para tentar explicar o túmulo vazio e o desaparecimento do corpo. Nenhuma delas é satisfatória, e para nenhuma delas há evidências históricas. Diante da falta de qualquer explicação alternativa razoável, talvez possamos ser perdoados se preferirmos a narrativa simples e sóbria dos Evangelhos, ao descrever os

eventos do primeiro dia da Páscoa. O corpo de Jesus não foi removido do sepulcro por homens; ele foi ressuscitado por Deus.

AS VESTES DO SEPULTAMENTO ESTAVAM INTOCADAS

Todas as narrativas do desaparecimento do corpo de Jesus também mencionam que as vestes do sepultamento não desapareceram. É João quem dá ênfase a esse fato, pois ele acompanhou a Pedro naquela corrida dramática até o túmulo, de manhã bem cedo. A descrição que ele dá do incidente (20.1-10) tem as marcas inconfundíveis da experiência em primeira mão. Ele ultrapassou a Pedro, mas, ao chegar ao túmulo apenas deu uma olhada em seu interior, e esperou até que Pedro chegasse e entrasse nele. “Então entrou também o outro discípulo, que chegara primeiro ao sepulcro, e viu e creu.” A pergunta é: o que ele teria visto que o fez crer? O relato indica que não foi apenas o fato de o corpo não estar mais ali, mas as vestes do sepultamento estarem intactas.

Tentemos reconstituir a história.² João nos diz (19.38-42) que enquanto José pedia o corpo de Jesus a Pilatos, Nicodemos “foi levando cerca de cem libras [cerca de 34 quilos] de um composto de mirra e aloés”. Então, juntos, eles “tomaram o corpo de Jesus e o envolveram em lençóis com os aromas, como é de uso entre os judeus na preparação para o sepulcro”. Isso significa que, ao envolver o corpo em “lençóis”, eles colocaram as especiarias nas dobras. A cabeça devia ser envolvida em um lenço especial.³ Assim, eles enrolaram o corpo e a cabeça de Jesus, deixando a face e o pescoço descobertos, de acordo com o costume oriental,

e colocaram o corpo sobre uma laje de pedra, preparada no interior do sepulcro.

Supondo que estivéssemos presentes no sepulcro quando da ressurreição de Jesus, o que teríamos visto? Será que teríamos visto Jesus começando a se movimentar, bocejando e esticando os músculos para se levantar? Não cremos que ele tenha apenas despertado de um desmaio. Ele estava morto, e ressuscitou. O que aconteceu foi uma ressurreição, não uma recuperação. cremos que ele passou de maneira sobrenatural da morte para uma nova e totalmente diferente esfera de existência. O que, então, teríamos presenciado caso estivéssemos ali? Teríamos notado de imediato que o corpo havia desaparecido, “evaporado”, e se transmutado em algo novo, diferente e maravilhoso. Ele teria atravessado as vestes fúnebres, assim como mais tarde atravessaria paredes e portas fechadas, deixando-as praticamente intactas e inalteradas. Quase, mas não totalmente, pois as vestes, sob o peso de 34 quilos de especiarias, sem o apoio do corpo, teriam cedido, e estariam agora vazias. Um vão teria aparecido entre as vestes e o lenço que cobria a cabeça, onde se encontravam sua face e seu pescoço. E o próprio lenço, por causa do complicado padrão entrecruzado das bandagens, deveria também ter preservado seu formato côncavo, como um turbante enrugado, mas sem a cabeça dentro dele.

Um estudo cuidadoso da narrativa de João sugere que o que ele notou foram exatamente essas três características das vestes fúnebres descartadas. Primeiro, ele observou que elas estavam “ali”, em seguida, percebeu que o lenço “não

estava com os lençóis, mas deixado num lugar à parte”. O fato de não estar junto com os lençóis não significa que ele tenha sido amontoado e arremessado em algum canto. O lenço repousava sobre a laje, mas estava separado dos lençóis de linho por um espaço significativo. Por fim, algumas versões dizem que esse mesmo lenço estava “dobrado” ou “torcido”, e outras não possuem uma tradução adequada. A palavra descreve apropriadamente o formato arredondado que o lenço vazio ainda preservava.

Não é difícil imaginar a visão que os apóstolos contemplaram quando chegaram ao túmulo: a laje, os lençóis de linho espalhados, o invólucro da cabeça e o vão entre eles. Não é de admirar que eles “viram e creram”. Uma simples passada de olhos sobre esses lençóis comprovava a realidade dos fatos, e indicava a natureza da ressurreição. Aquelas vestes não foram tocadas, nem dobradas ou manipuladas por nenhum ser humano. Seriam como um casulo, posto de lado para ver surgir a borboleta.

Tudo indica que o estado dos lençóis também foi preparado para ser uma evidência visível, confirmativa da ressurreição. O texto relata que Maria Madalena (que retornou ao túmulo depois de ter dado a notícia a Pedro e João) “abaixou-se e olhou para dentro do túmulo, e viu dois anjos vestidos de branco, sentados onde o corpo de Jesus fora posto, um à cabeceira e o outro aos pés”. Presumivelmente isso quer dizer que eles se sentaram sobre a laje, com os lençóis de linho entre eles. Mateus e Marcos acrescentam as palavras de um deles: “Ele não está aqui; ressuscitou, como havia dito. Vinde ver onde ele jazia”.⁴ Quer o leitor acredite ou não

em anjos, essas alusões ao lugar onde Jesus havia estado, enfatizadas tanto pela posição como pela palavra dos anjos, ao menos confirmam como os evangelistas entenderam os fatos: a posição das vestes e a ausência do corpo testemunham a ressurreição de Jesus.

MUITOS VIRAM O SENHOR

Todo leitor dos Evangelhos sabe que eles incluem algumas histórias extraordinárias de como Jesus apareceu a seus discípulos depois de sua ressurreição. Temos dez aparições do Senhor ressurreto àqueles que Pedro chama de “testemunhas escolhidas por Deus”. Encontramos o relato de que ele apareceu a Maria Madalena, às mulheres no sepulcro, a Pedro, a dois discípulos no caminho de Emaús, a dez deles reunidos no cenáculo, aos onze, incluindo Tomé, uma semana depois e a “mais de quinhentos irmãos de uma só vez”, provavelmente nas montanhas da Galileia. Apareceu também a Tiago, a alguns discípulos incluindo Pedro, Tomé, Natanael, Tiago e João no mar da Galileia, e a muitos no monte das Oliveiras, perto de Betânia, por ocasião da ascensão. No final de sua lista registrada em 1 Coríntios 15 Paulo inclui a si mesmo entre aqueles que viram a Jesus ressuscitado, referindo-se à sua experiência no caminho de Damasco. Lucas comenta, no início do livro de Atos, que Jesus “se apresentou [aos apóstolos] vivo, com muitas provas incontestáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias”, o que indica que houve outras aparições cujos registros se perderam.

Não podemos menosprezar esse grupo de testemunhas vivas da ressurreição. É preciso encontrar alguma explicação

para isso. Temos apenas três opções possíveis: a primeira é que estavam inventando; a segunda, que foram vítimas de alucinação, e a última, que estavam dizendo a verdade.

Seria tudo invenção? Não há necessidade de dedicar muito espaço a essa sugestão. Que as histórias dos aparecimentos do Jesus ressuscitado não são invenções deliberadas é algo muito claro. Se por um lado as narrativas são sérias e objetivas, de outro elas são gráficas, e vividamente ilustradas por detalhes que só poderiam vir de uma testemunha ocular. As histórias da corrida ao túmulo e do encontro no caminho de Emaús são muito intensas e reais para terem sido inventadas.

Além disso, ninguém poderia dizer que essas invenções foram boas. Se quiséssemos inventar a ressurreição, teríamos feito algo muito melhor. Teríamos tido cuidado para evitar o complicado quebra-cabeça de eventos apresentados nos quatro Evangelhos. Teríamos eliminado ou ao menos atenuado as dúvidas e os temores dos apóstolos. Teríamos provavelmente incluído uma narrativa dramática da ressurreição (tal como nos fantásticos evangelhos apócrifos), descrevendo o poder e a glória do Filho de Deus ao romper as cadeias da morte e sair do túmulo em triunfo. Mas ninguém viu isso acontecer, e não temos nenhuma descrição do momento. Evitaríamos também escolher Maria Madalena como primeira testemunha, assim pelo menos escaparíamos do comentário sarcástico de Renan: “A paixão de uma mulher alucinada deu ao mundo um deus ressuscitado”.

Há, porém, uma objeção ainda mais forte à teoria da invenção. É bastante óbvio, como já tivemos oportunidade

de mencionar, que os apóstolos, os demais evangelistas e a igreja primitiva estavam totalmente convencidos de que Jesus havia ressuscitado. O clima no Novo Testamento é de certeza e de vitória. Você pode achar que seus escritores foram tragicamente iludidos, mas eles nunca se deixariam enganar deliberadamente.

Se não se trata de invenções, seriam então alucinações? Essa opinião tem sido amplamente aceita e expressa com muita convicção, afinal, alucinação não é um fenômeno incomum. A alucinação é a “percepção aparente de um objeto externo quando este não está presente”. Ocorre geralmente em pessoas no mínimo neuróticas, ou de fato psicóticas. Muitos de nós conhecemos pessoas que veem coisas, ouvem vozes, e vivem às vezes ou quase sempre em um mundo imaginário criado por elas mesmas. Não podemos dizer que os apóstolos eram pessoas desequilibradas. Maria Madalena talvez fosse, mas não o tempestuoso Pedro ou o desconfiado Tomé.

Alucinações também podem ocorrer em pessoas comuns e normais, e, em tais casos, duas características podem ser observadas. Primeiro, a alucinação acontece como clímax de um processo de racionalização exagerada do desejo. Segundo, a alucinação depende de circunstâncias de tempo, lugar e modo favoráveis. Assim, para que ocorra uma alucinação deve haver um forte desejo interno e condições externas favoráveis.

Entretanto, quando observamos as narrativas dos Evangelhos sobre a ressurreição, não encontramos nenhum dos fatores mencionados acima. A situação estava longe de representar a racionalização de um desejo, era exatamente

o oposto. Quando as mulheres encontraram o túmulo vazio, fugiram “porque estavam possuídas de temor e assombro”. Quando Maria Madalena e as outras mulheres informaram que Jesus estava vivo, os apóstolos “não acreditaram”, pois “tais palavras delas lhes pareciam um como delírio”. Quando o próprio Jesus veio e se colocou no meio deles eles ficaram “surpresos e atemorizados” acreditando que estavam vendo “um espírito”. Jesus censurou-lhes a “incredulidade e a dureza de coração”. Tomé recusou-se a crer, a menos que pudesse de fato ver e tocar nas feridas dos pregos. Quando mais tarde Cristo encontrou os onze e outros discípulos em um monte na Galileia eles “o adoraram, mas alguns duvidaram”. Não houve ali racionalização do desejo, nem credulidade ingênua, nem aceitação cega. Os discípulos não eram tolos, ao contrário, eram cautelosos, céticos e “tardos de coração para crer”. Não eram susceptíveis a alucinações. Eles não de deixariam enganar por nenhuma visão estranha. Sua fé se baseava em fatos reais e de comprovada veracidade.

Além disso, as circunstâncias externas não eram favoráveis a alucinações. Se as aparições tivessem ocorrido em algum lugar especial, santificado pelas lembranças de Jesus, e os discípulos estivessem esperando por isso, poderíamos suspeitar. Se tivéssemos somente a narrativa das aparições no cenáculo, teríamos razão para duvidar e questionar. Se os onze estivessem reunidos nesse lugar especial, onde Jesus havia partilhado com eles suas últimas horas na terra, poderíamos supor que eles, emocionados com as lembranças, começassem a conversar sobre a volta de Jesus. O ardor da expectativa teria atingido o clímax no momento em que Jesus

apareceu. Nesse caso, poderíamos suspeitar de fato que eles teriam sido vítimas de um delírio cruel.

Mas não foi isso que aconteceu. Na verdade, uma investigação mais detalhada das dez aparições de Jesus revela uma planejada variedade nas circunstâncias em relação às pessoas, lugares e modo como ocorreram. Ele foi visto por algumas pessoas individualmente (Maria Madalena, Pedro e Tiago), por pequenos grupos de pessoas e por mais de quinhentas pessoas de uma só vez. Ele apareceu no jardim do sepulcro, nas proximidades de Jerusalém, no cenáculo, no caminho de Emaús, no mar da Galileia, no monte da Galileia e no monte das Oliveiras.

Além da variedade de pessoas e lugares, as circunstâncias também foram diferentes. Maria Madalena estava chorando; as mulheres estavam amedrontadas e assustadas; Pedro estava cheio de remorso e Tomé, de incredulidade. Os dois discípulos no caminho de Emaús estavam perturbados com os acontecimentos da semana e os discípulos na Galileia distraídos com suas pescarias. No entanto, em meio às suas dúvidas e temores, incredulidade e preocupações, o Senhor ressurreto se deu a conhecer a eles.

É impossível admitir que essas aparições do Senhor foram alucinações de mentes perturbadas. Portanto, se não se trata de invenções, nem de alucinações, a única alternativa que resta é a de que elas ocorreram de fato. O Senhor ressurreto realmente foi visto.

OS DISCÍPULOS FORAM TRANSFORMADOS

Talvez a transformação dos discípulos de Jesus seja a maior evidência da ressurreição porque foi algo totalmente natural

e sincero. Os discípulos não pedem para olharmos para eles da mesma forma que nos pedem para olharmos o túmulo vazio, os lençóis de linho espalhados e o Senhor ressuscitado. A mudança na vida deles é evidente. Os homens que aparecem nas páginas dos Evangelhos são diferentes daqueles que vemos no livro de Atos. Eles agora são novas pessoas. A morte de seu Mestre os deixara desanimados, desiludidos e perto do desespero. Mas em Atos, eles surgem como homens prontos a arriscar suas vidas pelo Senhor Jesus Cristo, e a virar o mundo de cabeça para baixo.

O que teria produzido tal mudança? Como explicar sua nova fé e poder, alegria e amor? Parte dessa mudança se deve, sem dúvida, ao Pentecostes e à descida do Espírito Santo; mas o Espírito Santo só veio depois que Jesus ressuscitou e subiu aos céus. É como se a ressurreição tivesse liberado poder moral e forças espirituais. Dois exemplos se destacam.

O primeiro é Simão Pedro. Durante a narrativa da história da Páscoa, Pedro teve uma trágica recaída. Por três vezes ele negou a Cristo. Esbravejou e jurou nunca ter experimentado a influência de Jesus em sua vida. Em seguida, ele caiu em si e chorou amargamente. Quando Jesus morreu, ele se juntou aos outros discípulos no cenáculo, a portas fechadas, “com medo dos judeus”, profundamente abatido.

Mas, algumas páginas à frente, ele aparece em pé, talvez na escadaria daquele mesmo cenáculo, daquela mesma casa em Jerusalém, pregando a uma imensa multidão com tanta ousadia e poder que três mil pessoas creem em Cristo e são batizadas. Nos próximos capítulos do livro de Atos nós podemos observá-lo desafiando o mesmo Sinédrio que condenou

Jesus à morte, e alegrando-se por ser considerado digno de sofrer em seu nome. Mais tarde nós o encontramos dormindo em sua cela, na noite anterior à sua possível execução.

Simão Pedro é um novo homem. Sua insegurança se fora; ele passa a fazer jus ao seu apelido, agora ele é realmente uma rocha. O que teria feito provocado essa mudança?

Observe também Tiago, que mais tarde assumiu a posição de líder da igreja de Jerusalém. Ele é citado como sendo um dos “irmãos do Senhor”, aqueles que os Evangelhos apresentam como descrentes em relação a Jesus: “Nem mesmo os seus irmãos criam nele”. Quando chegamos ao primeiro capítulo de Atos, no entanto, encontramos uma relação dos discípulos reunidos no cenáculo, e no fim da lista estão “os irmãos dele”. Tiago, evidentemente, se tornara um cristão. O que teria acontecido? O que o teria convencido? O texto de 1 Coríntios 15.7 nos dá uma pista. Quando Paulo relaciona aqueles que haviam visto o Senhor ressurreto, ele acrescenta, “depois foi visto por Tiago”.

Foi a ressurreição que transformou o medo de Pedro em coragem, a dúvida de Tiago em fé. Foi a ressurreição que transformou o sábado em domingo e os judeus remanescentes na igreja cristã. Foi a ressurreição que transformou Saulo, o fariseu, em Paulo, o apóstolo; de perseguidor fanático a defensor da fé que ele havia tentado destruir. Paulo conclui sua lista com as palavras: “e afinal, depois de todos, foi visto também por mim”.

Estas são as evidências da ressurreição. O corpo desapareceu. Os lençóis permaneceram intactos. O Senhor foi

visto por muitos. E os discípulos foram transformados. Não há outra explicação plausível para esses acontecimentos, a não ser a grande declaração cristã de que “o Senhor de fato ressuscitou”.

Nesses três primeiros capítulos procuramos fazer uma investigação crítica do personagem mais cativante de toda a história, um modesto carpinteiro de Nazaré que se tornou um pregador itinerante e morreu como um criminoso.

Suas declarações foram extraordinárias.

Ele nunca pecou.

Ele ressuscitou dentre os mortos.

O peso acumulado destas evidências é praticamente conclusivo. Isso torna completamente aceitável aquele derradeiro ato de fé que nos faz ajoelhar diante dele e coloca em nossos lábios a poderosa confissão do desconfiado Tomé: “Senhor meu e Deus meu”.

PARTE DOIS

A NECESSIDADE DO HOMEM

5.

A REALIDADE E A NATUREZA DO PECADO

DEMOS ATÉ AQUI UM ESPAÇO considerável para o exame das evidências da divindade singular de Jesus de Nazaré; e estamos convencidos de que ele é realmente o Senhor, o Filho de Deus. Entretanto, o Novo Testamento não se preocupa apenas com quem ele é, mas o que ele veio fazer. Ele é apresentado não só como o Senhor do céu, mas também como o Salvador dos pecadores. Na verdade, esses dois títulos não podem ser separados, pois a validade de sua obra depende da divindade de sua pessoa.

Mas para entendermos plenamente a obra realizada por Jesus, precisamos compreender não apenas quem ele foi, mas também quem *nós* somos. Tudo que ele fez foi por nós. Sua obra foi uma missão realizada em favor de pessoas necessitadas pela única pessoa capaz de suprir suas necessidades. Sua competência está firmada em sua divindade; nossa necessidade resulta de nosso pecado. Já comprovamos sua competência; agora devemos mostrar nossa necessidade.

Passaremos assim da impecabilidade e da glória de Cristo para o pecado e a vergonha do homem. Somente depois de contemplarmos claramente quem somos teremos condições de perceber a beleza do que ele fez por nós e está pronto a nos oferecer.

Somente quando soubermos o diagnóstico da nossa enfermidade estaremos dispostos a tomar o remédio recomendado.

Pecado não é um tema popular entre as pessoas, e os cristãos muitas vezes são criticados por insistirem nesse assunto. Mas eles só agem assim por serem realistas. O pecado não foi uma invenção de alguns religiosos como forma de garantir seus empregos; trata-se de uma realidade da natureza humana.

Os acontecimentos ocorridos nos últimos cem anos têm servido para convencer muitas pessoas de que o problema do mal está no próprio homem, e não simplesmente na sociedade em que ele vive. No século XIX um otimismo liberal tomou conta das pessoas. Elas passaram a acreditar que a natureza humana era fundamentalmente boa, e que o mal era em grande parte causado pela ignorância e pelas más condições de moradia. Assim, a educação e as reformas sociais permitiriam aos homens desfrutar de uma convivência feliz e solidária. Essa ilusão, no entanto, foi destruída pelos cruéis acontecimentos narrados pela história. As oportunidades educacionais têm se espalhado rapidamente pelo mundo ocidental e muitos projetos sociais têm sido criados. No entanto, as atrocidades que acompanharam as duas guerras mundiais, os conflitos internacionais subsequentes, a continuidade

da opressão política e da discriminação racial e o aumento generalizado da violência e da criminalidade têm obrigado as pessoas mais atentas a reconhecerem o fato de que os homens são terrivelmente egoístas.

Alguns dos pressupostos das sociedades consideradas “civilizadas” se baseiam na suposição do pecado humano. As leis existem porque os seres humanos são incapazes de resolver suas próprias disputas de forma justa e desinteressada. A palavra não é o bastante. Precisamos de um contrato. Portas não resolvem nosso problema de segurança. Temos de trancá-las e prendê-las com cadeados. Pagar a passagem não é suficiente. Precisamos emitir bilhetes, conferi-los e recolhê-los. A lei e a ordem não são suficientes. Precisamos da polícia para aplicá-las. Tudo isso se deve ao pecado do homem. Não podemos confiar nas pessoas, ao contrário, precisamos nos proteger contra elas. Tudo Isso é uma terrível acusação à natureza humana.

A UNIVERSALIDADE DO PECADO

Os autores bíblicos são bem claros quando afirmam que o pecado é universal. “Não há homem que não peque”, afirma Salomão em sua grandiosa oração de dedicação do templo. “Não há homem justo sobre a terra que faça o bem e que nunca peque”, diz o Pregador no livro de Eclesiastes. Vários salmos lamentam a universalidade do pecado humano. O Salmo 14, que fala do “insensato” sem Deus no coração, faz uma descrição muito pessimista da perversidade humana:

Corrompem-se e praticam abominação; já não há quem faça o bem. Do céu olha o Senhor para os filhos dos homens, para

ver se há quem entenda, se há quem busque a Deus. Todos se extraviaram e juntamente se corromperam; não há quem faça o bem, não há nem um sequer.

A consciência dos salmistas lhes dizia que se Deus executasse um julgamento contra os homens, nenhum escaparia da condenação. “Se observares, Senhor, iniquidades, quem, Senhor, subsistirá?” Daí a oração: “Não entres em juízo com teu servo, porque à tua vista não há justo nenhum vivente”.

Os profetas são tão insistentes quanto os salmistas ao afirmar que todos os homens são pecadores. Nenhuma outra declaração é tão clara quanto as palavras encontradas na segunda metade do livro de Isaías: “Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho” e “Todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças como trapo da imundícia”.

Isso não é invenção dos escritores do Antigo Testamento. Paulo inicia sua epístola aos Romanos com um argumento bem semelhante, estendendo-o pelos três primeiros capítulos. Ele afirma que todos os homens, indistintamente, judeus e gentios, são pecadores aos olhos de Deus. Ele descreve a decadência moral do ímpio e a seguir acrescenta que o judeu não é nem um pouco melhor, uma vez que, possuindo a santa lei de Deus e ensinando-a a outros, ele mesmo se tornou culpado por descumpri-la. O apóstolo então cita os salmos e o profeta Isaías para ilustrar seu tema, e conclui: “Não há distinção, pois todos pecaram e carecem da glória de Deus”. João é ainda mais explícito quando declara: “Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos”, e “Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso”.¹

Mas, o que é pecado? Seu alcance universal é evidente. Qual a natureza do pecado? A Bíblia emprega várias palavras para descrevê-lo, agrupadas em duas categorias. Conforme o tipo de pecado, ele é considerado de forma negativa ou positiva. Quando considerado de forma negativa, o pecado é entendido como falha ou defeito, identificado por algumas palavras como lapso, deslize ou erro. Também é retratado como fracasso ou falha ao tentar atingir um alvo. Outras o identificam com uma maldade que vem de dentro, uma disposição interna para o mal.

Positivamente, pecado é transgressão. Pode ser descrito como o ato de transpor um limite, transgredir a lei ou violar a justiça.

Esses dois grupos de palavras implicam a existência de um padrão moral que fracassamos em alcançar ou de uma lei que falhamos em cumprir. Tiago afirma que “aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz, nisso está pecando”. Esse é o aspecto negativo. “Todo aquele que pratica o pecado também transgredir a lei, porque o pecado é a transgressão da lei”, diz João. Esse é o aspecto positivo.

A Bíblia aceita o fato de que os homens têm padrões diferentes. Os judeus têm a lei de Moisés. Os gentios têm a lei da consciência. Mas todos os homens transgrediram a lei que conhecem e se desviaram do seu próprio padrão. Qual é o nosso código de ética? Pode ser a lei de Moisés ou a lei de Jesus. Pode ser agir decentemente, ou conforme o combinado, ou de acordo com as convenções sociais. Pode ser de acordo com os oito passos do budismo ou pelos cinco pilares do islamismo. Mas, seja qual for o padrão escolhido, não conseguiremos atingi-lo. Todos nós seremos reprovados.

Para algumas pessoas de padrão moral elevado, isso pode soar realmente surpreendente. Elas têm seus ideais e pensam que conseguirão alcançá-los, pelo menos em parte. Não ficam refletindo muito sobre isso, nem são demasiadamente autocríticas. Reconhecem que cometem alguns lapsos ocasionais e têm consciência de suas falhas de caráter. Mas isso não faz com que elas fiquem muito preocupadas, nem se considerem piores que as outras. Podemos compreender bem tudo isso até nos lembrarmos de duas coisas. A primeira delas é que nosso senso de fracasso depende da grandeza dos nossos padrões. É muito fácil se considerar um bom saltador de *body jumping* se o elástico é menor que a sua altura. A segunda é que Deus vê suas intenções, o que está por detrás de suas ações. Jesus mencionou isso claramente no Sermão do Monte. A partir desses dois princípios, faremos agora um saudável exercício. Tomaremos os Dez Mandamentos encontrados em Êxodo 20 como padrão e veremos o quanto somos parecidos com todos os outros homens.

OS DEZ MANDAMENTOS

1. Não terás outros deuses diante de mim

Deus exige que os homens o adorem de forma exclusiva. Para transgredir essa lei você não precisa adorar o sol, a lua e as estrelas. Nós a transgredimos todas as vezes que colocamos algo ou alguém em primeiro lugar em nossos pensamentos e em nossos corações, em vez de Deus. Pode ser algum esporte que exige todo nosso tempo e atenção, um passatempo cativante, ou algum interesse egoísta. Ou então alguém que

idolatrados. Podemos adorar a um deus de ouro ou de prata na forma de investimentos financeiros ou de uma “gorda” conta bancária, ou a um deus de madeira e pedra na forma de propriedades e bens. Nenhuma dessas coisas é por si só errada. Elas só se tornam erradas quando damos a elas o lugar em nossas vidas que pertence somente a Deus. O pecado é fundamentalmente a exaltação do eu à custa de Deus. Alguém disse que os ingleses são aqueles que “se fazem por si mesmos e adoram ao seu criador”. Isso devia ser aplicado a todos os homens.

Jesus ensinou que guardar esse mandamento significa amar ao Senhor nosso Deus com todo o nosso coração, com toda a nossa alma e com todo o nosso entendimento; fazer de sua vontade o nosso guia e da sua glória o nosso alvo; colocá-lo em primeiro lugar em nossos pensamentos, palavras e atos; nos negócios e no lazer; nas amizades e na carreira profissional; no uso do dinheiro, tempo e talentos, no trabalho e no lar. Nenhum homem é capaz de cumprir esse mandamento, a não ser Jesus de Nazaré.

2. Não farás para ti imagem de escultura

Se o primeiro mandamento diz respeito ao objeto da nossa adoração, o segundo se refere à maneira como adoramos. No primeiro Deus exige a nossa adoração exclusiva, e no segundo a nossa adoração sincera e espiritual. Pois “Deus é espírito e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade”.²

Talvez nunca tenhamos feito alguma imagem horrível de metal. Mas quantas imagens horrendas não estão guardadas

em nossa mente? Além disso, embora esse mandamento não proíba o uso de todas as formas externas de adoração, está implícito que tudo isso é inútil, a menos que reflita uma realidade interior. Podemos frequentar uma igreja, mas será que adoramos verdadeiramente a Deus? Podemos orar, mas estamos sendo sinceros? Podemos ler a Bíblia, mas permitimos que Deus fale conosco através dela e obedecemos à sua palavra? Não devemos nos aproximar de Deus com os nossos lábios se os nossos corações estão longe dele.³ Isso não passa de uma farsa. Agir assim é um grande engano.

3. Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão

O nome de Deus representa a própria natureza de Deus. Há muitos trechos na Bíblia que nos ordenam a reverenciar o seu nome. Na oração do Pai-Nosso, somos ensinados a orar para que o seu nome seja santificado. Podemos profanar o seu santo nome com nossa linguagem descuidada; por isso devemos rever nosso vocabulário de tempos em tempos. Mas tomar o nome de Deus em vão não é apenas uma questão de palavras; implica também pensamentos e atos. Sempre que o nosso comportamento não condiz com a nossa crença, ou nossas atitudes não são coerentes com aquilo que pregamos, estamos tomando o nome de Deus em vão. Chamar Deus de “Senhor” e não obedecer à sua voz é tomar seu nome em vão. Chamar Deus de “Pai” e viver ansioso e cheio de dúvidas é negar seu nome. Tomar o nome de Deus em vão é falar de um jeito e agir de outro. Isso é hipocrisia.

4. Lembra-te do dia de sábado, para o santificar

Tanto o sábado judaico como o domingo cristão foram instituídos por Deus. Separar um dia em sete para descansar não

é apenas um arranjo humano ou uma conveniência social. Faz parte do plano de Deus. Jesus afirmou que Deus fez o sábado para o homem.⁴ E, uma vez que quem fez o homem fez também o sábado, ele o adaptou às necessidades do homem. O corpo e a mente humanos precisam de descanso, e o espírito do homem precisa de um tempo para adorar a Deus. Assim, o sábado é tanto um dia de descanso quanto um dia de adoração.

Porém não devemos guardá-lo apenas para nosso próprio benefício. Devemos fazer o que estiver ao nosso alcance para que outros também possam desfrutar do descanso do sábado e não tenham de trabalhar desnecessariamente nesse dia.

Assim, o domingo é um dia “santo”, separado para Deus. É o Dia do Senhor, não o nosso dia. Devemos, portanto, gastá-lo do jeito dele, não do nosso, para a sua adoração e serviço e não apenas para o nosso prazer egoísta.

5. Honra a teu pai e a tua mãe

Esse quinto mandamento pertence à primeira parte da lei, relacionada aos nossos deveres para com Deus, já que nossos pais, ao menos enquanto somos crianças, indicam a direção de Deus em nossas vidas e representam a autoridade divina. No entanto, na maioria das vezes, é dentro de suas casas que as pessoas, principalmente os jovens, são mais egoístas e insensíveis. É muito fácil demonstrarmos ingratidão e menosprezo em vez de oferecermos aos nossos pais o devido respeito e carinho. Com que frequência nós os visitamos ou escrevemos para eles? Sabemos de suas dificuldades financeiras, mas nos recusamos a ajudá-los?

6. Não matarás

Não se trata apenas de assassinato. Se o olhar pudesse matar, muitos matariam apenas com um olhar. Se palavras duras pudessem matar, muitos seriam condenados por assassinato. Jesus afirmou que ficar com raiva de alguém sem motivo justo ou insultá-lo são coisas sérias. João escreveu sobre isso acertadamente: “Todo aquele que odeia o seu irmão é assassino”. Irritar-se com facilidade, perder o controle emocional, enfurecer-se, ter crises de mau humor, guardar ressentimento ou amargura, procurar se vingar — tudo isso é assassinato. Podemos matar uma pessoa com uma comentário malicioso. Podemos matá-la ignorando-a de forma deliberada e cruel. Podemos matá-la por despeito ou inveja. Provavelmente todos nós já matamos alguém assim.

7. Não adulterarás

Esse mandamento não se refere apenas à infidelidade no casamento. Ele tem uma aplicação muito mais abrangente. Ele diz respeito a qualquer tipo de relacionamento sexual fora do casamento, incluindo o flerte, as relações sexuais pré-matrimoniais e o sexo solitário, além de todas as perversões sexuais. Embora muitos homens e mulheres não possam ser acusados de adotarem um comportamento pervertido, eles são culpados por serem tolerantes. Isso inclui algumas exigências egoístas dentro do casamento, e muitos (ou talvez todos) casos de divórcio. Inclui também o consumo deliberado de literatura pornográfica e alimentar fantasias sexuais impuras. Jesus afirmou claramente: “Qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração já adulterou com ela”.

Assim como alimentar pensamentos homicidas no coração é o mesmo que cometer homicídio, alimentar pensamentos adúlteros no coração significa cometer adultério. Esse mandamento, na verdade, envolve todo tipo de abuso cometido contra algo belo e sagrado concedido por Deus: o corpo humano.

8. Não furtarás

Furtar é tirar de alguém qualquer coisa que lhe pertença ou lhe seja devida. O roubo de dinheiro ou de propriedade não são as únicas formas de infringir esse mandamento. Sonegar impostos também é roubo, assim como esquivar-se da alfanega ou trabalhar menos horas que o devido. Aquilo que o mundo chama de “esperteza” Deus chama de roubo. Obrigar as pessoas a trabalhar mais e ganhar menos do que lhes é devido é transgredir esse mandamento. Poucos cristãos (ou mesmo nenhum) são escrupulosamente honestos e consistentes em seus relacionamentos pessoais ou profissionais. Como escreveu Arthur Clough:

“Não matarás” – mas não é preciso um empenho sincero em preservar a vida;

“Não furtarás” – mas isso não é necessário quando é mais lucrativo trapacear.

Esses mandamentos negativos também implicam uma contrapartida positiva. Para a pessoa realmente não matar, ela deve fazer tudo que estiver ao seu alcance para promover o bem-estar e preservar a vida do outro. Não praticar o ato de adultério por si só é insuficiente. O mandamento exige atitudes corretas, saudáveis e respeitadas entre pessoas de sexos

diferentes. Do mesmo modo, não roubar deixa de ser uma virtude se a pessoa que não rouba tem um comportamento mesquinho e avarento. Paulo não se contentava com o fato de o ladrão apenas deixar de roubar, ele tinha de começar a trabalhar. Na verdade, ele tinha de continuar trabalhando honestamente até ter condições de ajudar os necessitados.

9. Não darás falso testemunho contra o teu próximo

Os cinco últimos mandamentos expressam um respeito pelo direito dos outros que é implícito ao amor verdadeiro. Quebrar esses mandamentos significa tirar do homem tudo que ele tem de mais precioso: sua vida (“não matarás”), seu lar, sua honra (“não adulterarás”), seus bens (“não furtarás”) e sua reputação (“não darás falso testemunho contra o teu próximo”).

Esse mandamento não se aplica apenas aos tribunais. Nesse caso, trata-se de perjúrio. Inclui também difamação, calúnia, comentários fúteis, fofocas, mentiras, exageros e distorções da verdade. Podemos ser acusados de falso testemunho quando ouvimos boatos maldosos e os passamos adiante, quando expomos alguém ao ridículo ou deixamos que as pessoas tenham uma impressão errada de alguém, não corrigindo declarações mentirosas, ou silenciando sobre o assunto.

10. Não cobiçarás

O décimo mandamento é, em alguns sentidos, o mais revelador de todos. Ele transforma o decálogo de um código legal exterior para um padrão moral interior. A lei civil não pode nos punir por cobiçar algo, somente por roubar, uma vez que

a cobiça é um sentimento interno, oculto no coração e na mente. Assim como a lascívia conduz ao adultério e a falta de serenidade ao assassinato, a cobiça leva ao roubo.

A relação das coisas que não devemos cobiçar, mencionada no mandamento, é surpreendentemente atual. Com a falta de moradia muita gente tem cobiçado a casa do vizinho, e os tribunais não estariam abarrotados de pedidos de divórcio se os homens não cobiçassem a mulher do próximo. “A ganância... é idolatria”, escreveu Paulo, por outro lado, “a piedade para tudo é proveitosa”.

* * *

A menção aos mandamentos trouxe à luz uma lista desagradável de pecados. Muitas coisas acontecem dentro de nós, nos lugares ocultos de nossas mentes, onde as pessoas não conseguem enxergar e nós tentamos esconder até de nós mesmos. Mas Deus vê todas as coisas. Seu olho penetra os mais profundos recônditos do nosso coração: “Todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas”. Ele nos vê como realmente somos, e a sua lei revela os nossos pecados como eles realmente são. Na verdade, o propósito da lei é exatamente expor o pecado, pois, como disse Paulo: “Eu não teria conhecido o pecado senão por intermédio da lei”.

Quando C. H. Spurgeon, o famoso pregador do século XIX, tinha apenas catorze anos, ele teve uma enorme percepção de sua própria pecaminosidade. Duas verdades vieram à sua mente, provocando um impacto tremendo: a majestade de Deus e a sua própria pecaminosidade. Em suas palavras:

Não tenho dúvidas ao afirmar que aqueles que examinavam a minha vida não podiam encontrar nenhum pecado extraordinário, mas quando eu olhava para mim mesmo, via um ultrajante pecado contra Deus. Eu não era como os outros meninos, mentiroso, desonesto, desbocado e coisas desse tipo. Mas, de repente, me deparei com Moisés carregando as tábuas da lei... os Dez Mandamentos de Deus... Ao ler aquelas palavras, tive a impressão de que elas se juntavam para me condenar diante desse Deus três vezes santo.

Conosco acontece a mesma coisa. Nada é mais poderoso para nos convencer de nossa pecaminosidade do que a sublime e justa lei de Deus.

6.

AS CONSEQUÊNCIAS DO PECADO

VIMOS UM POUCO SOBRE A realidade e a universalidade do pecado humano. Gostaríamos de deixar de lado esse assunto desagradável e passar imediatamente para as boas novas da salvação em Cristo, mas ainda falta alguma coisa. Precisamos compreender quais são as consequências do pecado antes de apreciar aquilo que Deus fez por nós por meio de Cristo.

Será que o pecado é tão sério assim? Podemos entender com mais facilidade suas terríveis consequências ao observarmos seus efeitos sobre Deus, sobre nós mesmos e sobre o nosso próximo.

SEPARAÇÃO DE DEUS

Mesmo que não percebamos o fato agora, o resultado mais terrível do pecado é a nossa separação de Deus. O propósito mais elevado do homem é conhecer a Deus e ter um relacionamento pessoal com ele. Nosso maior atestado de nobreza

como seres humanos é o fato de termos sido feitos à imagem de Deus e, portanto, capazes de conhecê-lo. Mas esse Deus a quem pretendemos conhecer é um Ser justo e infinito em sua perfeição moral. As Escrituras dão muita ênfase a essa verdade:

Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de santo: Habito no alto e santo lugar.

[Jesus] o bendito e único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, o único que possui imortalidade e que habita em luz inacessível.

Deus é luz, e não há nele treva alguma. Se dissermos que mantemos comunhão com ele, e andarmos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade.

O nosso Deus é fogo consumidor.

Quem dentre nós habitará com o fogo devorador?

Quem dentre nós habitará com chamas eternas?

Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal, e a opressão não podes contemplar.¹

Todos esses homens de Deus mencionados nas Escrituras que tiveram um pequeno relance da glória de Deus se encolheram diante da visão, com uma consciência esmagadora de seus próprios pecados. Moisés, a quem Deus apareceu na sarça que ardia e não se consumia, “escondeu o rosto, porque temeu olhar para Deus”. Jó, a quem Deus falou “do meio da tempestade” em palavras que exaltavam sua incomparável majestade, afirmou: “Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te veem. Por isso me abomino e me arrependo no pó e na cinza”. Isaías, um jovem que estava iniciando seu ministério, teve uma visão de Deus como Rei de Israel, “asentado sobre um alto e sublime trono”, cercado por anjos que

o adoravam e louvavam sua santidade e glória, e disse, “Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros e habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!” Quando Ezequiel recebeu sua estranha visão dos seres viventes com asas e rodas, e acima deles um trono, e sobre o trono Alguém com aparência humana, envolvido no brilho do fogo e do arco-íris, ele reconheceu “a aparência da glória do Senhor”, e acrescentou: “quando a vi, caí com o rosto em terra”. Saulo de Tarso, viajando para Damasco, tomado de fúria contra os cristãos, foi jogado ao chão e ficou cego por causa da luz brilhante que veio do céu, mais forte que o sol do meio-dia. Mais tarde, ele escreveu sobre a sua visão do Cristo ressurreto: “E afinal, depois de todos, foi visto também por mim”. O apóstolo João, já idoso, exilado na ilha de Pátmos descreveu com detalhes a sua visão de Jesus ressuscitado e glorificado, cujos olhos “eram como chama de fogo” e cujo “rosto brilhava como o sol na sua força”, dizendo, “Quando o vi, caí a seus pés como morto”.²

Se a cortina que encobre a indescritível majestade de Deus pudesse ser afastada por um momento, nós também não seríamos capazes de contemplar tal visão. Da maneira como se encontra, temos apenas um vislumbre de quão pura e brilhante é a glória do Deus Todo-poderoso. No entanto, sabemos o suficiente para compreender que enquanto o homem permanecer em seus pecados nunca conseguirá se aproximar desse Deus santo. Um grande abismo se coloca entre a justiça de Deus e o pecado do homem. “Porquanto que sociedade pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que comunhão da luz com as trevas?” pergunta Paulo.

As instruções dadas no Antigo Testamento para a construção do tabernáculo e do templo revelam de forma dramática o quanto o pecado nos afasta de Deus. Ambos possuíam dois compartimentos, o principal (e também o maior), chamado de Lugar Santo, e um outro menor, conhecido como Lugar Santíssimo ou Santo dos Santos. Nesse santuário interno habitava a glória *shekiná*, o símbolo visível da presença de Deus. O “véu”, uma espécie de cortina grossa, ficava entre os dois, impedindo o acesso ao Santo dos Santos. Ninguém podia atravessar o véu e chegar até a presença de Deus, exceto o sumo sacerdote, e apenas uma vez por ano, no Dia da Expição, levando com ele o sangue de um carneiro como oferta pelo pecado.

O que foi demonstrado visualmente aos israelitas foi também ensinado pelos escritores do Antigo e do Novo Testamento. O pecado traz consigo uma inevitável separação; essa separação significa “morte”, isto é, morte espiritual. O pecado nos separa de Deus, a única e verdadeira fonte de vida. “O salário do pecado é a morte.”

Além disso, se rejeitarmos deliberadamente a Jesus Cristo, o único que pode nos dar a vida eterna, estaremos eternamente mortos no mundo vindouro. O inferno é uma realidade assustadora e pavorosa. Não deixe que ninguém o engane quanto a isso. O próprio Jesus falou sobre o inferno, chamando-o de “trevas”, por indicar a eterna separação de Deus, que é luz. A Bíblia também se refere ao inferno como “segunda morte” e “lago de fogo”, termos que descrevem simbolicamente a perda da vida eterna e a sede terrível da alma atormentada e separada eternamente da presença de Deus.³

Essa separação de Deus causada pelo pecado não só é mencionada pelas Escrituras como também é confirmada pela experiência humana. Ainda me lembro de uma experiência que tive quando era garoto. Ao fazer minhas orações, sentia dificuldade em me colocar diante de Deus. Parecia que Deus estava encoberto por uma névoa, impedindo que eu me aproximasse dele. Eu não conseguia entender por que Deus parecia tão distante e indiferente. Hoje eu entendo a razão. Isaías me ajudou a encontrar a resposta:

Eis que a mão do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar, nem surdo o seu ouvido, para não poder ouvir. Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não ouça.⁴

Tal como no Livro de Lamentações, somos tentados a dizer: “De nuvens te encobriste, para que não passe a nossa oração”. Mas não foi Deus que colocou essas nuvens à sua volta. Nós as colocamos. Os nossos pecados escondem de nós a face de Deus, assim como as nuvens nos impedem de ver o sol.

Muitas pessoas me confessaram já ter passado por essa mesma experiência desoladora. Algumas delas me disseram que em situações de perigo ou de êxtase diante da beleza, Deus parecia estar mais próximo. Mas de modo geral elas se sentiam distantes de Deus, como se ele as tivesse abandonado. Não se trata de um sentimento; isso é um fato. Até que os nossos pecados sejam perdoados, estamos exilados, distantes do nosso verdadeiro lar, sem comunhão com Deus. Em termos bíblicos, estamos “perdidos” ou “mortos nos nossos delitos e pecados”.

É esse o motivo da inquietação que as pessoas sentem atualmente. Há uma fome no coração do homem que somente Deus é capaz de saciar, um vazio que só Deus pode preencher. A demanda por notícias sensacionalistas na mídia ou por romances extravagantes ou filmes de ação nos cinemas; a epidemia das drogas, do sexo e da violência – todas estas coisas são sintomas da busca do homem por satisfação. Elas sinalizam a sua sede e sua separação de Deus. Agostinho estava certo ao escrever essas famosas palavras na introdução de seu livro *Confissões*: “Tu nos fizeste para ti, e inquieto está o nosso coração enquanto não repousa em ti”. Esta é uma situação extremamente trágica. O homem está perdendo o propósito para o qual foi criado.

ESCRAVIDÃO DO PECADO

O pecado não somente separa; ele escraviza. Além de nos afastar de Deus, ele também nos mantém cativos.

Consideraremos agora a “internalidade” do pecado. Mais do que uma atitude ou hábito visível, o pecado revela uma profunda e arraigada corrupção em nosso interior. Na verdade, os pecados que cometemos são manifestações exteriores e visíveis de uma enfermidade interior e invisível, são os sintomas de uma doença moral. Jesus empregou a metáfora da árvore e seus frutos para explicá-lo. Ele disse que o tipo de fruto produzido pela árvore (uma figueira ou videira) e sua condição (boa ou má) dependem da natureza e da saúde da árvore. Da mesma forma, “a boca fala do que está cheio o coração”.

Essa declaração de Jesus contradiz muitos reformadores e revolucionários sociais modernos. Certamente a maneira

como fomos educados, o ambiente em que fomos criados, o sistema político e econômico sob o qual vivemos exercem uma influência (boa ou má) sobre nós. Além do mais, deveríamos lutar por justiça, liberdade e pelo bem-estar de todos os homens. Entretanto, Jesus não atribuiu a nenhuma dessas coisas os males da sociedade humana, e sim à própria natureza, ou “coração”, do homem. Vejamos o que ele diz:

Porque de dentro, do coração dos homens é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios, a avareza, as malícias, o dolo, a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura. Ora, todos estes males vêm de dentro e contaminam o homem.⁵

O Antigo Testamento já ensinava essa verdade. Como coloca Jeremias: “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto, quem o conhecerá?” A Bíblia está repleta de referências a essa infecção da natureza humana que chamamos de “pecado original”. Trata-se de uma tendência ou predisposição egoísta, que herdamos de nossos pais, e que está profundamente arraigada em nossa personalidade humana e se manifesta milhares de vezes, de maneira repulsiva. Paulo chamou-a de “carne”, e nos deixou uma lista de suas “obras”, ou consequências.

Ora, as obras da carne são conhecidas, e são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glotonarias e coisas semelhantes a estas.⁶

Como o pecado é uma corrupção interna da natureza humana, ele nos mantém escravizados. Não são alguns atos ou hábitos que nos escravizam, mas sim a infecção maligna de onde eles procedem. Muitas vezes, no Novo Testamento,

somos descritos como “escravos”. Podemos nos ofender com isso, mas é a pura verdade. Jesus provocou a indignação de certos fariseus quando disse a eles: “Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”.

Eles retrucaram: “Somos descendência de Abraão e jamais fomos escravos de alguém; como dizes tu: Sereis livres?”

Jesus respondeu: “Em verdade, em verdade vos digo: Todo o que comete pecado é escravo do pecado”.

Por várias vezes, em suas epístolas, Paulo descreve a servidão humilhante imposta a nós pelo pecado:

Porque, outrora escravos do pecado...

Entre os quais nós também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos.

Pois nós também, outrora, éramos néscios, desobedientes, desgarrados, escravos de toda sorte de paixões e prazeres.⁷

Tiago nos dá um exemplo de nossa falta de autocontrole quando menciona a dificuldade que temos em refrear a língua. Em um capítulo bastante conhecido, repleto de metáforas, ele diz que se alguém “não tropeça no falar, é perfeito varão, capaz de refrear também todo o seu corpo”. Ele destaca que “a língua, pequeno órgão, se gaba de grandes coisas”. A sua influência se espalha como o fogo; ela é “mundo de iniquidade” e está carregada de “veneno mortífero”. Podemos domar todos os tipos de feras e pássaros, ele acrescenta, “a língua, porém, ninguém consegue domar”.⁸

Sabemos disso muito bem. Todos nós temos ideais elevados, mas vontade fraca. Queremos viver uma vida abnegada,

mas estamos acorrentados ao nosso egoísmo. Embora possamos nos gabar de que somos livres, na realidade não somos outra coisa senão escravos. Devemos nos aproximar de Deus com lágrimas e dizer:

Não posso, Senhor,
não há nada que eu possa fazer,
nenhuma batalha em minha vida
que eu possa realmente vencer.
Mas agora venho lhe dizer
o quanto eu lutei e falhei,
em minha história tão humana
de fraquezas e futilidades.⁹

Regras de conduta não resolvem o nosso problema; não podemos cumpri-las. Mesmo que Deus nos diga claramente para não fazer alguma coisa, continuaremos fazendo até o final dos tempos.

Sermões também não adiantam; o que nós precisamos é de um Salvador. Mudar nossa mente através da educação não é suficiente, precisamos de uma mudança de coração. O homem descobriu o segredo da força física e o poder da reação nuclear. Agora ele precisa do poder espiritual para libertar-se de si mesmo e ajudá-lo a conquistar e controlar o seu eu; um poder que dê a ele um caráter moral à altura de suas conquistas científicas.

CONFLITOS NOS RELACIONAMENTOS

Nossa lista de consequências terríveis do pecado ainda não está completa. Precisamos considerar ainda seu efeito sobre nossos relacionamentos.

O pecado é uma infecção que está arraigada na natureza humana e mantém nosso ego sob controle. Na verdade, o pecado é o nosso próprio eu. Todos os pecados que cometemos são declarações do ego contra Deus ou contra o próximo. Os Dez Mandamentos, mesmo sendo uma lista de proibições negativas, estabelecem nossas obrigações para com Deus e para com os outros. Jesus deixou isso ainda mais claro ao fazer um resumo positivo da lei, juntando Levítico 19.18 com Deuteronômio 6.5: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os profetas.”

É importante observar que o primeiro mandamento diz respeito à nossa obrigação para com Deus, e não à nossa obrigação para com o próximo. Devemos amar primeiro a Deus, e então amar o nosso próximo como a nós mesmos. Assim, Deus ordena que o coloquemos em primeiro lugar, os outros em segundo, e nós mesmos em último. Pecado é a inversão dessa ordem. É colocarmos a nós em primeiro lugar, nosso próximo em segundo, e Deus em algum lugar depois desses. O homem que escreveu sua autobiografia e deu a ela o título de *Dear Me* [Querido Eu] soube expressar bem a ideia que fazemos de nós mesmos. Nas festas de aniversário infantis, na hora de servir o sorvete, todas as crianças gritam em uníssono: “Primeiro eu!” Quando crescemos, aprendemos a não nos comportar desse jeito, mas ainda pensamos assim. A definição de pecado original do arcebispo William Temple descreve essa verdade com perfeição:

Eu sou o centro do mundo; a posição do horizonte depende de onde eu estou... A educação pode tornar-me um pouco menos egoísta e alargar meus horizontes de interesses; no entanto, é como a visão do alto de uma torre – pode ampliar meu horizonte para a visão física, mas me mantém como centro e padrão de referência.¹⁰

Esse egoísmo básico afeta todo o nosso comportamento. Não nos ajustamos às outras pessoas com facilidade. Temos a tendência de desprezá-las ou invejá-las, nos sentirmos superiores ou inferiores em relação a elas. Raramente temos um conceito moderado de nós mesmos, “segundo a medida da fé”, como Paulo recomendou aos seus leitores.

Todos os relacionamentos da vida são complicados. Pais e filhos, marido e mulher, patrão e empregado. A delinquência juvenil certamente tem muitas causas, mas em grande parte se deve à insegurança no lar; mas o fato é que os delinquentes estão (por qualquer razão) se defendendo da sociedade. Centenas de divórcios poderiam ter sido evitados se as pessoas fossem humildes o suficiente para se responsabilizarem por seus erros e não atribuí-los somente a seus parceiros. Sempre que casais me procuram para dizer que seus casamentos estão ameaçados, noto que cada um conta uma história diferente. Muitas vezes seus relatos são tão diferentes que é impossível supor que estejam descrevendo a mesma situação.

Muitas brigas resultam da falta de compreensão, e a incompreensão se deve ao nosso fracasso em aceitar o ponto de vista do outro. Temos mais facilidade para falar do que para ouvir, para argumentar do que se submeter. Isso se aplica tanto às disputas comerciais e empresariais quanto

às discussões familiares. Muitos conflitos entre patrões e empregados poderiam chegar a um acordo se cada lado fosse menos crítico e mais tolerante em relação ao outro. Em geral, somos tolerantes conosco e críticos com os outros. Isso também é verdade em relação às complexas tensões internacionais. Os conflitos políticos da atualidade acontecem, na maior parte das vezes, por receio ou insensatez. Nossa visão é unilateral. Exaltamos nossas virtudes e exageramos os defeitos dos outros.

Não temos dificuldade em condenar os relacionamentos sociais no mundo atual. Mas nossa intenção aqui é mostrar como o pecado humano e o egoísmo são a causa de todos os nossos problemas. Nosso egoísmo nos faz entrar em conflito com outras pessoas. Se substituirmos nosso egoísmo por um espírito altruísta, nossos conflitos se resolverão. Esse espírito altruísta é o que a Bíblia chama de “amor”. Enquanto o pecado é possessivo, o amor é generoso. O pecado se caracteriza pelo desejo de ter; enquanto que o amor está sempre pronto a dar.

O amor sempre dá,
perdoa, suporta;
o amor está sempre de mãos abertas;
enquanto houver amor, haverá entrega,
pois essa é a prerrogativa do amor,
dar, dar e dar, sempre.

O que o homem necessita é de uma mudança radical de natureza, aquilo que o professor H. M. Gwatkin chamou de “trocar o eu pelo não-eu”. Mas ele não pode fazer isso através de suas próprias forças. Ele não pode operar a si mesmo. Mais uma vez, ele precisa de um Salvador.

Essa exposição do nosso pecado foi feita com o propósito de nos convencer da nossa necessidade de Jesus Cristo e nos preparar para compreender e aceitar tudo aquilo que ele nos oferece. A fé nasce da necessidade. Nós jamais iremos colocar a nossa confiança em Cristo enquanto não deixarmos de confiar em nós mesmos. Jesus afirmou: “Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes. Eu não vim chamar justos, e sim pecadores”. Somente quando tivermos percebido e encarado a seriedade da nossa doença é que admitiremos nossa necessidade urgente de cura.

PARTE TRÊS
A OBRA DE CRISTO

7.

A MORTE DE CRISTO

O CRISTIANISMO É UMA religião de resgate. Ele declara que Deus tomou a iniciativa, através de Jesus Cristo, de libertar-nos dos nossos pecados. Este é o tema central da Bíblia.

E lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles.

Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o perdido.

Fiel é a palavra e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores.

E nós temos visto e testemunhado que o Pai enviou o seu Filho como Salvador do mundo.¹

Mais especificamente, uma vez que o pecado acarreta três consequências principais, a “salvação” inclui a libertação de todas elas.

Através de Jesus Cristo, podemos ser resgatados do exílio e reconciliados com Deus; podemos nascer de novo, receber uma nova natureza, nos libertarmos de nossa escravidão moral; e podemos ter as velhas desavenças substituídas por

uma comunhão de amor. O primeiro aspecto da salvação – a reconciliação com Deus – Cristo tornou possível por meio de seu sofrimento e morte; o segundo – a libertação da escravidão do pecado – por meio de seu Espírito; e o terceiro – restauração dos relacionamentos – por meio da edificação de sua igreja. Neste capítulo, iremos abordar o primeiro aspecto, e no próximo nos ocuparemos do segundo e do terceiro.

Paulo descreveu sua obra como um “ministério de reconciliação” e o evangelho como uma “mensagem de reconciliação”. Ele também deixou claro que essa reconciliação vem de Deus. Deus é o autor e Cristo o seu agente. “Tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo.” Ele continua: “Deus em Cristo estava reconciliando consigo o mundo”. Tudo o que foi alcançado por meio da morte de Jesus na cruz nasceu na mente e no coração do Deus eterno. Qualquer outra explicação da morte de Cristo ou da salvação do homem que não faça referência a isso não condiz com o ensino bíblico. “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” Novamente, “Porque aprouve a Deus que nele residisse toda a plenitude, e que havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus”.²

Qual o significado da palavra “reconciliação”? Essa mesma expressão aparece em Romanos 5.11 e pode ser traduzida também como “justificação”. O termo “reconciliação” pode ser usado para expressar uma ação em que as partes conflitantes chegam a um acordo, ou indicar a condição em que

essa “união” entre as partes é desfrutada e expressada. Essa “reconciliação”, Paulo diz, nós “recebemos” através de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Não podemos alcançá-la através de nosso próprio esforço; devemos recebê-la como um dom. O pecado provocou separação; a crucificação de Cristo trouxe a reconciliação. O pecado produziu inimizade; a cruz nos trouxe a paz. O pecado criou um abismo entre o homem e Deus; a cruz construiu uma ponte entre eles; o pecado quebrou a comunhão; a cruz a restaurou. Em outras palavras, como Paulo diz em Romanos: “o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor”.

Por que precisamos da cruz para a nossa salvação? Ela é realmente vital para o cristianismo? O que exatamente ela teria conquistado? Passaremos agora a considerar a centralidade e o significado da cruz.

A CENTRALIDADE DA CRUZ

Para que possamos compreender que a morte de Jesus como um sacrifício pelo pecado é o cerne da mensagem da Bíblia devemos voltar para o Antigo Testamento. A religião do Antigo Testamento era sacrificial desde o princípio. Desde que Abel trouxe cordeiros de seu rebanho como oferta e “o Senhor se agradou de Abel e de sua oferta”, os adoradores de Jeová passaram a oferecer sacrifícios a ele. Altares foram erigidos, animais foram sacrificados e seu sangue derramado no período anterior à lei mosaica. Mas sob Moisés, após a ratificação da aliança entre Deus e o povo no monte Sinai, o que era até certo ponto informal, foi regularizado por meio de ordenança divina.

Os grandes profetas dos séculos 8 e 9 a.C. protestaram contra o formalismo e a imoralidade dos adoradores, mas o sistema sacrificial se manteve em vigência até a destruição do Templo, no ano 70 d.C. Os judeus conheciam bem os rituais, que incluíam ofertas queimadas, ofertas pelo pecado e oferta de bebidas apropriadas, além das ofertas diárias, semanais, mensais, anuais e para ocasiões especiais. Nenhum judeu poderia negligenciar as lições fundamentais de todo esse processo educativo, que ensinava que “a vida da carne está no sangue”, e que “sem derramamento de sangue não há remissão”.³

Os sacrifícios do Antigo Testamento prenunciaram o sacrifício de Cristo de forma visível; os profetas e salmistas o anunciaram através de palavras. Encontramos uma representação de Jesus na figura da vítima inocente, perseguida pelos inimigos, descrita em certos salmos que mais tarde foram aplicados a Jesus. Podemos observá-lo em Zacarias, na figura do pastor que foi ferido e suas ovelhas dispersas; e no livro de Daniel, como Príncipe ou “Ungido” que “será morto”. Porém, mais que em qualquer outro profeta, nós o encontramos na figura notável do servo sofredor da profecia de Isaías – o desprezado “homem de dores”, que foi ferido pelas transgressões de outros e como cordeiro foi levado ao matadouro, carregando o pecado de muitos. De fato, “está escrito que o Cristo havia de padecer”.⁴

Jesus sabia bem qual seria o seu destino. Ele reconheceu que as Escrituras testemunhavam a seu respeito e que nele as profecias seriam cumpridas. Isso fica particularmente claro na referência a seus sofrimentos. O momento decisivo

de seu ministério ocorreu em Cesareia de Filipe quando, imediatamente após Simão Pedro ter confessado que ele era o Cristo, “começou a ensinar-lhes [aos discípulos] que era necessário que o Filho do homem sofresse muitas coisas”.

Essa “necessidade”, esse sentido de dever colocado sobre ele pelas Escrituras como revelador da vontade do Pai, é recorrente em seu ensino. Ele tinha que “beber de certo cálice”, e enquanto isso não se cumprisse, ele se sentia constrangido. Ele se movimentou com determinação no sentido de cumprir o que ele chamava de sua “hora”, mencionada várias vezes na narrativa dos Evangelhos como “ainda não chegada”. Até que, pouco antes de sua prisão, com a cruz diante de seus olhos, ele finalmente pôde dizer, “É chegada a hora”.

A perspectiva da experiência penosa que ele teria que enfrentar enchia-o de pressentimentos. “Agora está angustiada a minha alma, e o que direi eu? Pai, salva-me desta hora? mas precisamente com este propósito vim para esta hora. Pai, glorifica o teu nome!” Quando o momento derradeiro de sua prisão chegou e Simão investiu com sua espada para protegê-lo, cortando a orelha do servo do sumo sacerdote, Jesus o repreendeu: “Mete a espada na bainha, não beberei porventura o cálice que o Pai me deu?” De acordo com Mateus, Jesus acrescentou: “Acaso pensais que não posso rogar a meu Pai, e ele me mandaria nesse momento mais de doze legiões de anjos? Como pois se cumpririam as Escrituras, segundo as quais assim deve suceder?”⁵

A suprema importância da cruz, prenunciada pelo Antigo Testamento e pregada por Jesus, foi plenamente reconhecida

pelos autores do Novo Testamento. Os escritores dos quatro Evangelhos dedicam um espaço proporcionalmente muito maior, em relação ao resto de sua vida e ministério, aos acontecimentos ocorridos na última semana de Cristo e à sua morte. Dois quintos do primeiro Evangelho, três quintos do segundo, um terço do terceiro e quase metade do quarto são dedicados aos eventos que aconteceram entre a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém e sua ascensão triunfal ao céu. Isto é particularmente notável no caso de João, cujo Evangelho muitas vezes tem sido dividido em duas metades iguais, intituladas “O Livro dos Sinais” e “O Livro da Paixão”.

O que está implícito nos Evangelhos é apresentado de forma explícita nas epístolas, principalmente naquelas escritas por Paulo. O apóstolo estava constantemente lembrando a seus leitores da cruz. Ele tinha um enorme senso de sua dívida para com o Salvador que havia morrido por ele. “O Filho de Deus... me amou”, ele escreveu, “e a si mesmo se entregou por mim”, portanto, “longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo”.

Aos coríntios, que corriam o risco de ser tragados pelas sutilezas da filosofia grega, o apóstolo escreveu:

Porque tanto os judeus pedem sinais como os gregos buscam sabedoria, mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios, mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus.

Foi isso, de fato, que Paulo proclamou quando esteve em Corinto pela primeira vez, vindo de Atenas, em sua segunda

viagem missionária: “Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este, crucificado”, e novamente: “Antes de tudo vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras”.⁶

Essa mesma ênfase sobre a cruz é encontrada no resto do Novo Testamento. Mais adiante veremos o que o apóstolo Pedro escreveu sobre a cruz. Na epístola aos Hebreus encontramos a declaração inequívoca de que Cristo “se manifestou uma vez por todas, para aniquilar pelo sacrifício de si mesmo o pecado”. Quando chegamos ao misterioso e extraordinário livro do Apocalipse, temos uma visão de Jesus glorificado no céu como o “Leão da tribo de Judá”, e em pé, como o “Cordeiro que tinha sido morto”, e ouvimos uma multidão incontável de santos e de anjos cantando em seu louvor, “Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória e louvor!”⁷

Assim, dos primeiros capítulos de Gênesis aos capítulos finais do Apocalipse, podemos traçar aquilo que alguns autores chamam de “linha escarlate”. Da mesma forma que o novelo de lã de Teseu permitiu que ele encontrasse a saída do labirinto, essa linha nos capacita a encontrar o caminho através do labirinto das Escrituras. A igreja tem reconhecido o ensino bíblico sobre a centralidade da cruz. Muitas igrejas usam o sinal da cruz no batismo e erguem uma cruz sobre os túmulos dos cristãos. Alguns templos têm sido construídos em forma de cruz, e muitos cristãos costumam usar uma cruz na lapela ou pendurada numa corrente em torno do pescoço. Isso não é coincidência. A cruz é o símbolo da nossa fé. A fé cristã é a fé no “Cristo crucificado”. As palavras que

o imperador Constantino afirmou ter avistado no céu, nós encontramos nas páginas da Bíblia: *In hoc signo vinces*. Não há vitória sem a cruz. Não há cristianismo sem cruz. Por quê? Qual o significado da cruz?

O SIGNIFICADO DA CRUZ

Antes de entrar no assunto em questão, preciso confessar que muitas coisas ainda constituem um mistério para mim. Os cristãos creem que a cruz é o evento central da história. Não é de admirar que nossas mentes limitadas não consigam entendê-lo por completo! Um dia o véu será completamente removido, e todos os mistérios serão desvendados. Contemplaremos a Cristo face a face e o adoraremos por toda a eternidade por aquilo que ele fez por nós. “Porque agora vemos como em espelho, obscuramente, então veremos face a face. Agora conheço em parte, então conhecerei como também sou conhecido”. Essas palavras foram ditas pelo grande apóstolo Paulo, um homem extremamente inteligente e perspicaz; e se ele pensava assim, quem somos nós para pensar diferente?

Irei me restringir ao que Simão Pedro escreveu sobre a morte de Jesus em sua primeira carta. E tenho três razões para agir desta forma.

Primeiramente, os Evangelhos revelam que Pedro fazia parte do grupo de apóstolos mais próximo de Jesus. Pedro, Tiago e João formavam um trio que desfrutava de uma comunhão mais íntima com Jesus que o resto dos Doze. Assim Pedro, provavelmente conhecia bem o que Jesus pensava e ensinava acerca de sua morte. De fato, em sua primeira carta

ele demonstrou ter uma lembrança clara de muitas coisas que seu Mestre havia ensinado.

A segunda razão que me fez voltar para Pedro é que inicialmente ele relutou em aceitar o fato de que o sofrimento de Cristo era necessário. Ele foi o primeiro a reconhecer a singularidade da pessoa de Cristo, mas foi também o primeiro a negar a necessidade de sua morte. Ele que havia declarado: “Tu és o Cristo”, gritou: “Não, Senhor!” quando Jesus começou a ensinar que o Cristo deveria sofrer. Nos últimos dias do ministério de Jesus, Pedro permaneceu hostil à ideia de que Cristo deveria morrer. Ele saiu em sua defesa no jardim, investindo contra os soldados, mas quando Jesus foi preso, ele o seguiu à distância. Desiludido e triste ele o negou por três vezes logo depois, e as lágrimas que derramou não foram somente de remorso, mas também de desespero. Somente depois da ressurreição, quando Jesus perguntou aos apóstolos, “Porventura não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória?”, é que Simão Pedro finalmente começou a entender e a crer. Poucas semanas depois, nós o encontramos totalmente convencido dessa verdade, dirigindo-se à multidão no templo com as palavras: “Mas Deus assim cumpriu o que dantes anunciara por boca de todos os profetas, que o seu Cristo havia de padecer”. Sua primeira carta contém várias referências “aos sofrimentos e à glória de Cristo”. Como Pedro, nós também podemos, num primeiro momento, relutar em admitir a necessidade da cruz e demorar em compreender o seu significado. Porém, ninguém melhor do que o próprio Simão Pedro para nos convencer dessa verdade.

Terceiro, as referências à cruz na primeira epístola de Pedro são casuais. Se ele estivesse deliberadamente reunindo argumentos para provar que a morte de Jesus era indispensável, deveríamos esperar que ele se esforçasse nesse sentido. Mas suas alusões são mais éticas que doutrinárias. Ele simplesmente exorta seus leitores para que vivam suas vidas cristãs de forma coerente e suportem seus sofrimentos com paciência, sugerindo que eles busquem inspiração na cruz.

O exemplo de Cristo

A primeira epístola de Pedro foi escrita num contexto de perseguição. O imperador Nero ficou conhecido por sua hostilidade para com a igreja cristã, e o coração de muitos cristãos sucumbiu diante do temor. As explosões de violência contra os cristãos eram frequentes, mas o pior ainda estava por vir.

O conselho de Pedro é direto.⁸ Se os servos cristãos estão sendo maltratados pelos seus senhores pagãos, que fique bem claro que eles não estão sendo castigados por motivo justo. Não há nenhum valor em sofrer por algo de errado que tenham feito. Mas se eles estão sofrendo por causa da justiça, que recebam de bom grado a punição, em nome de Cristo. Eles não devem resistir ao castigo, muito menos retaliar. Ao contrário, devem se submeter. Suportar o sofrimento injusto com paciência é grato a Deus. Nesse ponto, o pensamento de Pedro volta-se para a cruz. O sofrimento imerecido faz parte do chamado cristão, ele afirma, “pois também Cristo sofreu no lugar de vocês, deixando-lhes exemplo, para que sigam os

seus passos”. Cristo não cometeu nenhum pecado e nele não havia nenhuma culpa. No entanto, quando foi insultado, ele não reagiu; quando sofreu, não fez ameaças. Ele simplesmente se submeteu, ou, como diz o texto, entregou-se nas mãos “daquele que julga retamente”.

Cristo nos deixou exemplo. A palavra grega usada por Pedro só é mencionada aqui, em todo o Novo Testamento, e se refere a um exercício em que o aluno aprende a escrever copiando o modelo de escrita do professor. Assim, se desejamos ser mestres em amor cristão, devemos viver de acordo com o modelo deixado por Jesus. Devemos “seguir os seus passos”. Este é um verbo eloquente, principalmente vindo da pena de Pedro. Ele havia se gabado de que seguiria Jesus até a morte, mas na hora de sua prisão, ele “o seguiu de longe”. Só mais tarde, na praia do mar da Galileia, Jesus renovou seu chamado a Pedro usando esse mesmo verbo, “Siga-me”. Assim, Pedro estava exortando seus leitores a juntarem-se a ele em sua tentativa de seguir os passos do Mestre.

O desafio da cruz é tão constrangedor hoje quanto foi no primeiro século; e é tão relevante hoje como foi no passado. Talvez nada seja mais contrário aos nossos instintos naturais do que a ordem para não resistir, suportar o sofrimento injusto e vencer o mal com o bem. A cruz, no entanto, nos ensina a aceitar a injúria, a amar o inimigo e a deixar o resto nas mãos de Deus.

A morte de Jesus, contudo, é mais que um exemplo inspirador. Se ela fosse apenas um exemplo, muitas coisas na história dos Evangelhos ficariam sem explicação. Há algumas frases estranhas, como quando ele afirmou que “daria a sua vida

em resgate por muitos” e derramaria o seu sangue, o “sangue da aliança”, ele o chamou, “para remissão de pecados”.⁹ Não há redenção no exemplo. Um padrão não pode assegurar o nosso perdão.

Além disso, por que ele teria tido um pressentimento tão pesado e sofrido à medida que a cruz se aproximava? Como explicar sua terrível agonia no jardim, suas lágrimas, clamores e seu suor “como gotas de sangue”?

“Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres”. Novamente: “Meu Pai, se não é possível passar de mim este cálice sem que eu o beba, faça-se a tua vontade”. Seria esse cálice que ele relutava em aceitar o símbolo da morte por crucificação? Estaria ele com medo da dor e da morte? Se fosse isso, ele teria nos deixado um exemplo de submissão e de resignação, não de coragem. Platão relata que Sócrates bebeu o cálice de cicuta na prisão em Atenas, “com rapidez e coragem”. Sócrates teria sido mais corajoso que Jesus? Ou o conteúdo de seus cálices era diferente? Qual o significado da escuridão, do clamor de abandono, e da cortina do Templo que se rasgou de alto a baixo diante do Santo dos Santos? Nada disso teria explicação se Jesus tivesse morrido apenas como exemplo. Na verdade, algumas teriam contribuído para que seu exemplo fosse menos relevante.

Não só algumas coisas registradas nos Evangelhos permaneceriam ocultas se a morte de Cristo fosse meramente um exemplo; isso não seria suficiente para suprir nossa necessidade. Um exemplo não é suficiente, precisamos de um Salvador. Um exemplo pode estimular a nossa imaginação,

despertar nossos ideais e fortalecer nossas decisões, mas não pode limpar as manchas deixadas pelos pecados cometidos, trazer paz à nossa consciência atribulada ou nos reconciliar com Deus.

De qualquer forma, os apóstolos não deixam dúvidas sobre o assunto. Eles habitualmente associam a vinda de Cristo e sua morte aos nossos pecados.

Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras.

Pois também Cristo morreu uma única vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus.

Sabeis também que ele se manifestou para tirar os pecados.

Paulo, Pedro e João, três grandes autores apostólicos do Novo Testamento, são unânimes em associar a morte de Jesus ao nosso pecado.¹⁰

Cristo carregou nossos pecados na cruz

A frase que Pedro usa em sua primeira carta (2.24) para descrever a relação entre a morte de Cristo e os nossos pecados é esta: “Carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados”. A expressão “carregar pecados” soa estranha aos nossos ouvidos, assim, precisaremos voltar ao Antigo Testamento para compreendê-la. A ideia aparece frequentemente nos livros de Levítico e Números, onde podemos ler várias vezes que se alguém infringir uma das leis reveladas por Deus “sofrerá as consequências da sua iniquidade” ou “levará os seus pecados”. Por exemplo: “Se alguma pessoa pecar e fizer contra algum de todos os mandamentos do Senhor aquilo que se não deve fazer, ainda que o não soubesse, contudo será culpado e levará a sua iniquidade”.¹¹

A expressão só pode significar uma coisa: “levar o pecado” é sofrer as consequências do pecado, é receber o castigo.

Algumas vezes, isso também implica que outra pessoa pode assumir a responsabilidade pelo pecador. No capítulo 30 do livro de Números, ao abordar a questão dos votos, Moisés explica que o voto assumido por um homem ou por uma viúva deve ser cumprido. Porém, se uma jovem solteira ou uma mulher casada assumirem um voto, este deve ser aprovado pelo pai ou pelo marido, respectivamente. Se o homem ouvir o voto da mulher e se calar, e mais tarde esse voto se mostrar tolo, está escrito que ele “sofrerá as consequências de sua iniquidade”. Outro exemplo se encontra no livro de Lamentações, no qual, após a destruição de Jerusalém os israelitas clamam: “Nossos pais pecaram, e já não existem; nós é que levamos o castigo das suas iniquidades”.

A possibilidade de outra pessoa assumir a responsabilidade pelo pecado, e sofrer as consequências pode ser encontrada nos sacrifícios de sangue do Antigo Testamento, ordenados pela lei mosaica, que atualmente nos parece tão estranha. Acerca da oferta pelo pecado, as Escrituras nos dizem que Deus as instituiu “para levar a iniquidade da congregação, para fazer expiação por eles diante do Senhor”. Do mesmo modo, no Dia da Expição, Arão foi instruído a impor suas mãos sobre a cabeça de um bode expiatório, como forma de identificar a si mesmo e ao seu povo com o animal. Em seguida, ele deveria confessar os pecados da nação, transferindo-os simbolicamente ao bode, que era levado ao deserto. Depois disso, lemos que “o bode levará sobre si as iniquidades deles para terra solitária”.¹² Fica claro, a partir

do texto que, “levar” os pecados de alguém é assumir o lugar de outra pessoa, substituí-la, arcar com as consequências de seu pecado.

Porém, essa extraordinária provisão é temporária, pois “é impossível que sangue de touros e de bodes remova pecados”, como diz o autor da epístola aos Hebreus. Assim, no longo cântico do Servo Sofredor de Isaías (capítulo 53), o sofredor inocente (que prefigura Cristo) é descrito em termos intencionalmente sacrificais. “Como cordeiro foi levado ao matadouro”, e “não abriu a sua boca”; mas “o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós”, e assim sua alma tornou-se uma “oferta pelo pecado”. Nós todos “andávamos desgarrados como ovelhas, cada um se desviava pelo caminho”, mas ele, também “como ovelha”, foi “transpassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos sarados”. Essa linguagem clara de substituição descrevendo-o como “aflito, ferido de Deus e oprimido”, é resumida no fim do capítulo em duas frases já citadas em Levítico: “As iniquidades deles levará sobre si” e “Ele levou sobre si o pecado de muitos”.

Quando Jesus começou seu ministério, séculos depois, João Batista saudou-o publicamente com as extraordinárias palavras: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!” Do mesmo modo, os escritores do Novo Testamento não tiveram dificuldade em reconhecer a morte de Jesus como o sacrifício definitivo, no qual todos os sacrifícios do Antigo Testamento foram cumpridos. Essa verdade constitui uma parte importante da mensagem da epístola aos Hebreus.

Os antigos sacrifícios incluíam bois e bodes; Cristo se ofereceu a si mesmo. Os antigos sacrifícios precisavam ser repetidos interminavelmente; Cristo morreu uma única vez, e para sempre. “Jesus... tendo oferecido para sempre um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus.”

Esta última frase nos leva de volta à expressão de Pedro: “Carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados”. O Filho de Deus identificou-se com os pecados dos homens. Ele não se contentou em assumir a nossa natureza; também levou sobre si a nossa iniquidade. Ele não apenas “se fez carne” no útero de Maria; ele “se fez pecado” na cruz do Calvário.

Estas últimas palavras são de Paulo – talvez as mais admiráveis de todo o ensino bíblico sobre propiciação. Mas não podemos nos esquivar de seu significado. Nos versículos anteriores (em 2 Coríntios 5), Paulo afirma que Deus não “imputou aos homens as suas transgressões” nem usou-as contra nós. Ou seja, em seu amor extremo e imerecido por nós, ele não nos faria prestar contas de nossos próprios pecados. Não permitiria que dissessem a nós o que se dizia nos dias do Antigo Testamento, “Cada um será morto pela sua iniquidade”. Então o que Deus fez? “Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós, para que fôssemos feitos justiça de Deus”. Jesus não tinha nenhum pecado; ele se fez pecado com os nossos pecados, na cruz.

Ao olharmos para a cruz, começamos a entender as terríveis implicações dessas palavras. Ao meio-dia, “houve trevas sobre toda a terra”, que permaneceram por três horas, até

Jesus morrer. Com a escuridão veio o silêncio, pois nenhum olho poderia ver, e lábio algum poderia contar a agonia e o sofrimento a que se submeteu o Cordeiro imaculado. Os pecados acumulados durante toda a história da humanidade foram colocados sobre ele. Ele levou-os voluntariamente em seu próprio corpo, e os fez seus, assumindo plena responsabilidade por todos eles.

E então, em total abandono espiritual, um grito saiu de seus lábios: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”, uma citação do primeiro versículo do Salmo 22. É provável que, em sua agonia, ele tenha meditado sobre os sofrimentos e a glória de Cristo. Mas por que ele citou especificamente esse versículo, e não um dos versículos triunfais que se encontram no final desse mesmo salmo? Ele poderia ter citado: “Perante ele se prostrarão todas as famílias das nações” ou “Do Senhor é o reino”. Teria sido um grito de fraqueza humana ou desespero? Seria fruto de uma alucinação?

Não. Essas palavras devem ser entendidas tal como foram ditas. Ele citou esse versículo das Escrituras, assim como todos os outros, porque acreditava que estava cumprindo cada um deles. Naquele momento, ele estava levando sobre si os nossos pecados. Deus, que é “tão puro de olhos” que não pode ver o mal, nem contemplar a opressão, virou o rosto para não contemplar aquela cena. Nossos pecados foram colocados entre o Pai e o Filho. O Senhor Jesus Cristo, que sempre esteve com o Pai, desfrutando de uma comunhão ininterrupta com ele, agora estava momentaneamente abandonado. Nossos pecados o levaram ao inferno. Ele experimentou o tormento da alma separada de Deus. Ao levar

sobre si os nossos pecados, ele morreu em nosso lugar. Ele suportou o castigo da separação de Deus que nós, com nossos pecados, merecíamos.

Então, emergindo daquela escuridão, ele bradou em alta voz: “Está consumado!”, e finalmente: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!”. Depois de dizer essas palavras, ele morreu. Sua obra estava concluída. A salvação que ele veio conquistar estava consumada. Ele levou sobre si todos os pecados do mundo, e agora nós podemos nos reconciliar com Deus, desde que confiemos nesse Salvador, e o recebamos em nossas vidas. Imediatamente, como uma forma visível de demonstração dessa verdade, a mão invisível de Deus rasgou o véu do Templo, de alto a baixo. Ele não era mais necessário. O caminho para a presença santa de Deus não estava mais impedido. Cristo abriu o portão do céu para “todo aquele que crê”. Trinta e seis horas depois ele ressuscitou dentre os mortos, a fim de provar que não havia morrido em vão.

Este relato simples e ao mesmo tempo extraordinário sobre o Filho de Deus que levou sobre si os pecados do mundo não é bem aceito nos dias atuais. A ideia de que devemos levar nossos pecados e receber a devida punição é vista como algo imoral, indigno e injusto. Além disso, pode ser facilmente deturpada. Não estamos sugerindo que não há nada que possamos fazer. Devemos certamente nos converter “ao Pastor e Bispo” de nossas almas, morrer para o pecado e viver para a justiça, como Pedro nos diz. Acima de tudo, não podemos esquecer que “tudo provém de Deus”, consequência de sua inimaginável misericórdia. Jesus Cristo não pode ser visto

como alguém que “arrancou” a nossa salvação de um Deus que não estava disposto a salvar. Não. A iniciativa foi do próprio Deus. “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo”. Não sei explicar como ele estava em Cristo ao mesmo tempo em que o fez pecado por nós, mas o mesmo apóstolo declara essas duas verdades no mesmo parágrafo. Devemos aceitar esse paradoxo junto com a afirmação igualmente desconcertante de que Jesus de Nazaré era Deus e Homem ao mesmo tempo, em uma única pessoa. Se a pessoa de Cristo é paradoxal, não é de estranhar que encontremos um paradoxo em sua obra também.

Embora tenhamos dificuldade em solucionar o paradoxo ou compreender esse mistério, devemos crer na declaração direta de Cristo e de seus apóstolos de que ele levou sobre si os nossos pecados, tomando-a no sentido bíblico de que ele recebeu o castigo em nosso lugar.

Certamente Pedro também entendia assim, o que podemos constatar a partir de três considerações. Primeiro, ele diz que Cristo carregou “ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados”. Não há dúvida que ele usou essa palavra deliberadamente, assim como em seus primeiros sermões registrados no livro de Atos. Por exemplo, “Jesus, o Nazareno,... sendo entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus,... vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos”. Seus ouvintes judeus não tiveram dificuldade em compreender a referência implícita a Deuteronômio 21, que diz, “qualquer que for pendurado no madeiro é maldito de Deus”. O fato de Jesus ter morrido pendurado “sobre o madeiro” (para os judeus,

ser pregado numa cruz ou pendurado sobre o madeiro eram situações equivalentes) queria dizer que ele estava sob maldição divina.

Em vez de rejeitar essa ideia, os apóstolos a aceitaram; Paulo fez uma explanação sobre esse assunto em Gálatas 3. Ele enfatizou que estava escrito em Deuteronômio: “Maldito aquele que não confirmar as palavras desta lei, não as cumprindo”. Mas “Cristo nos resgatou da maldição da Lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar, porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro”. O significado desses versículos é decisivo e evidente: a maldição que deveria cair sobre os pecadores por transgredirem a lei foi lançada sobre Jesus na cruz. Ele nos libertou da maldição, tomando-a sobre si quando morreu.

Segundo, este trecho da primeira carta de Pedro contém cinco referências verbais claras a Isaías 53:

1 PEDRO 2

Ele não cometeu pecado
algum, nem dolo algum se
achou em sua boca

Ele foi ultrajado

Ele mesmo levou em seu
corpo os nossos pecados

Por suas chagas fomos
sarados

Estávamos desgarrados
como ovelhas

ISAÍAS 53

Ele foi oprimido e humilhado,
mas não abriu a sua boca

Foi desprezado e rejeitado
pelos homens

As nossas dores ele levou
sobre si

Pelas suas pisaduras fomos
sarados

Todos nós andávamos
desgarrados como ovelhas

Já pudemos observar que este capítulo descreve a imagem do Servo Sofredor, que, em sua morte sacrificial foi ferido pelas nossas transgressões. Sem dúvida nenhuma, Jesus interpretou sua missão e sua morte à luz deste capítulo, da mesma forma que seus seguidores. Quando o eunuco etíope perguntou ao evangelista Filipe a quem se referia o profeta naquela passagem que ele estava lendo, Filipe imediatamente “anunciou-lhe a Jesus”.

Terceiro, Pedro faz outras referências à cruz em sua carta que confirmam a maneira como interpretamos suas palavras no capítulo dois. Ele descreve seus leitores como “redimidos... pelo precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro sem defeito e sem mácula”, e tendo sido “aspergidos” com o seu sangue.¹³ Essas duas expressões se referem ao sacrifício da Páscoa, instituído por ocasião do Êxodo. Cada família israelita deveria tomar um cordeiro, sacrificá-lo e aspergir o sangue na viga superior e nos batentes das portas. Só assim eles estariam a salvo do juízo de Deus e poderiam escapar da escravidão do Egito. Pedro, com ousadia, aplicou o simbolismo da Páscoa a Cristo (da mesma forma que Paulo, quando disse, “Cristo, nosso cordeiro pascal, foi imolado”). Seu sangue foi derramado para nos redimir do juízo de Deus e da escravidão do pecado. Para sermos beneficiados pelo seu sangue, ele deve ser aspergido em nossos corações, ou seja, aplicado sobre cada um de nós, individualmente.

Outra referência significativa de Pedro à cruz está no capítulo 3.18: “Pois também Cristo morreu uma única vez, pelos pecados; o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus”. O

pecado nos separou de Deus; mas Cristo desejou nos trazer de volta para Deus. Assim, ele sofreu pelos nossos pecados – um Salvador inocente no lugar de pecadores culpados. Ele ofereceu sua vida “uma vez para sempre”, definitivamente; pois aquilo que ele fez não pode ser repetido ou melhorado, nem sofrer acréscimo.

Não devemos ignorar as implicações dessa verdade. Isso significa que ser religioso ou praticar boas obras não é garantia de perdão. No entanto, muitas pessoas do ocidente pós-cristão têm sido enganadas por essa caricatura de cristianismo. Essas pessoas não veem nenhuma diferença fundamental entre o evangelho cristão e as religiões orientais, o que é compreensível, uma vez que para elas todas as religiões se baseiam nos méritos humanos. “Deus ajuda aqueles que ajudam a si mesmos”, elas afirmam. Mas é totalmente impossível reconciliar essa ideia com a cruz de Cristo. Ele morreu para nos redimir dos pecados pelo simples fato de que não podemos fazer isso por nós mesmos. Se pudéssemos, sua morte substitutiva não teria sentido. Na verdade, se afirmamos que podemos assegurar o favor de Deus por meio de nossos próprios esforços estamos insultando Jesus Cristo. Pois isso seria equivalente a dizer que podemos dar conta da nossa vida sem ele ou que a morte dele era desnecessária. Como Paulo coloca, “se a justiça (isto é, a nossa aceitação por parte de Deus) é mediante a lei (isto é, por meio da nossa obediência), segue-se que Cristo morreu em vão”.¹⁴

A mensagem da cruz continua sendo até hoje, como nos dias de Paulo, loucura para os sábios e pedra de tropeço para

os hipócritas, mas tem trazido paz à consciência de milhões de pessoas. Como escreveu Richard Hooker em um sermão que pregou em 1585, quando era Mestre do Templo:

Não importa que muitos considerem isso como tolice, delírio ou arrebatamento, ou qualquer outra coisa. Ele é a nossa sabedoria e o nosso consolo. Nenhum conhecimento é mais importante do que saber que o homem pecou e que Deus sofreu; que Deus se fez pecado pelos homens, e que os homens foram assim justificados diante de Deus.

Todo cristão pode fazer eco a essas palavras. Há cura através de suas feridas, vida através de sua morte, perdão através de sua dor, salvação através de seu sofrimento.

8.

A SALVAÇÃO EM CRISTO

“SALVAÇÃO” É UMA PALAVRA muito abrangente. É um grande erro supor que ela seja meramente um sinônimo de perdão. Deus se preocupa tanto com nosso presente quanto com nosso futuro ou passado. Seu plano começa com nossa reconciliação com Deus, e então progressivamente ele nos liberta de nosso egoísmo e nos capacita a viver em harmonia com os nossos semelhantes. Devemos o nosso perdão e reconciliação primeiramente à morte de Cristo, mas é por meio do seu Espírito que podemos nos libertar de nós mesmos, e é em sua igreja que podemos desfrutar da comunhão com os irmãos. Passaremos agora a considerar esses dois aspectos da salvação de Cristo.

O ESPÍRITO DE CRISTO

Como temos observado, não podemos considerar nossos pecados como meros acidentes casuais, mas como sintomas de uma doença moral interior. Para ilustrar essa verdade, Jesus

usou várias vezes a figura da árvore e seus frutos. A qualidade dos frutos, ele ensinou, depende da qualidade da árvore que os produz. “Toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons.”

A causa de nossos pecados, portanto, é a nossa própria natureza corrupta e egoísta. Como Jesus colocou, nossos pecados vêm do nosso interior, do nosso “coração”. Desse modo, para que haja uma melhora no comportamento é preciso que haja uma mudança de natureza. “Plante uma árvore boa”, disse Jesus, “e os seus frutos (serão) bons”.

Mas a natureza humana pode ser mudada? Como uma pessoa amarga pode se transformar numa pessoa agradável, a orgulhosa se tornar humilde, e a egoísta abnegada? A Bíblia afirma enfaticamente que esses milagres podem acontecer. Isso é parte da glória do evangelho. Jesus Cristo pode mudar não somente a nossa condição diante de Deus, mas também a nossa natureza. Ele disse a Nicodemos que era imprescindível nascer de novo, e suas palavras também se aplicam a nós: “Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus... Não te admires de eu te dizer: Importa-vos nascer de novo”.¹

A declaração de Paulo é, de certo modo, ainda mais dramática, pois ele deixa escapar, em uma sentença sem verbos: “Alguém em Cristo – nova criatura”.² Esta é a possibilidade a que o Novo Testamento se refere: um novo coração, uma nova natureza, um novo nascimento, uma nova criatura.

Essa tremenda mudança interior é obra do Espírito Santo. O novo nascimento é um nascimento “do alto”. Nascer de novo

é “nascer do Espírito”. Não cabe aqui uma discussão sobre o mistério da Trindade. Para o nosso propósito no momento é suficiente considerar aquilo que os apóstolos escreveram sobre o Espírito Santo, uma vez que seu ensino foi iluminado por sua experiência.

Antes de tudo, porém, é importante salientar que o Espírito Santo não surgiu, nem começou a agir no Pentecostes. Ele é Deus, portanto, é eterno e está atuando no mundo desde o princípio. O Antigo Testamento contém muitas referências a ele, e os profetas aguardavam ansiosamente o tempo em que sua atuação seria incrementada, quando então Deus colocaria o seu Espírito dentro do seu povo, capacitando-o assim a obedecer a sua lei.

Aquilo que os profetas do Antigo Testamento disseram que ia acontecer, Cristo prometeu como uma expectativa imediata. Poucas horas antes de morrer, a sós com seus apóstolos no cenáculo, ele falou do “Consolador”, o “Espírito da verdade” que viria e assumiria o seu lugar.

Na verdade, a presença do Espírito Santo seria ainda melhor para eles do que a sua própria presença. “Convém-vos que eu vá”, ele disse, “porque se eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei”. Essa era a grande vantagem. Cristo estava com eles, mas o Espírito “habita convosco” e “estará em vós”.³

Há um aspecto em que podemos dizer que o ensino ministrado por Jesus fracassou. Ele várias vezes exortou seus discípulos a se tornarem humildes como uma criança, mas Simão Pedro permaneceu orgulhoso e prepotente. Jesus disse a eles muitas vezes que amassem uns aos outros, mas

até mesmo João parece ter merecido seu apelido de “filho do trovão” ao final. No entanto, quando lemos a primeira carta de Pedro é impossível deixar de notar suas referências à humildade, assim como as expressões de amor nas cartas de João. O que teria provocado essa mudança? O Espírito Santo. Jesus os ensinou a serem humildes e amorosos; mas essas qualidades só irão se manifestar em suas vidas quando eles receberem o Espírito Santo, que irá transformá-los de dentro para fora.

No dia de Pentecostes, “todos ficaram cheios do Espírito Santo”. Não podemos considerar que essa estranha experiência fosse apenas para os apóstolos e outros santos. Entretanto, não devemos esperar que fenômenos externos como o vento impetuoso e as línguas de fogo se repitam. “Enchei-vos do Espírito” é uma ordem para todos os cristãos. A presença interior do Espírito Santo é o certificado de nascimento espiritual de todo cristão. Na verdade, se o Espírito Santo não habira em nós, não somos cristãos de verdade. “Se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele”, Paulo escreveu.⁴

Isto é o que nos ensina o Novo Testamento. Quando confiamos em Jesus Cristo e assumimos um compromisso com ele, o Espírito Santo vem habitar em nós. Ele é enviado por Deus “aos nossos corações”. Ele faz do nosso corpo o seu templo.⁵

Isso não quer dizer que estaremos isentos da possibilidade de pecar. Ao contrário, de certa forma, o conflito é mais intenso, mas por outro lado, ele nos ajuda a obter vitória. Paulo descreve vividamente essa batalha no capítulo 5 de sua carta aos Gálatas. De um lado está a “carne”, nome dado

por ele à nossa natureza egoísta, e do outro o “Espírito”. “A carne milita contra o Espírito, e o Espírito contra a carne”, ele nos explica.

Não se trata de mera teorização teológica. Trata-se da experiência diária de todo cristão. Continuamos conscientes dos nossos desejos pecaminosos, que nos empurram para baixo; mas estamos também conscientes de uma força contrária, que nos puxa para cima, em direção à santidade. Se dermos liberdade à “carne”, ela nos arrasta para a lama de desejos imorais e egoístas, citados por Paulo nos versículos 19 a 21. Se, por outro lado, permitirmos a ação do Espírito Santo em nossas vidas, o resultado será “amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio”. Paulo chama essas virtudes de “o fruto do Espírito”. Nosso caráter humano é comparado a um pomar que está sendo cultivado pelo Espírito Santo. Se permitirmos que ele cultive as árvores boas, os frutos também serão bons.

Como então a “carne” pode ser subjugada para que o “fruto do Espírito” possa crescer e amadurecer? A resposta está na atitude interior que adotamos em relação a cada um. “Os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências.” “Andai no Espírito, e jamais satisfareis à concupiscência da carne.” Devemos adotar uma atitude de severa resistência e implacável rejeição para com a “carne” de modo que apenas a palavra “crucificação” pode descrevê-la. Mas devemos entregar confiantemente ao Espírito o domínio incontestável de nossas vidas. Quanto mais fazemos da negação da carne e da obediência ao Espírito um hábito, mais

depressa as obras horríveis da carne desaparecerão, dando lugar ao agradável fruto do Espírito.

Paulo ensina a mesma verdade em 2 Coríntios 3.18: “E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito”. É pelo Espírito de Cristo que podemos ser transformados à imagem de Cristo, enquanto olhamos fixamente para ele. Temos que fazer a nossa parte — isso inclui arrependimento, fé e disciplina — mas essencialmente, a santificação é obra do Espírito Santo.

As virtudes que possuímos
E todas as vitórias que conquistamos,
Cada pensamento de santificação,
Vêm de ti somente.

Ó Espírito de pureza e de misericórdia,
Sê piedoso com nossas fraquezas.
Faz de nossos corações a tua habitação,
E te honraremos cada vez mais!

Foi com essas palavras poéticas que William Temple descreveu a ação do Espírito em nós. Se alguém me pedisse para ler uma peça como Hamlet ou Rei Lear e depois me mandasse escrever uma obra assim, iria se decepcionar. Shakespeare era capaz de escrever assim, mas eu não. Aconteceria o mesmo se alguém me pedisse para observar a vida de Jesus para então viver como ele viveu. Jesus pôde viver assim, eu não. Mas se a inspiração de Shakespeare viesse para mim e passasse a viver em mim, então eu poderia escrever peças como essas. Se o Espírito de Jesus vier morar em mim, então poderei viver

uma vida assim. Esse é o segredo da santificação cristã. Não precisamos nos esforçar para viver como Jesus, mas pedir que ele mande seu Espírito para viver em nós. Tê-lo como nosso exemplo não é suficiente; nós necessitamos dele como Salvador.

Foi através de sua morte redentora que a punição pelos nossos pecados pôde ser perdoada. Através do seu Espírito, que habita em nós, o pecado deixou de exercer seu poder sobre nós.

A IGREJA DE CRISTO

A tendência do pecado é centrífuga. Ele nos coloca para fora de sintonia com o nosso semelhante. Ele nos separa, não somente de nosso Criador, como também de nossos companheiros de raça. Todos nós sabemos por experiência própria como uma comunidade, quer seja uma faculdade, um hospital, uma empresa ou um escritório, pode se tornar um antro de inveja e animosidade. Temos muita dificuldade para “viver juntos em comunhão”.

Mas o plano de Deus é reconciliar-nos uns com os outros e com ele. Ele não salva as pessoas isoladamente, separadas umas das outras; ele está chamando um povo para si.

Isso já está claro nos primeiros capítulos de Gênesis. Deus chamou Abraão para que deixasse seu lar e seus familiares na Mesopotâmia, prometendo dar a ele uma terra como herança e descendentes tão numerosos como as estrelas do céu e as areias do mar. A promessa de multiplicar a descendência de Abraão e, através dela abençoar todas as famílias da terra foi renovada a seu filho Isaque e a seu neto Jacó.

Jacó, no entanto, morreu no exílio do Egito. Mas seus doze filhos sobreviveram, tornando-se pais das doze tribos de “Israel”, o nome que Deus havia dado a Jacó. Com esses “filhos de Israel”, resgatados anos mais tarde da escravidão do Egito, Deus renovou sua aliança.

Mas qual era a situação das famílias da terra que foram abençoadas? Século após século, embora a prosperidade de Israel fosse evidente, ainda assim a nação parecia ao resto do mundo mais uma maldição do que uma bênção. Cercados pelos altos muros de suas próprias construções, o povo de Deus procurava não se contaminar pelo contato com os gentios impuros. Era como se eles estivessem negando o seu destino de abençoar o mundo. A promessa de Deus a Abraão seria então uma mentira? Não! Muitos profetas sabiam pela palavra do Senhor, que com a vinda do Messias, o Príncipe ungido de Deus, peregrinos vindos de todas as partes do mundo poderiam entrar no reino de Deus.

Até que finalmente Cristo veio ao mundo. Jesus de Nazaré anunciou que o reino há tanto tempo esperado havia chegado. Muitos viriam do norte, do sul, do leste e do oeste, e se assentariam com Abraão, Isaque e Jacó. O povo de Deus não seria mais uma nação separada, mas uma comunidade de pessoas oriundas de todas as raças, línguas e nações. “Ide”, o Senhor ressurreto ordenou aos seus seguidores, “fazei discípulos de todas as nações...”. À soma total desses discípulos ele chamou de “minha igreja”.⁶

Deste modo, a promessa de Deus a Abraão, repetida diversas vezes a ele e renovada aos seus descendentes, está se cumprindo atualmente através do crescimento da igreja em todo

o mundo. “Se sois de Cristo”, escreveu Paulo, “também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa”.⁷

Uma das imagens mais impressionantes usadas por Paulo para expressar a unidade dos que creem em Cristo é o corpo humano. A igreja, ele diz, é o corpo de Cristo. Cada cristão é um membro ou órgão do corpo, e Cristo é a cabeça, controlando as atividades do corpo. Nem todos os órgãos têm a mesma função, mas todos são necessários para que o corpo seja plenamente saudável e útil.

O corpo como um todo é também animado por uma vida comum que é o Espírito Santo. É a sua presença que dá unidade ao corpo. É ele que dá consistência à unidade da igreja. “Há somente um corpo e um Espírito”, enfatiza Paulo. Mesmo as divisões externas ou denominacionais, embora lamentáveis, não podem destruir sua unidade espiritual interior. Essa unidade é indissolúvel, pois é a “unidade do Espírito” ou “comunhão do Espírito”.⁸ Quando partilhamos dessa comunhão, desfrutamos de uma profunda e permanente união.

Não faz o menor sentido declarar que fazemos parte de um corpo maior, a igreja universal, se na prática não participamos de uma de suas manifestações locais. É na igreja local que temos oportunidade de adorar a Deus, desfrutar da comunhão com os irmãos e servir à comunidade de modo mais amplo.

Atualmente, muitas pessoas têm restrições à igreja como organização, e alguns a rejeitam totalmente. Isso na maior parte das vezes é compreensível, pois muitas igrejas são antiquadas, voltadas para si mesmas e reacionárias. Devemos

lembrar, no entanto, que a igreja é composta de pessoas – pessoas pecadoras e falíveis, como nós. Assim, esse não é um bom motivo para nos afastarmos da igreja.

Precisamos ter em vista também que nem todos os membros da igreja visível fazem parte da verdadeira igreja de Jesus Cristo. Alguns, cujos nomes estão inscritos no rol de membros da igreja, nunca terão seus nomes “arrolados nos céus”. Embora a Bíblia faça várias referências a esse fato, não cabe a nós julgar, pois “o Senhor conhece os que lhe pertencem”. Aqueles que professam sua fé em Cristo são recebidos pelo pastor, através do batismo, como membros da igreja visível. Mas somente Deus conhece aqueles que realmente praticam sua fé, pois só Deus pode ver o coração. Esses dois grupos geralmente se confundem, entretanto, não são idênticos.

O Espírito Santo é o responsável pela comunhão entre os irmãos dentro da igreja. É através dele também que podemos amar uns aos outros. O primeiro fruto do Espírito é o amor. Amar faz parte de sua própria natureza, e esse amor é repartido entre aqueles em quem ele habita. Muitos cristãos já passaram pela experiência extraordinária de se sentirem atraídos por outros cristãos que eles mal conheciam e cujo contexto de vida era completamente diferente. O relacionamento que nasce e cresce entre os filhos de Deus é mais agradável e profundo que os relacionamentos de sangue. Afinal, somos membros da mesma família – a família de Deus. “Sabemos que já passamos da morte para a vida porque amamos os irmãos”, disse João. Esse amor não depende de sentimento, nem de emoções. A sua essência é o altruísmo, que se manifesta no

desejo de servir, ajudar e favorecer outros. É através do amor que a força centrífuga do pecado é neutralizada. O pecado divide, o amor une; o pecado separa, o amor reconcilia.

Certamente a história da igreja relata muitos casos manchados pela estupidez e pelo egoísmo, ou até mesmo por uma desobediência aberta aos ensinamentos de Cristo. Atualmente, algumas igrejas parecem estar mortas ou morrendo, em vez de cheias de vida; outras estão divididas em facções e destruídas pela falta de amor. Temos de admitir que nem todos os que professam a fé e se autodenominam cristãos demonstram o amor de Jesus Cristo em suas vidas.

No entanto, o lugar do cristão é na igreja local, por mais imperfeita que possa ser. É ali que ele deve buscar a nova qualidade de relacionamento que Cristo dá a seu povo, e partilhar da comunhão na adoração e testemunho da igreja.

PARTE QUATRO
A RESPOSTA DO HOMEM

CALCULANDO O CUSTO

ATÉ AQUI EXAMINAMOS algumas das evidências que atestam a divindade única de Jesus de Nazaré; consideramos a necessidade do homem como pecador, separado de Deus, aprisionado a si mesmo e em desarmonia com seus semelhantes; e delínhamos os principais aspectos da salvação que Cristo conquistou para nós e nos oferece. Chegou o momento de fazermos uma pergunta pessoal a Jesus, a mesma pergunta feita por Saulo de Tarso, no caminho de Damasco: “O que farei, Senhor?” – ou a pergunta feita pelo carcereiro de Filipos: “Que devo fazer para que seja salvo?”.

Certamente devemos fazer alguma coisa. Ser cristão não é simplesmente concordar com uma série de proposições, por mais verdadeiras que sejam. O fato de alguém crer na divindade de Cristo e na salvação e reconhecer que é um pecador necessitado de salvação também não o torna um cristão. Temos que assumir um compromisso pessoal com Jesus Cristo e aceitá-lo como nosso Salvador e Senhor, sem

restrições. Iremos abordar aqui algumas implicações práticas desse compromisso, e no próximo capítulo trataremos de sua natureza exata.

Jesus nunca omitiu o fato de que a sua religião incluía tanto uma demanda quanto uma oferta. Na verdade, uma demanda total, na mesma proporção da gratuidade da oferta. Se ele oferecia aos homens a salvação, também exigia obediência. Ele não apoiou aqueles que se candidatavam ao discipulado de forma impensada, e mandou de volta aqueles que vinham cheios de entusiasmo irresponsável. Lucas faz menção a três homens que se ofereceram ou foram convidados a seguir Jesus. Nenhum deles, no entanto, passou no teste do Senhor. O jovem rico, cumpridor da lei, sério, educado e de boa conduta, queria a vida eterna, mas a seu modo. Ele se despediu de Jesus entristecido; suas riquezas permaneceram intactas, mas ele perdeu a Cristo.

Em outra ocasião, uma grande multidão estava seguindo Jesus. Talvez as pessoas o saudassem com palavras de louvor, numa demonstração exterior de lealdade. Mas Jesus sabia o quanto essas declarações eram superficiais, e olhando ao redor, contou-lhes uma parábola bastante apropriada, em forma de pergunta:

Pois qual de vós, pretendendo construir uma torre, não se assenta primeiro para calcular a despesa e verificar se tem os meios para a concluir? Para não suceder que, tendo lançado os alicerces e não a podendo acabar, todos os que a virem zombem dele, dizendo: Este homem começou a construir e não pôde acabar.¹

O cenário cristão é cheio de ruínas de torres abandonadas ou construídas pela metade – as ruínas dos que começaram a construir e não conseguiram concluir a construção. Milhares de pessoas continuam ignorando a advertência de Cristo e passam a segui-lo sem antes parar para refletir sobre o custo dessa empreitada. Consequentemente, temos hoje um grande número de “cristãos nominais”. Em muitos países alcançados pela civilização cristã, um número enorme de pessoas possui apenas uma casca de cristianismo. O envolvimento delas é mínimo, apenas o suficiente para se considerarem cristãs, mas não o suficiente para se sentirem incomodadas. Sua religião é como uma almofada grande e macia, protegendo-as das situações desagradáveis da vida, mudando e se adaptando conforme suas conveniências. Não é de admirar que os cétricos critiquem a hipocrisia que existe dentro das igrejas e rejeitem a religião como uma forma de escapismo.

A mensagem de Jesus era muito diferente. Ele nunca baixou os seus padrões ou modificou suas condições a fim de facilitar às pessoas aceitarem seu chamado. Ele pediu aos seus primeiros discípulos – e a todos que vieram depois – que assumissem um compromisso sério e exclusivo com ele. Menos que isso não era aceitável.

Vejamos agora exatamente o que ele disse.

Então, convocando a multidão e juntamente os seus discípulos, disse-lhes: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Quem quiser, pois, salvar a sua vida, perdê-la-á, e quem perder a vida por causa de mim e do evangelho, salvá-la-á. Que aproveita ao homem ganhar

o mundo inteiro e perder a sua alma? Que daria o homem em troca de sua alma? Porque qualquer um que nesta geração adúltera e pecadora se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do homem se envergonhará dele quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos”.²

O CHAMADO PARA SEGUIR A CRISTO

O chamado de Cristo pode ser resumido em apenas uma palavra: “Siga-me”. Ele exigiu que seus seguidores fossem fiéis a ele, convidou-os a aprenderem dele, serem obedientes à sua palavra e a se identificarem com a sua causa.

Contudo, ninguém pode seguir a Jesus sem uma atitude de renúncia. Seguir a Cristo é deixar todas as outras coisas. Na época de Jesus, isso significava literalmente abandonar o lar e o trabalho. Simão e André “deixaram imediatamente as redes e o seguiram”. Tiago e João deixaram “no barco a seu pai Zebedeu com os empregados, e seguiram após Jesus”. Mateus, que ouviu o chamado de Cristo quando estava “sentado na coletoria”, se levantou e, “deixando tudo, o seguiu”.

Hoje, em princípio, o chamado do Senhor ainda é o mesmo. Ele ainda diz, “Siga-me” e acrescenta, “Todo aquele dentre vós que não renuncia a tudo quanto tem, não pode ser meu discípulo”. Entretanto, na prática, isso não significa que a maioria dos cristãos deve deixar sua casa e seu trabalho. Antes, implica uma entrega interior, uma recusa em permitir que a família ou alguma ambição ocupe o primeiro lugar em nossas vidas.

Deixe-me explicar um pouco melhor o significado dessa renúncia implícita ao chamado para seguir a Jesus Cristo.

Primeiramente, precisamos *renunciar ao pecado*, isto é, ter uma atitude de arrependimento. Esta é a primeira parte da conversão, que não pode de maneira alguma ser evitada. Arrependimento e fé caminham juntos. Não podemos seguir a Cristo sem abandonar o pecado.

Arrependimento inclui uma mudança clara de pensamentos, palavras, atos e hábitos considerados errados. Sentir remorso ou tentar se desculpar diante de Deus não basta. Arreponder-se não é uma questão de emoção ou de palavras. Trata-se de uma mudança interior de mente e de atitude para com o pecado, que conduz a uma mudança de comportamento.

Não pode haver qualquer tipo de comprometimento. Podemos achar que não seremos capazes de renunciar a algum pecado específico, mas devemos estar dispostos a abrir mão dele e clamar para que Deus nos liberte. Se você está em dúvida sobre o que é certo ou errado, sobre o que deve deixar ou preservar, não se deixe influenciar pelas atitudes de outros cristãos. Consulte o que a Bíblia diz sobre isso, e Cristo irá conduzi-lo gradualmente pelo caminho da justiça. Se ele lhe mostrar alguma coisa, esteja pronto a abandoná-la. Talvez possa ser algum tipo de diversão ou leitura, um sentimento de orgulho, inveja ou ressentimento, ou ainda uma resistência em perdoar.

Jesus disse aos seus discípulos para arrancar o olho ou cortar a mão se eles os fizessem pecar. Não devemos entender essa orientação de forma literal, mutilando nossos corpos. Jesus usava expressões vívidas para mostrar a maneira implacável como devemos lidar com as tentações.

Às vezes, o verdadeiro arrependimento inclui “reparação”. Isso significa acertar as contas com a outra pessoa, a quem provavelmente ferimos. Todos os nossos pecados entristecem a Deus, e nada que façamos pode curar a ferida. Somente a morte redentora de nosso Salvador, Jesus Cristo, pode fazer isso. Mas quando os nossos pecados prejudicam alguém, devemos tentar reparar o dano, sempre que for possível. Zaquêu, um desonesto cobrador de impostos, devolveu mais que o dobro do dinheiro que havia roubado de seus clientes e prometeu dar metade de seus bens aos pobres a fim de compensar os danos que havia causado. Devemos seguir o seu exemplo. Talvez seja preciso devolver dinheiro ou tempo a alguém, desmentir algum boato, devolver bens, pedir desculpas a alguém ou restaurar um relacionamento.

Porém, não devemos ser excessivamente escrupulosos com relação a isso. Não há necessidade de vasculhar o passado à procura de coisas insignificantes que há muito foram esquecidas pela pessoa ofendida. Contudo, devemos ser realistas sobre as consequências dessa tarefa. Um estudante confessou ao diretor de uma universidade que havia colado em uma prova, e outro devolveu um livro que havia roubado. Logo depois, um oficial do exército enviou ao Ministério da Defesa uma lista com objetos que ele tinha “surrupiado”. Se o arrependimento é verdadeiro, nos esforçaremos para fazer tudo que estiver ao nosso alcance para reparar o erro passado. Não podemos continuar desfrutando das consequências do pecado do qual desejamos ser perdoados.

Em segundo lugar, precisamos *renunciar aos nossos desejos egoístas*. Para seguir a Cristo, devemos não somente

abandonar alguns pecados específicos, como também renunciar aos nossos desejos egoístas, que se encontram na raiz de todos os nossos pecados. Seguir a Cristo é entregar a ele os direitos sobre a nossa própria vida. É também abdicar ao trono do nosso coração e reverenciá-lo como nosso Rei. Jesus descreve vividamente, em três frases, essa renúncia.

Negar a si mesmo: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue”. Esse mesmo verbo foi usado quando Pedro negou ao Senhor no pátio do palácio do sumo sacerdote. Devemos repudiar a nós mesmos da mesma forma como Pedro repudiou a Cristo quando disse, “Não conheço tal homem”. Não se trata de parar de comer doces ou de fumar definitivamente ou por um período de abstinência voluntária. A questão não é negar algumas coisas a si mesmo, mas negar a si mesmo. É dizer não ao eu e sim a Cristo; repudiar o eu e reconhecer a Cristo como Senhor de nossas vidas.

Tomar a sua cruz: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me”. Se vivêssemos na Palestina, na época de Jesus, e víssemos um homem carregando uma cruz, nós saberíamos imediatamente tratar-se de um condenado à penalidade máxima, pois a Palestina era um país ocupado, e era assim que os romanos castigavam seus condenados. O professor H. B. Swete escreve em seu comentário sobre o Evangelho de Marcos, que tomar a cruz é “colocar-se na posição de um homem condenado, a caminho de sua execução”. Em outras palavras, tomar a cruz é crucificar o eu. Paulo usa essa mesma metáfora quando declara que, “Os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne

[isto é, nossa natureza corrupta] com as suas paixões e concupiscências”.

Na versão de Lucas dessas palavras de Cristo, a expressão “dia a dia” é acrescentada. Isto significa que o cristão deve morrer diariamente. Todos os dias ele renuncia à soberania de sua própria vontade. Todos os dias ele renova a sua entrega incondicional a Jesus Cristo.

Perder a sua vida. A terceira expressão usada por Jesus para descrever a renúncia ao eu é *perder a vida*: “Quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; quem perder a vida por minha causa, esse a salvará”. A palavra “vida” aqui não denota a existência física, nem a alma, mas o nosso eu. A *psique* é o ego, a personalidade humana, que pensa, sente, planeja e escolhe. De acordo com um ditado semelhante preservado por Lucas, Jesus simplesmente usou o pronome reflexivo para falar sobre o homem perder “a si mesmo”. O homem que assume um compromisso com Cristo perde a si mesmo. Isso não significa que ele perde a sua individualidade. A sua vontade é, de fato, submetida à vontade de Cristo, mas a sua personalidade não é absorvida pela personalidade de Cristo. Ao contrário, como veremos mais adiante, quando o cristão se perde, ele encontra a si mesmo e descobre a sua verdadeira identidade.

Assim, para seguir a Cristo, temos que negar a nós mesmos, crucificar a nós mesmos e perder a nós mesmos. Isso é o que Jesus requer de cada um de seus seguidores. Ele não nos chama para segui-lo de forma displicente, mas através de um compromisso forte e absoluto. Ele nos chama para que façamos dele o Senhor de nossas vidas.

O que está em moda atualmente é a ideia de que podemos desfrutar dos benefícios da salvação em Cristo sem aceitar os desafios de seu senhorio. Tal noção assim deturpada não aparece no Novo Testamento. A declaração de que “Jesus é Senhor” é mais antiga afirmação de fé dos cristãos. Na época em que o Império Romano pressionava seus cidadãos a declarar que “César é Senhor”, essas palavras tinham um sabor de perigo. Mas os cristãos não recuaram. Eles não podiam dar suas vidas a César, porque já a haviam dado a Jesus. Deus exaltou seu Filho Jesus acima de todo principado e potestade e lhe deu um nome acima de todo nome, para que, ao nome de Jesus “se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai”.³

Fazer de Cristo o Senhor é colocar todas as áreas de nossa vida pública e privada sob seu controle. Isso inclui a nossa carreira. Deus tem um propósito para cada um de nós. A nossa tarefa é descobri-lo e executá-lo. O plano de Deus pode ser diferente do que nossos pais planejaram para nós ou do que nós mesmos planejamos para nossas vidas. Se for sábio, o cristão não irá fazer nada precipitadamente ou de forma temerária. Ele pode ir se preparando desde já para realizar o plano que Deus tem para ele. Mas talvez não esteja disposto a fazer isso. Se Cristo é o nosso Senhor, devemos estar preparados para uma possível mudança de planos.

Com certeza, Deus chama todos os cristãos para “ministrar”, ou seja, servir às pessoas em nome de Cristo. Nenhum cristão pode viver só para si. O que não sabemos ao certo é o tipo de serviço que ele tem reservado para cada um. Talvez

seja servir em um ministério de tempo integral em sua própria igreja ou em algum outro país, mas não devemos supor que todos receberão esse chamado. Há outras formas de servir que também podem ser chamadas de “ministério cristão”. Muitas jovens são chamadas para serem boas esposas, mães e donas de casa. Isso também é, no pleno sentido da palavra, “ministério cristão”, uma vez que elas estão servindo a Cristo, à suas famílias e à comunidade. Toda área de trabalho – medicina, pesquisa, direito, educação, serviço social, serviço público municipal e federal, indústria, comércio – na qual o trabalhador se vê como cooperador de Deus, servindo ao seu próximo, é um ministério.

Não tenha muita pressa em descobrir a vontade de Deus para a sua vida. Se você entregou sua vida a Jesus, ele irá revelá-la no devido tempo. Seja como for, o cristão não pode viver de forma ociosa. Seja ele patrão, empregado ou profissional liberal, ele deve prestar contas ao Senhor e procurar entender o propósito de Deus em seu trabalho, servindo a todos de coração, “como ao Senhor, e não como a homens”.

Outra área da vida que devemos submeter ao senhorio de Jesus Cristo é a nossa vida conjugal e familiar. Jesus certa vez disse: “Não penseis que vim trazer paz a terra; não vim trazer paz, mas espada”. Ele mencionou o conflito de lealdades que poderia surgir dentro da família se um de seus membros resolvesse segui-lo.

Esses conflitos familiares ainda acontecem. O cristão não deve se envolver nesse tipo de conflito. Sua tarefa é amar e honrar aos seus pais e aos demais membros de sua família. Como pacificador, ele deve fazer as concessões necessárias

para manter a paz, mas sem comprometer seu dever para com Deus. De qualquer forma, ele não pode jamais esquecer o que Cristo falou: “Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim, não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim”.⁴

Além disso, o cristão só é livre para se casar com outro cristão. A Bíblia é bem clara sobre isso: “Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos”.⁵ Este mandamento pode provocar angústia a alguém que já está comprometido com um não-cristão, mas é preciso encarar os fatos. O casamento não é somente uma convenção social. É uma instituição divina. O relacionamento conjugal é a relação mais profunda que um ser humano pode desfrutar. Deus planejou para que o casamento fosse uma relação de intimidade, não somente física, emocional, intelectual e social, mas também espiritual. Se o cristão se casar com alguém com quem não possa desfrutar dessa intimidade espiritual, ele estará não apenas desobedecendo a Deus, como também será impedido de desfrutar da plenitude dessa união. Os filhos dessa união também estarão sob risco, pois estarão sujeitos a conflitos religiosos dentro de sua própria casa e impossibilitados de receber uma educação cristã de ambos os pais.

Na verdade, a conversão cristã é uma mudança tão radical que pode mudar nossa atitude em relação ao casamento e ao relacionamento entre os sexos. Passamos a ver a sexualidade – a diferença fundamental entre homem e mulher e a necessidade que sentem um do outro – como uma criação de Deus. O sexo – a expressão física da sexualidade – não mais é rebaixado como algo casual e essencialmente impessoal,

praticado de maneira irresponsável e egoísta, para se tornar aquilo que o Criador planejou que ele fosse: algo bom e correto, a expressão do amor, a realização do propósito divino e da personalidade humana.

Outras duas áreas que devemos colocar sob o senhorio de Cristo quando assumimos um compromisso com ele são nosso dinheiro e o nosso tempo. Jesus falou muitas vezes sobre dinheiro e sobre o perigo das riquezas. Alguns de seus ensinamentos sobre esse assunto são bastante perturbadores. Algumas vezes, temos a impressão de que ele estava recomendando aos seus discípulos que vendessem todos os seus bens e doassem o dinheiro assim obtido. Sem dúvida ele ainda pede a alguns de seus seguidores para fazerem o mesmo. Mas, na maior parte das vezes, sua ordem se refere mais a um desprendimento interior do que a uma entrega literal. Não encontramos no Novo Testamento nenhuma indicação de que a posse de bens materiais por si só seja algo pecaminoso.

O que Cristo certamente quis dizer é que devemos colocá-lo acima das riquezas materiais e dos laços familiares. Não podemos servir a Deus e a Mamon. Além disso, devemos ser criteriosos quanto ao uso do nosso dinheiro. Ele não mais nos pertence. Devemos cuidar dele como mordomos. Vivemos numa época em que a distância entre ricos e pobres aumenta cada vez mais e os projetos missionários cristãos padecem por falta de recursos. Assim, devemos ser generosos com nossas ofertas e doá-las regularmente.

O tempo é o grande problema das pessoas nos dias atuais. Os cristãos recém-convertidos certamente terão dificuldade em rever suas prioridades. Aqueles que ainda são estudantes

devem priorizar seus estudos. Os cristãos deveriam ser reconhecidos por seu empenho e sua honestidade. Mas eles também devem encontrar tempo para outras atividades. Suas agendas ocupadas precisam reservar um tempo para a oração e a leitura diária da Bíblia. É preciso também separar o domingo como dia do Senhor, um dia de adoração e de descanso, de comunhão com outros cristãos, leitura de livros cristãos e atividades para servir à igreja e à comunidade.

Seguir a Cristo, abandonar o pecado e negar a si mesmo envolve todas essas coisas.

O CHAMADO PARA CONFESSAR A CRISTO

Somos chamados não somente para seguir a Cristo particularmente, mas também para confessá-lo publicamente. De pouco adiantará negarmos a nós mesmos em secreto se o negarmos abertamente. Cristo disse:

Qualquer que nessa geração adúltera e pecadora se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos.

Todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai que está nos céus, mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai que está nos céus.⁶

O fato de Jesus ter dito que não nos envergonhássemos dele mostra que ele sabia que seríamos tentados a agir assim; e o fato de ter acrescentado “nesta geração adúltera e pecadora”, mostra que ele sabia por que isso iria acontecer. Ele, claro, sabia que seus seguidores seriam minoritários e precisariam ter coragem para assumir uma posição contrária à maioria,

especialmente se essa minoria não fosse muito popular e ninguém estivesse disposto a passar para o lado deles.

Ainda assim, não podemos deixar de confessar abertamente a Cristo. Paulo declarou que esta é a condição para a salvação. Ele escreveu que para sermos salvos, precisamos não apenas crer com nossos corações, mas confessar com os nossos lábios que Jesus é Senhor. “Porque com o coração se crê para justiça, e com a boca se confessa a respeito da salvação”. Talvez o apóstolo estivesse se referindo ao batismo. Sem dúvida todo convertido deve se batizar, não apenas para receber através da água um sinal visível de sua nova vida em Cristo e o selo de sua purificação interior; mas também para reconhecer publicamente sua fé em Jesus Cristo como seu Salvador e Senhor.

Mas a confissão cristã aberta não se limita apenas ao batismo. O cristão deve estar disposto a ser reconhecido por seus familiares e amigos como seguidor de Jesus primeiramente através de sua vida. Isso propicia uma oportunidade para o testemunho falado, que deve ser feito de maneira humilde e honesta, para não ferir a privacidade das pessoas. Ao mesmo tempo, o cristão deve se unir a outros irmãos em uma igreja, associação ou local de trabalho e não ter medo de testemunhar publicamente a sua fé quando desafiado a fazê-lo; e começar a buscar através de oração, exemplo e testemunho, que seus amigos venham para Cristo.

INCENTIVOS

As exigências de Jesus são difíceis; mas seus motivos são bastante convincentes. Aliás, se considerarmos seriamente

todas as coisas que ele pede de nós, precisaremos de incentivos poderosos. O primeiro é o *seu próprio nome*.

Quem quiser, pois, salvar a sua vida, perdê-la-á, e quem perder a vida por causa de mim e do evangelho, salvá-la-á. Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Que daria um homem em troca de sua alma?⁷

Muitas pessoas têm um profundo temor de que, se entregarem suas vidas a Cristo, ele poderá destruí-las. Elas esquecem que Jesus veio a este mundo para trazer vida, e “vida em abundância”, que o seu propósito é nos tornar ricos, e não pobres e que servir a Jesus é desfrutar de completa liberdade.

É claro que teremos que enfrentar algumas perdas. Ele nos pede para abandonar o pecado e nossos desejos egoístas; poderemos perder também alguns amigos. Mas as compensações superam em muito as nossas perdas. O que é mais paradoxal no ensino de Cristo e na experiência cristã é que ao perder a vida por seguir a Cristo, nós encontramos a verdadeira vida. A autêntica negação do eu é a verdadeira descoberta de si mesmo. Viver para nós mesmos não tem nenhum sentido, é desperdiçar a vida; viver para Deus e para os outros é ter sabedoria e uma vida real. Só poderemos encontrar vida verdadeira se estivermos dispostos a perdê-la servindo a Cristo e aos nossos semelhantes.

A fim de reforçar esta verdade, Jesus fez uma comparação entre o mundo inteiro e a alma individual, com uma pergunta sobre perdas e ganhos. Supondo que você ganhasse o mundo inteiro e perdesse a sua alma, o que você lucraria com isso? – ele perguntou. Ele estava usando um argumento baseado

na vantagem pessoal para não deixar dúvidas de que segui-lo era o melhor negócio. Seguir a Jesus é encontrar a si mesmo; aquele que se recusar a segui-lo perderá sua vida aqui e na eternidade, não importa a quantidade de bens materiais que tenha acumulado. Por quê? Bem, em primeiro lugar, é impossível ganhar o mundo inteiro, e mesmo se fosse, não duraria muito. E se durasse, não ficaríamos satisfeitos. “Que dará o homem em troca de sua alma?” Nada é tão valioso assim. Certamente ser cristão tem um custo, mas o custo por não ser é maior – significa perder a si mesmo.

O segundo incentivo para o compromisso cristão é fazê-lo *pelo bem dos outros*. Não devemos nos submeter a Cristo somente pelo que recebemos, mas pelo que podemos dar: “Quem perder a vida por causa de mim e do evangelho, salvá-la-á”. “Por causa do evangelho” significa “para proclamar o evangelho a outros”. É certo que não devemos nos envergonhar de Cristo e de suas palavras; mas devemos também nos orgulhar do evangelho a ponto de querer compartilhá-lo com outros.

Atualmente, muitos se sentem oprimidos pelas tragédias desse mundo caótico em que vivemos. A nossa própria sobrevivência está em risco. O cidadão comum em geral se considera uma vítima impotente das tramas políticas ou um anônimo dentro da sociedade moderna. Mas os cristãos não podem sucumbir diante dessa situação, pois Jesus Cristo descreveu seus seguidores como “sal da terra” e “luz do mundo”. Antes de surgir o processo de refrigeração, o sal era largamente usado para evitar a decomposição dos alimentos. Do mesmo modo, os cristãos devem impedir a deterioração

da sociedade, ajudando a preservar os padrões morais, influenciando a opinião pública, e assegurando uma legislação justa. Como luz do mundo, os cristãos devem deixar sua luz brilhar. Através de Jesus eles encontraram paz e amor nos relacionamentos pessoais e tiveram suas vidas transformadas, portanto devem compartilhar isso com as outras pessoas. A melhor maneira de o cristão contribuir para suprir as necessidades do mundo é vivendo uma vida cristã, edificando um lar cristão e espalhando a luz do evangelho de Jesus Cristo.

O maior incentivo, porém, é fazê-lo *por causa de Cristo*: “Quem perder a vida por causa de mim... salvá-la-á”. Quando nos pedem para fazer algo particularmente difícil, nossa disposição para fazê-lo depende muito de quem está pedindo. Se a solicitação vem de alguém a quem devemos algum favor, ficamos felizes em atendê-la. É por isso que o chamado de Cristo é tão eloquente e persuasivo. Ele nos pede para negarmos a nós mesmos e segui-lo por causa dele mesmo.

Certamente é por isso que ele descreve essa renúncia como “tomar a sua cruz”. Ele não pede nada além do que deu. Ele pede uma cruz em troca de outra cruz. Não devemos segui-lo por aquilo que podemos receber, ou pelo que podemos oferecer, mas acima de tudo pelo que ele nos deu. Ele deu a si mesmo. O que ele pede nos custará muito? Custou mais a ele. Ele deixou a glória do Pai, os privilégios do céu e a adoração de milhares de anjos para vir até nós. Ele se humilhou para assumir a natureza humana. Nasceu em uma manjedoura, trabalhou em uma carpintaria, fez amigos entre pescadores

rudes, morreu em uma cruz comum e carregou sobre si os pecados do mundo.

Um olhar de relance da visão da cruz nos fará dispostos a negar a nós mesmos para seguir a Cristo. Nossas pequenas cruzes são ofuscadas pela sua. Se tivermos um lampejo da grandeza de seu amor, que o fez suportar dor e sofrimento por nós, que não merecíamos nada senão juízo, só nos restará uma coisa a fazer. Como recusar ou rejeitar tamanho amor?

Se você sofre de fraqueza moral, aceite meu conselho e afaste-se do cristianismo. Se você quer ter uma vida fácil e todos os seus desejos satisfeitos, então não se torne um cristão. Mas se você quer ter uma vida plena, em profunda harmonia com a natureza que Deus lhe deu; se quer uma vida de aventuras, e o prazer de servir a Deus e aos seus semelhantes; se quer uma vida que expresse gratidão por tudo que ele fez por você, eu o exorto a entregar agora mesmo a sua vida, sem reservas, ao seu Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Teu chamado é claro, e atravessa os séculos;
Tu me ordenas a te seguir e a tomar a minha cruz,
E a cada dia perder a minha vida, negando a mim mesmo,
E clamando duramente contra mim: “Crucifica!”.

Minha obstinada natureza se ergue, rebelde,
Contra o teu chamado. Vozes do inferno
Unem-se para exaltar meu ódio incansável
Da servidão, para que eu não me renda.

O mundo, vendo a minha cruz, pára e zomba.
Não tenho escolha, a não ser perseverar
A fim de salvar a mim mesmo – e seguir-te à distância.
Mais devagar que os magos – pois não tenho estrela alguma.

E ainda assim tu me chamas. Tua cruz
Ofusca a minha, e transforma a perda cruel.
Pensei que sofreria se viesse a Ti,
Mas meu ganho é imensurável.

Prostro-me diante de ti, Jesus, crucificado,
Levando minha cruz e negando a mim mesmo;
Vou segui-lo de perto a cada dia, não me negarei
A perder a minha vida por amor a ti e aos homens.

10.

TOMANDO UMA DECISÃO

MUITAS PESSOAS ACHAM estranho que para se tornar um cristão é preciso tomar uma decisão. Algumas, por terem nascido em um país cristão, acham que já são cristãs. “Afinal”, dizem, “já que não somos nem judeus, nem muçulmanos, nem budistas, provavelmente somos cristãos!” Outras supõem que, por terem recebido uma educação cristã, conhecerem os princípios básicos do cristianismo e adotarem um padrão de comportamento cristão, não precisam de mais nada. Porém, seja qual for a sua formação ou herança familiar, todo adulto responsável precisa tomar uma decisão a favor ou contra Cristo. Não podemos permanecer neutros ou indiferentes, nem deixar que outra pessoa decida por nós. Devemos decidir por nós mesmos.

Mesmo o fato de concordar com tudo que foi escrito até aqui não é suficiente. Podemos admitir que as evidências da divindade de Jesus sejam convincentes ou até mesmo conclusivas, e que ele é de fato o Filho de Deus; podemos crer que

ele morreu para ser o Salvador do mundo; podemos também admitir nossa condição de pecadores necessitados de um Salvador. Mas nenhuma dessas coisas nos torna cristãos, nem mesmo todas elas juntas. Crer em certos fatos sobre a pessoa e a obra de Cristo é uma necessidade preliminar, mas a verdadeira fé transformará essa convicção mental em um ato decisivo de confiança. A convicção intelectual deve conduzir ao compromisso pessoal.

Eu mesmo costumava pensar que a morte de Jesus na cruz havia reconciliado o mundo todo, automaticamente, com Deus. Lembro-me como fiquei confuso, ou mesmo indignado, quando ouvi pela primeira vez que eu precisava considerar a salvação individualmente. Agradeço a Deus por ter aberto meus olhos para que eu reconhecesse Jesus como Salvador, e mais do que isso, o aceitasse como *meu* Salvador. Por certo o pronome pessoal tem proeminência na Bíblia:

O Senhor é o *meu* pastor e nada me faltar^á.

O Senhor é a *minha* luz e a minha salvação.

Ó Deus, tu és o *meu* Deus.

Crescei na graça e no conhecimento de *nosso* Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Um versículo da Bíblia, que tem ajudado muitos (inclusive eu) a entender esse passo de fé que devemos dar, contém as palavras do próprio Cristo. Ele diz: “Eis que estou à porta, e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e cearei com ele e ele comigo”.¹

Este versículo foi ilustrado por Holman Hunt em seu famoso quadro *A Luz do Mundo*, pintado em 1853. O origi-

nal se encontra na capela do Keble College, em Oxford, e a sua réplica (pintada pelo próprio autor 40 anos depois) na Catedral de St. Paul. Não sei se os pré-rafaelitas estão em evidência hoje, mas de qualquer forma o simbolismo dessa pintura é bastante esclarecedor. John Ruskin, em uma carta ao *The Times* de maio de 1854, usou as seguintes palavras para descrevê-la:

[...] do lado esquerdo da tela podemos ver a porta da alma humana. Ela está trancada; suas dobradiças e pregos estão enferrujados; plantas trepadeiras estão presas e entrelaçadas aos seus umbrais, revelando que nunca foi aberta. Um morcego paira sobre ela. Sua soleira está coberta por amoras silvestres, urtigas e grãos inúteis... Cristo se aproxima dela à noite...

Ele está vestido com um manto real e traz sobre a cabeça uma coroa de espinhos; segura uma lanterna com a mão esquerda (como a luz do mundo) e com a direita bate à porta.

O contexto deste versículo é revelador. Ele se encontra no final de uma carta enviada por Cristo, através de João, à igreja de Laodiceia, situada na atual Turquia. Laodiceia era uma cidade próspera, conhecida por sua produção de roupas, seus prósperos bancos e sua escola de medicina, onde era preparado o famoso pó frígio, um remédio para os olhos.

A prosperidade material havia provocado um relaxamento dos costumes e contaminado até mesmo a igreja cristã. Muitos que se diziam cristãos verdadeiros demonstravam que só tinham o título de cristãos; eram pessoas razoavelmente respeitáveis, nada mais que isso. Seu interesse religioso era superficial e casual. Assim como a água das fontes aquecidas de

Hierápolis, que chegava a Laodiceia por um sistema de dutos (as ruínas podem ser vistas até hoje), eles não eram nem frios nem quentes, mas mornos. E por serem mornos, Jesus afirmou que eles lhe causavam aversão. A sua indiferença espiritual é descrita em termos de uma imagem falsa que eles tinham de si mesmos: “Pois dizes: Estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma, e nem sabes que és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu”.

Que dura descrição da orgulhosa e próspera Laodiceia! Eles eram miseráveis, cegos e nus – nus apesar de fabricarem roupas; cegos, apesar de seu famoso remédio para os olhos, e miseráveis, apesar de seus prósperos bancos.

Nós não somos diferentes deles. Dizemos muitas vezes, como eles, que “não precisamos de coisa alguma”. Essas palavras são extremamente perigosas. Esse espírito independente, mais do que qualquer outra coisa, é que nos impede de assumir um compromisso com Cristo. É claro que precisamos de Jesus! Sem ele estamos moralmente nus (sem as vestes apropriadas para nos apresentarmos diante de Deus), cegos para as verdades espirituais, e miseráveis, sem nada para oferecer em troca de nossa salvação. Mas Cristo pode vestir-nos com a sua justiça, tocar nossos olhos para que possamos enxergar, e nos tornar ricos com suas riquezas espirituais. Sem ele, e enquanto não abrimos a porta e o convidamos a entrar, somos miseráveis, cegos e nus.

“Eis que estou à porta, e bato”, ele diz. Ele não é uma fantasia da imaginação, ou um personagem fictício tirado de algum romance religioso. Ele é o homem de Nazaré – suas declarações, seu caráter e sua ressurreição são a garantia de que ele é o Filho de Deus. Ele é também

o Salvador crucificado. A mão que bate à porta tem uma cicatriz. Os pés que estão próximos à soleira ainda trazem a marca dos pregos.

Ele é o Cristo ressurreto. João descreveu-o no primeiro capítulo do livro de Apocalipse, ao contemplá-lo em uma visão altamente simbólica. Seus olhos são como chamas de fogo e seus pés como o bronze polido. Sua voz como de um trovão e sua face radiante como o sol do meio-dia. Não é de admirar que João tenha caído a seus pés. É difícil compreender como uma pessoa com tamanha majestade tenha se dignado a visitar pobres, cegos e nus como nós.

Jesus Cristo, no entanto, diz que está à porta de nossas vidas, batendo e esperando. Note que ele está à porta, não forçando a entrada; falando conosco, não gritando. Isso é ainda mais extraordinário quando nos lembramos que a casa em cuja porta ele está batendo pertence a ele. Ele é o arquiteto; foi ele que desenhou o projeto. Ele é o construtor. Ele é também o proprietário; ele a comprou com seu próprio sangue. Assim, ela pertence a ele, por direito. Somos apenas inquilinos em uma casa que não nos pertence. Ele poderia arrombar a porta, mas prefere bater com a mão, levemente. Ele poderia ordenar que abrísssemos a porta para ele; em vez de fazer isso, ele prefere que o convidemos a entrar. Ele não força a entrada na vida de ninguém. Ele diz no versículo 18: “Aconselho-te”. Ele poderia ordenar, mas se contenta em aconselhar. Ele nos trata com condescendência, humildade e liberdade.

Mas por que Jesus Cristo quer entrar? Nós já sabemos a resposta. Ele quer ser nosso Salvador e Senhor.

Ele morreu para nos salvar. Se nós o recebermos, ele irá nos conceder todos os benefícios de sua morte. Uma vez dentro da casa, ele irá reformá-la e mudar a decoração e os móveis. Ou seja, ele irá nos purificar e perdoar; e apagar o nosso passado. Ele promete também que ceará conosco e permitirá que comamos juntos. A frase descreve a alegria de desfrutar da sua companhia. Ele não somente entrega sua vida a nós, como também pede que entreguemos a ele nossas vidas. Nós éramos estrangeiros, agora somos amigos. Havia uma porta fechada entre nós. Agora estamos sentados à mesma mesa.

Jesus Cristo também entrará em nossas vidas como Senhor e Mestre. A casa passará a ser administrada por ele, assim só devemos abrir a porta se estivermos dispostos a deixá-lo tomar conta de tudo. Quando ele se aproximar da soleira, devemos entregar-lhe todas as chaves da casa, permitindo que ele tenha livre acesso a todos os aposentos. Um estudante da quarta série no Canadá, certa vez me escreveu: “Em vez de dar a Cristo várias chaves, uma para cada cômodo da casa, dei a ele uma senha que permite o acesso à casa toda”.

Isso envolve arrependimento, e a firme decisão de abandonar tudo que desagrada a Deus. Isso não significa que precisamos nos tornar pessoas melhores antes de convidá-lo a entrar. Ao contrário, exatamente por não podermos perdoar ou melhorar a nós mesmos é que precisamos que ele venha a nós. Mas devemos estar dispostos a permitir que ele mude o que quiser em nossa casa. Não devemos resistir às mudanças, nem tentar impor condições. Nossa entrega ao senhorio de

Cristo deve ser total e incondicional. O que isso representa? Não sei explicar detalhadamente, mas em princípio, significa uma firme decisão de abandonar o pecado e seguir a Cristo.

Você ainda está em dúvida? Acha que não é razoável submeter-se a Cristo no escuro? E certamente não é. Acontece que isso é muito mais razoável que o casamento. No casamento, os cônjuges assumem um compromisso incondicional um com o outro. Eles não sabem o que o futuro lhes reserva. Mas eles se amam e confiam um no outro, por isso, podem assumir o compromisso de amar e cuidar um do outro, “na saúde ou na doença, na riqueza ou na pobreza”, até que a morte os separe. Se as pessoas podem confiar umas nas outras, por que não podemos confiar no Filho de Deus? É bem mais razoável assumir um compromisso com Cristo, o Filho de Deus, do que com o mais nobre e admirável ser humano. Cristo nunca irá nos trair ou abusar da nossa confiança.

O que então devemos fazer? Antes de tudo, devemos ouvir a sua voz. É possível fechar os ouvidos para Cristo e ignorar a insistência de seu apelo, mas isso terá trágicas consequências para nós. Algumas vezes ouvimos a sua voz através da nossa própria consciência, outras através de conselhos de outras pessoas. Às vezes em meio a uma derrota moral, ou da sensação de vazio ou de falta de significado de nossa existência. Outras vezes nós a ouvimos por meio de uma inexplicável fome espiritual, ou de uma doença, ou de uma privação, dor ou medo. Seja como for, nós tomamos consciência do fato de que Cristo está lá fora à porta, falando conosco. Ele também pode falar conosco através de um amigo ou pastor ou

pelas páginas de um livro. O importante é estar atento para ouvi-la sempre. “Quem tem ouvidos para ouvir”, disse Jesus, “ouça”.

Em seguida, devemos abrir a porta. Tendo ouvido sua voz, devemos atender ao seu chamado. Abrir a porta a Jesus Cristo é um modo figurativo de colocarmos nossa fé nele como nosso Salvador, um ato de submissão a ele como nosso Senhor.

É um ato definitivo. O tempo verbal no grego deixa isso claro. A porta não abre por acaso. Nem está entreaberta. Ela está fechada, e precisa ser aberta. Além disso, Cristo não a abrirá por conta própria. Não há maçaneta na porta no quadro de Holman Hunt. Dizem que ele a omitiu deliberadamente para mostrar que a maçaneta está do lado de dentro. Cristo bate; nós devemos abrir.

É um ato individual. Na verdade, a mensagem foi enviada a uma igreja, a comunidade nominal e morna de Laodiceia. Mas o desafio é para aqueles que estão dentro dela: “Se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e cearei com ele”. Todo ser humano deve decidir por si mesmo e dar esse passo individualmente. Ninguém pode tomar essa decisão por você. Seus pais e professores cristãos, pastores e amigos podem apontar o caminho, mas só a sua mão pode girar a maçaneta.

É um ato único. Você pode dar esse passo apenas uma vez. Depois que Cristo entrar, ele travará a porta do lado de dentro. O pecado poderá empurrá-lo ao porão ou ao sótão, mas ele jamais abandonará a casa onde entrou. “De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei”, ele diz. Isso não significa que a partir dessa experiência ganharemos asas de

anjo ou nos tornaremos perfeitos num piscar de olhos. Você pode se tornar cristão em poucos minutos, mas se tornar um cristão maduro leva tempo. Cristo pode entrar na sua vida, purificá-la e perdoar você em questão de segundos, mas é necessário muito mais tempo para transformar seu caráter e moldá-lo de acordo com a vontade dele. A cerimônia de casamento necessita apenas de alguns minutos para ser realizada, mas são necessários muitos anos para que os noivos encontrem um caminho comum. Assim também acontece quando recebemos a Cristo, um compromisso firmado em poucos minutos precede uma vida inteira de ajustes.

É um ato deliberado. Você não precisa esperar que uma luz sobrenatural venha do céu e brilhe sobre você, nem ser atingido por uma forte experiência emocional. Não. Cristo veio ao mundo e morreu por seus pecados. Ele agora está na porta da frente da casa de sua vida, e está batendo. A decisão é sua. A mão dele está batendo na porta, cabe a você estender a sua mão em direção ao trinco.

É um ato urgente. Não espere muito para tomar uma decisão. O tempo está passando. O futuro é incerto. Você talvez não tenha outra oportunidade como esta. “Não te glories no dia de amanhã, porque não sabes o que trará à luz”. “Como diz o Espírito Santo: Hoje se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações”.²

Não adie a sua decisão por achar que precisa melhorar para ser digno de receber a Cristo, ou resolver todos os seus problemas primeiro. Se você crê que Jesus Cristo é o Filho de Deus e que ele morreu para ser o seu Salvador, isso é suficiente. O resto virá no devido tempo. Certamente essa é uma

decisão que não deve ser tomada de forma precipitada ou temerária; mas adiá-la pode ser perigoso. Se o seu coração está lhe dizendo para abrir a porta agora mesmo, não deixe para depois.

É um ato indispensável. É claro que a vida cristã é muito mais que um ato. Como veremos no próximo capítulo, a vida cristã inclui desfrutar da comunhão com os irmãos, descobrir a vontade de Deus e se dispor a cumpri-la, crescer na graça e no conhecimento de Deus, servir a Deus e aos homens. Tudo começa com esse primeiro passo, e nada poderá ser feito sem ele. Você pode crer em Cristo racionalmente, e admirá-lo como pessoa; pode orar a ele através do buraco da fechadura (eu fiz isso por muitos anos); pode oferecer a ele algumas moedas, passando-as por debaixo da porta, a fim de mantê-lo quieto; pode ter um comportamento correto, decente, justo e bom; pode ser religioso; pode ter sido batizado e crismado; pode ter um profundo conhecimento da filosofia da religião; pode ser um estudante de teologia ou até mesmo pastor de uma igreja – e mesmo assim ainda não ter aberto a porta a Cristo. Não há nada que substitua este ato.

C. S. Lewis, conhecido pensador cristão, descreve em sua autobiografia intitulada *Surpreendido pela Alegria*, uma experiência que lhe aconteceu durante uma viagem de ônibus:

Sem palavras e (eu acho) sem imagens, um fato a meu respeito me foi de algum modo revelado. Eu percebi que havia uma barreira, que eu estava impedindo alguma coisa de entrar. Ou se você preferir, como se eu estivesse vestindo uma roupa apertada, uma espécie de colete ou espartilho, ou mesmo uma

armadura. Senti então que eu era livre para decidir por mim mesmo. Eu poderia abrir a porta ou mantê-la fechada. Poderia me livrar da armadura ou continuar dentro dela. Nenhuma das escolhas me foi apresentada como uma obrigação; não havia nenhuma ameaça ou promessa atrelada a qualquer uma delas, mas eu sabia que abrir a porta ou tirar a armadura era uma decisão extremamente importante ... Eu escolhi abrir, destravar, soltar as amarras. Eu digo “escolhi”, embora não me parecesse realmente possível fazer o contrário.

Uma senhora distinta atendeu ao convite de Billy Graham para ir à frente ao final de uma campanha evangelística. Ela foi acompanhada por um conselheiro que, percebendo que ela ainda não havia tomado uma decisão por Cristo sugeriu que orassem ali mesmo. Abaixando a cabeça, ela orou: “Querido Senhor Jesus, quero que tu entres em meu coração mais que qualquer outra coisa no mundo. Amém”.

Um jovem estudante ajoelhou-se ao lado de sua cama, num domingo à noite, no dormitório de sua escola. De maneira simples e direta, ele contou a Cristo o quanto sua vida estava confusa, confessou os seus pecados; agradeceu a Cristo por ter morrido por ele e pediu-lhe que entrasse em sua vida. No dia seguinte, escreveu em seu diário:

Ontem foi realmente um dia especial!... Até esse dia Cristo estava na periferia da minha vida; eu pedia a ele para guiar meus passos, mas não lhe dava o controle completo. Então eu percebi que ele estava à porta, e batendo. Eu ouvi e abri a porta. Agora ele está dentro da minha casa. Ele purificou-a e agora reina dentro dela...

E no dia seguinte:

Eu realmente senti uma enorme e nova alegria por todo o dia. Aquela alegria que você sente por estar em paz com o mundo

e em contato com Deus. Sei, agora que ele reina sobre mim, que eu nunca o havia conhecido antes...

Estes trechos foram extraídos do meu diário. Achei que devia citá-los porque não quero que você fique com a impressão de que estou lhe dizendo para fazer algo que eu mesmo não tenha feito.

Você é cristão? Um cristão verdadeiro e comprometido? A sua resposta depende de outra pergunta. Não vou perguntar se você vai à igreja, se acredita em Jesus, ou se tem uma vida decente (embora todas essas coisas sejam importantes). Minha pergunta é: de que lado da porta está Jesus Cristo? Do lado de dentro ou do lado de fora? Esta é uma questão fundamental.

Talvez você esteja pronto a abrir a porta para Cristo, talvez tenha dúvidas se já fez isso antes. Se não tem certeza, procure se certificar, nem que você tenha que escrever com tinta o que já escreveu a lápis (como alguém já disse).

Sugiro que você procure um lugar para ficar a sós e orar. Confesse seus pecados a Deus e os abandone. Agradeça a Jesus Cristo por ter morrido por você e em seu lugar. Abra então a porta e peça para ele entrar como seu Salvador e Senhor.

Talvez você queira repetir esta oração em seu coração:

Senhor Jesus Cristo, reconheço que vivi até agora do meu jeito. Pequei em pensamentos, palavras e atos. Peço perdão pelos meus pecados, e deixo-os, arrependido. Creio que tu morreste por mim, levando os meus pecados em teu próprio corpo. Agradeço a ti por teu grande amor.

Agora eu abro a porta e peço que entres. Entre, Senhor Jesus. Entre como meu Salvador, e purifique a minha vida. Entre como meu Senhor e tome o controle da minha vida. Comprometo-me a servi-lo por toda a minha vida. Amém.

Se você orou com sinceridade, agradeça humildemente a Cristo por ter entrado em seu coração. Ele disse que entraria, pois ele mesmo afirmou: “Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa”. Não leve em conta o que você está sentindo; confie na promessa; e agradeça a ele por manter sua palavra.

SENDO UM CRISTÃO

ESTE ÚLTIMO CAPÍTULO é dedicado àqueles que abriram a porta de suas vidas a Jesus Cristo, assumiram um compromisso com ele e estão começando sua vida cristã. *Tornar-se* um cristão, porém, é uma coisa; *ser* um cristão é outra. Iremos tratar agora das implicações de ser um cristão.

Você já deu o primeiro passo, convidando Cristo a entrar em sua vida como seu Salvador e Senhor. Naquele momento, um milagre aconteceu em sua vida. Deus, em sua graça, sem a qual você não poderia ter se arrependido e crido, lhe deu uma nova vida. Você nasceu de novo, tornou-se um filho de Deus e entrou para a família dele. Talvez você não tenha uma noção exata do que aconteceu, da mesma forma que não tinha ideia do que estava se passando quando você nasceu. A autoconsciência, a percepção de si mesmo, é parte do processo de desenvolvimento pessoal.

Ao nascer, você surgiu como uma personalidade nova e independente, e quando nasceu de novo, você se tornou espiritualmente uma nova criatura em Cristo.

Mas (talvez você esteja pensando), Deus não é o pai de todos os homens? Todos nós não somos filhos de Deus? Sim e não! Deus é certamente o criador de todos, e todos são sua “descendência”, no sentido de que tudo tem sua origem em Deus.¹ A Bíblia, no entanto, faz uma distinção clara entre o relacionamento de Deus com toda a raça humana como Criador e criatura e a relação especial de pai e filho que ele estabelece com os que nasceram de novo através de Jesus Cristo. João explica isso no prólogo de seu Evangelho quando escreve:

[Ele] veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome.

Encontramos nesse versículo três características marcantes dos filhos de Deus: eles são os que nasceram de Deus, que creem em seu nome e que receberam a Cristo em suas vidas.

Nesse sentido, o que significa ser “filho” de Deus? Assim como os membros de qualquer família, um filho de Deus tem privilégios e responsabilidades, como veremos a seguir.

PRIVILÉGIOS CRISTÃOS

A pessoa que nasceu de novo na família de Deus desfruta de um privilégio incomparável – seu relacionamento com Deus. Vejamos agora quais são as características desse relacionamento.

Um relacionamento íntimo

Observamos anteriormente que nossos pecados nos separaram de Deus, erguendo um muro entre nós. Em outras palavras,

estávamos sob a justa condenação do Juiz de toda a terra. Mas agora, por meio de Jesus Cristo, que assumiu a nossa condenação e nos uniu pela fé, fomos “justificados”, isto é, aceitos por Deus e considerados justos. Nosso Juiz se tornou nosso Pai.

“Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus”, escreveu João. “Pai” e “Filho” são títulos distintos dados por Jesus a Deus e a ele mesmo, e ele nos deu permissão para usá-los! Através da união com Jesus, podemos compartilhar da sua intimidade com o Pai. Cipriano, bispo de Cartago, que viveu em meados do século 3 d.C. expressou bem esse privilégio ao escrever sobre a oração do Pai-Nosso:

Quão grande é a misericórdia do Senhor! Quão compassivo e bondoso ele é para conosco ao ponto de desejar que oremos em sua presença chamando-o de Pai, e ele a nós de filhos, assim como Cristo é o Filho de Deus. Nenhum de nós ousaria chamá-lo assim em oração, a menos que o próprio Deus o permitisse.

Agora finalmente podemos repetir a oração do Pai-Nosso sem sermos hipócritas. Antes as palavras nos pareciam um tanto superficiais, mas agora adquiriram um novo e honroso significado. Deus é de fato nosso Pai que está nos céus. Ele conhece as nossas necessidades antes que as peçamos e não deixará de dar coisas boas aos seus filhos.

À vezes, será preciso que ele nos corrija, porque “o Senhor repreende a quem ama, assim como o pai ao filho a quem quer bem”. Ao fazer isso, no entanto, significa que ele nos trata como filhos e nos disciplina para o nosso bem. Com um Pai

assim, amoroso, sábio e forte, certamente estaremos livres de todos os nossos temores.²

Um relacionamento firme

O relacionamento do cristão com Deus, tal como o de um filho com seu Pai, é não somente íntimo como também firme. Tantas pessoas esperam desfrutar de um relacionamento melhor com Deus, e isso certamente é possível.

É mais que possível. Trata-se da vontade revelada de Deus para nós. Devemos ser firmes em nosso relacionamento com Deus, não somente para ter paz de mente e servir aos outros, mas porque Deus quer que tenhamos segurança. João declara categoricamente que esse foi o propósito ao escrever a sua primeira carta: “Estas coisas vos escrevi a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros, que credes no nome do Filho de Deus”. No entanto, *estar* seguro não significa necessariamente *sentir-se* seguro. A maioria das pessoas que está no início de sua vida cristã comete esse erro. Elas confiam demais em seus sentimentos. Um dia elas se sentem próximas de Deus, no dia seguinte, sentem que estão distantes dele novamente. Por considerarem que seus sentimentos refletem exatamente sua condição espiritual, essas pessoas se deixam levar pela incerteza. Suas vidas cristãs são repletas de altos e baixos, oscilando das alturas da exaltação às profundezas da depressão.

Esse não é o propósito de Deus para os seus filhos. Temos de aprender a não confiar em nossos sentimentos. Eles são extremamente volúveis. Mudam de acordo com o tempo, com as circunstâncias e com a nossa saúde. Somos criaturas in-

constantes, caprichosas e temperamentais, e o que sentimos geralmente não têm nada a ver com o nosso progresso espiritual.

O reconhecimento de que temos um relacionamento com Deus não deve se basear em nossos sentimentos, mas naquilo que o próprio Deus diz. O teste que devemos aplicar a nós mesmos é objetivo e não subjetivo. Não devemos procurar dentro de nós as evidências de uma vida espiritual, mas olhar pra cima e para fora, isto é, para Deus e para a sua palavra. Mas onde encontrar na palavra de Deus a garantia de que somos seus filhos?

Primeiramente, Deus prometeu que daria a vida eterna àqueles que recebessem a Cristo: “E o testemunho é este, que Deus nos deu a vida eterna, e esta vida está no seu Filho. Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida”. Crer com humildade que temos a vida eterna não é arrogância de nossa parte. Ao contrário, crer na palavra de Deus é um ato de humildade, e não de orgulho; uma atitude sábia, e não de arrogância. A insensatez e o pecado talvez duvidem, pois “aquele que não dá crédito a Deus, o faz mentiroso, porque não crê no testemunho que Deus dá acerca de seu Filho”.³

A Bíblia, por sua vez, está repleta de promessas de Deus. O cristão sensato começa tão logo quanto possível a guardá-las em sua memória. Assim, quando ele cair no poço da depressão e da incerteza, as promessas de Deus serão as cordas que irão puxá-lo para cima.

Sugiro que você comece a memorizar os versículos a seguir. Cada um deles contém uma promessa divina.⁴

Se viermos a Cristo, ele nos receberá: João 6.37.

Ele irá nos segurar em suas mãos e nada poderá nos tirar dali: João 10.28.

Ele nunca nos abandonará: Mateus 28.20; Hebreus 13.5-6.

Ele não permitirá que sejamos tentados além das nossas forças: 1 Coríntios 10.13.

Se confessarmos os nossos pecados ele nos perdoará: 1 João 1.9.

Se pedirmos a ele sabedoria, ele nos dará liberalmente: Tiago 1.5.

Em segundo lugar, Deus fala aos nossos corações. Escute o que ele diz: “Porque o amor de Deus é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi outorgado”, baseado no qual clamamos: “Aba, Pai, e o próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus”.⁵

Todo cristão sabe o que isso significa. O testemunho externo do Espírito Santo, dado através das Escrituras, é confirmado pelo testemunho interno do Espírito Santo em nossos corações. Não se trata de colocar a nossa confiança em sentimentos superficiais e mutáveis; ao contrário, esta é uma convicção profunda do amor de Deus por nós, assegurada em nossos corações pelo Espírito Santo, e que nos faz clamar “Pai!” quando buscamos a face de Deus em oração.

Terceiro, o mesmo Espírito que testifica a nossa filiação através das Escrituras e em nossos corações, completa o seu testemunho em nosso caráter. Se realmente nascemos de novo na família de Deus, então o Espírito de Deus habita em nós. Na verdade, esse é um dos grandes privilégios dos filhos de Deus, uma espécie de marca registrada: “Todos os que

são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” e “se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele”.⁶ Logo que ele vem para habitar em nós, ele começa a promover uma mudança em nosso modo de viver. João aplica esse teste implacável em sua primeira carta. Se alguém persiste em desobedecer aos mandamentos de Deus e em desconsiderar seus compromissos para com o seu semelhante, essa pessoa não é cristã, independentemente daquilo que disser, ele afirma. Justiça e amor são marcas indispensáveis do filho de Deus.

Um relacionamento seguro

Digamos que você tenha um relacionamento íntimo com Deus, firmado na própria palavra de Deus. Você está seguro quanto a isso? É possível que alguém nascido na família de Deus venha a ser repudiado? A Bíblia indica que esse é um relacionamento permanente. Nas palavras de Paulo: “Se somos filhos, somos também herdeiros; herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo”. Ele continua seu argumento em uma magnífica passagem na parte final do capítulo 8 de sua carta aos Romanos, afirmando que os filhos de Deus estão eternamente salvos, pois nada pode separá-los de seu amor.

Você talvez pergunte: “Mas e se eu pecar, o que acontece? Posso perder a minha filiação e deixar de ser filho de Deus?” Não. A situação é comparável ao que acontece em uma família humana. Imagine um filho que tem se comportado de forma agressiva e rude com seus pais. O clima na casa está tenso; a comunicação foi interrompida. Pai e filho não se falam mais. O que está acontecendo? Aquele filho por acaso deixou de ser

filho? Não. A relação familiar continua a mesma. A comunhão familiar é que foi rompida. A relação familiar é consequência do nascimento; a comunhão depende do comportamento. Assim que o filho pedir desculpas, ele será perdoado. E o perdão restaurará a comunhão. Mas enquanto isso não acontece, a relação entre eles permanece a mesma. Ele pode ter se tornado temporariamente um filho desobediente ou rebelde, mas não deixou de ser filho.

Assim é com os filhos de Deus. Quando pecamos, não perdemos a nossa condição de filhos, porém, a nossa comunhão com o Pai é afetada até confessarmos e abandonarmos o nosso pecado. Pois “se confessarmos os nossos pecados ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça”. Todavia, “se alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo, e ele é a propiciação pelos nossos pecados”.⁷ Assim, não espere até o fim do dia, ou até o próximo domingo, para acertar os erros cometidos durante a semana. Quando você pecar, ajoelhe-se diante de Deus, arrependido, e busque humildemente o perdão do Pai. Tenha como alvo em sua vida manter uma consciência limpa e incorruptível.

Em outras palavras, somos justificados apenas uma vez; mas precisamos ser perdoados todos os dias. Jesus ilustrou essa verdade quando lavou os pés dos discípulos. Pedro pediu a Jesus que lhe lavasse também as mãos, a cabeça e os pés, mas Jesus respondeu: “Quem já se banhou não necessita lavar senão os pés; quanto ao mais está todo limpo”. Quando uma pessoa era convidada para jantar na casa de alguém em Jerusalém costumava tomar um banho antes de sair de casa. Assim, quando chegasse à casa de seu amigo, não precisaria

tomar outro banho. Mas um escravo ficava à sua espera, na porta, para lavar-lhe os pés. Do mesmo modo, quando nos aproximamos de Cristo pela fé, arrependidos de nossos pecados, recebemos um “banho” (a justificação, simbolizada externamente pelo batismo). Nunca mais precisaremos repetir esse banho. Mas ao caminharmos pelas ruas empoeiradas do mundo, precisaremos constantemente de “ter os nossos pés lavados” (o perdão diário).

RESPONSABILIDADES CRISTÃS

Ser um filho de Deus é um privilégio maravilhoso, mas também inclui algumas obrigações. Pedro deixou isso claro ao escrever: “Desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que por ele vos seja dado crescimento para salvação”.⁸

O grande privilégio dos filhos de Deus é o relacionamento com o Pai, e sua grande responsabilidade é o crescimento. Todos gostam de crianças, mas ninguém em sã consciência desejaria que elas permanecessem crianças para sempre. Entretanto, a tragédia é que muitos cristãos nascidos de novo em Cristo nunca crescem, e alguns chegam até mesmo a sofrer uma regressão espiritual infantil. O propósito do nosso Pai celestial, porém, é que os cristãos “recém-nascidos em Cristo” se tornem “maduros em Cristo”. Nosso nascimento deve ser acompanhado de crescimento. O episódio da justificação (nossa aceitação diante de Deus) deve levar a um processo de santificação (nosso crescimento em santidade, que Pedro chama de “crescimento para salvação”).

O cristão deve crescer em duas áreas principais. A primeira diz respeito ao entendimento e a segunda à santidade. Quando estamos no começo da vida cristã, não entendemos muitas coisas, afinal, acabamos de ser apresentados a Deus. Devemos crescer no conhecimento de Deus e de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Este conhecimento é em parte intelectual, em parte pessoal. Em relação ao conhecimento intelectual, minha recomendação a vocês é que estudem a Bíblia e leiam bons livros cristãos. Se formos negligentes nessa área, as consequências poderão ser desastrosas.

Devemos crescer também em santidade. Os escritores do Novo Testamento ensinam que devemos desenvolver nossa fé em Deus e nosso amor pelos semelhantes, para nos tornarmos semelhantes a Cristo. Todo filho de Deus deseja se tornar cada vez mais parecido com o Filho de Deus, em caráter e comportamento. A vida cristã é uma vida de justiça. Devemos procurar obedecer aos mandamentos de Deus e à sua vontade. O Espírito Santo nos foi dado em parte com este propósito. Ele habita em nós, nosso corpo é o seu templo. Se nos submetermos à sua direção e seguirmos suas orientações, ele subjugará nossos desejos malignos e seus frutos surgirão em nossas vidas. Esses frutos são: “amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio”.⁹

Mas como cresceremos? Há três caminhos principais para o crescimento espiritual. Eles são também as principais responsabilidades do filho de Deus.

Nossa responsabilidade para com Deus

Nosso relacionamento com o Pai celestial, embora firme, não é estático. Ele quer que seus filhos cresçam cada vez mais em conhecimento e intimidade com o Pai. Gerações e gerações de cristãos têm descoberto que a melhor maneira de fazer isso é separando diariamente um tempo para ler a Bíblia e orar. Isto é imprescindível para o cristão que deseja se tornar maduro. Atualmente, todos estão sempre muito ocupados, inclusive nós mesmos. Mas se você deseja realmente dedicar um tempo ao Senhor, precisa rever suas prioridades. Isso exigirá uma boa dose de autodisciplina, mas depois de acertar um horário, consiga um despertador e uma Bíblia legível e comece sua caminhada com Deus.

É importante separar um tempo para a leitura da Bíblia e outro equivalente para a oração, porque através das Escrituras Deus fala conosco, enquanto que através da oração, nós falamos com ele. Elaborar um plano de leitura sistemático das Escrituras também é uma decisão sábia. Existem vários métodos disponíveis.¹⁰ Ore antes de ler, pedindo ao Espírito Santo que abra os seus olhos e ilumine a sua mente. Então leia o texto lentamente, meditando e refletindo. Releia a passagem várias vezes, até que ela lhe revele o seu significado. Use uma versão moderna das Escrituras. Um comentário bíblico também pode ser bastante útil.¹¹ A seguir, procure aplicar o ensino da passagem ao seu dia-a-dia. Procure por promessas às quais se apegar, mandamentos a serem obedecidos, exemplos a serem seguidos e pecados a serem evitados. Anote em um caderno o que você aprendeu. Acima de tudo, procure por Jesus Cristo. Ele é o tema principal das

Escrituras – suas páginas o revelam a nós, e através delas podemos encontrá-lo pessoalmente.

A oração surge naturalmente. Comece retomando o que Deus tem falado ao seu coração. Não mude de assunto! Se ele lhe falar de sua glória, então o adore. Se lhe falar sobre seus pecados, confesse-os. Agradeça a ele pelas bênçãos reveladas na passagem, e ore para que as lições aprendidas possam ser assimiladas por você e por seus amigos.

Depois de ter orado sob a inspiração do texto bíblico, talvez você queira orar por outras coisas. Se a leitura da Bíblia contribui grandemente para a oração, um diário de oração também é de grande ajuda. Anote pela manhã os seus planos para aquele dia, e à noite, registre os acontecimentos do dia comparando-os. Confesse seus pecados, agradeça as bênçãos recebidas e ore pelas pessoas que encontrou.

Deus é o seu Pai. Portanto, seja natural, confiante e ousado. Ele está interessado em todos os detalhes da sua vida. Logo mais você achará necessário fazer uma lista com pedidos de oração de seus parentes e amigos, por sentir responsabilidade de orar por eles. É recomendável fazer uma lista flexível, que permita incluir novos pedidos e eliminar outros com facilidade.

Nossa responsabilidade para com a igreja

A vida cristã não é exatamente uma questão pessoal ou algo que diz respeito apenas a você. Se você nasceu de novo na família de Deus, ele não somente se tornou seu Pai, como todos os cristãos, no mundo inteiro, independente de raça, nação ou denominação, passaram a ser seus irmãos e irmãs

em Cristo. Os cristãos do Novo Testamento costumavam chamar uns aos outros de “irmãos”. Esta é uma gloriosa verdade. Mas não podemos nos contentar apenas em fazer parte da Igreja universal de Cristo. Precisamos participar de uma comunidade local. Frequentar um grupo de estudo bíblico na faculdade onde você estuda ou em alguma outra também não é suficiente (embora eu espere que você participe ativamente de um grupo como esse). O lugar de todo cristão é na igreja local, participando de sua adoração, desfrutando de sua comunhão e compartilhando de seu testemunho.

Talvez você esteja em dúvida sobre qual igreja deve frequentar. Se você já é membro de uma igreja, seja por tradição familiar, seja por frequentá-la há alguns anos, seria insensato romper essa ligação sem um bom motivo. Mas se você ainda está indeciso, gostaria de lhe sugerir dois critérios para orientá-lo. O primeiro diz respeito ao pastor, o segundo à congregação. Procure responder você mesmo as seguintes perguntas: O pastor é submisso à autoridade das Escrituras e procura em seus sermões explicar a mensagem e relacioná-la à vida contemporânea? A congregação é formada pelo menos em parte por cristãos que procuram viver em comunhão, que amam a Cristo, amam uns aos outros e ao mundo?

O batismo é a porta de entrada para a comunidade cristã visível. Ele possui outros significados, como vimos, mas, se você ainda não foi batizado, peça ao seu pastor para prepará-lo para o batismo. Então deixe que a igreja o acolha como membro da comunidade cristã. Talvez isso lhe pareça estranho num primeiro momento, mas não se mantenha afastado das pessoas. A frequência dominical a uma igreja é uma obrigação

cristã clara, e quase todas as igrejas cristãs concordam que a ceia do Senhor, ou santa comunhão, é o elemento central do culto, tendo sido instituída por Cristo em memória de sua morte.

Espero não ter dado a impressão de que a comunhão é meramente um programa dominical! O amor entre os cristãos, embora pareça algo improvável, é uma experiência nova e verdadeira. Uma comunidade cristã que reúne pessoas de todos os tipos, contextos e idades, favorece o surgimento de níveis mais profundos de comunhão e compartilhamento mútuo. Provavelmente, os amigos mais próximos dos cristãos serão também cristãos, e sua esposa, sua parceira de vida, certamente deverá ser também.¹²

Nossa responsabilidade para com o mundo

A vida cristã é uma vida em família, na qual os filhos desfrutam da comunhão com o Pai e com os irmãos. Mas não pense que as nossas responsabilidades como cristãos terminam aqui. Os cristãos não formam um grupo fechado e arrogante, interessado apenas em seu bem-estar. Ao contrário, todo cristão deveria desenvolver um interesse profundo por todos os seus semelhantes, e procurar servi-los de todas as formas. Isso faz parte da sua vocação cristã.

A igreja cristã tem se notabilizado pela grande quantidade de obras filantrópicas, procurando atender as pessoas necessitadas e desprezadas do mundo inteiro – os pobres e famintos, enfermos, vítimas de opressão e discriminação, escravos, prisioneiros, órfãos, refugiados e marginalizados.

No mundo inteiro, os seguidores de Cristo têm procurado trazer alívio para aqueles que estão sofrendo e desesperados. Porém, há muito trabalho ainda para ser feito. Muitas vezes, para vergonha daqueles que se confessam cristãos, as pessoas não-cristãs demonstram ter mais compaixão do que aquelas que afirmam pertencer a Cristo.

Os cristãos têm ainda uma outra responsabilidade para com o “mundo”, como a Bíblia descreve os que estão fora de Cristo e de sua igreja: evangelismo. “Evangelizar” significa literalmente espalhar as boas novas de Jesus Cristo. Milhões de pessoas em todo o mundo ainda não conhecem a Jesus; não só na Ásia, África ou América Latina, como no secularizado mundo ocidental. Há séculos que a igreja tem estado meio adormecida. Será que esta geração de cristãos se erguerá para conquistar o mundo para Cristo? Talvez você tenha um papel especial nessa tarefa, pastoreando uma igreja ou tornando-se um missionário. Mas se você já está cursando uma faculdade, não tome nenhuma decisão precipitada; antes, procure descobrir a vontade de Deus para a sua vida, e renda-se a ela.

Nem todos os cristãos são chamados para servir como pastores ou missionários, mas todos devem testemunhar de Jesus. Em casa, entre os amigos da faculdade ou em seu local de trabalho, você tem a solene responsabilidade de viver uma vida consistente, amorosa, humilde e honesta, tal como Cristo. Procure ganhar as pessoas para Cristo, mas seja discreto e educado, sem deixar de ser firme.

Comece orando. Peça a Deus para lhe dar um interesse especial por um ou dois de seus amigos, de preferência do

mesmo sexo que você e da mesma faixa de idade. Ore regularmente pela conversão deles. Cultive a amizade deles, sem segundas intenções; esforce-se por gastar tempo com eles e ame-os por aquilo que são. Em breve surgirá uma oportunidade para você levá-los a um culto ou reunião onde eles poderão ouvir a mensagem do evangelho. Você pode aproveitar para oferecer a eles alguma literatura cristã, ou simplesmente falar de Jesus e o que ele representa para sua vida. Não preciso dizer que nossas palavras não terão nenhum valor se forem desmentidas por nossa conduta. Poucas coisas impressionam mais as pessoas do que uma vida transformada por Cristo.

Estes são os grandes privilégios e responsabilidades do filho de Deus. Nascer na família de Deus e desfrutar de um relacionamento íntimo, firme e seguro com o Pai celestial; ter disciplina para ler a Bíblia e orar diariamente, ser fiel à sua igreja e ao mesmo tempo ativo no serviço e no testemunho cristãos.

Essa síntese da vida cristã revela a tensão a que todos os cristãos estão sujeitos. Somos cidadãos de dois reinos, um terreno e outro celestial, e cada cidadania inclui alguns deveres inevitáveis.

De um lado, os autores do Novo Testamento dão forte ênfase aos nossos deveres com o Estado, com nosso empregador, nossa família e com a sociedade como um todo. A Bíblia não nos autoriza a trocar essas responsabilidades práticas por experiências místicas, ou pela vida num monastério, ou em alguma comunidade cristã isolada do mundo.

Por outro lado, alguns autores do Novo Testamento nos lembram que somos “estrangeiros e peregrinos” na terra, que

“nossa pátria está nos céus”, e que estamos viajando para o lar eterno.¹³ Consequentemente, não devemos acumular tesouros na terra ou alimentar desejos egoístas, nem nos amoldarmos aos padrões do mundo ou nos preocuparmos excessivamente com os problemas do presente.

É comparativamente simples aliviar esta tensão entre refugiar-se com Cristo e esquecer o mundo, ou envolver-se com o mundo e esquecer-se de Cristo. Nenhuma delas é verdadeiramente cristã, uma vez que cada uma delas envolve a negação de uma ou outra de nossas obrigações cristãs. O cristão maduro, que tem as Escrituras como guia, buscará viver simultaneamente “em Cristo” e “no mundo”. Ele não pode optar por um ou por outro.

É para essa vida de discipulado que Cristo nos chama. Ele morreu e ressuscitou para nos dar uma nova vida. Ele nos deu o seu Espírito para podermos vivê-la no mundo.

Ele agora está nos chamando para segui-lo e entregarmos nossa vida ao seu serviço.

NOTAS

CAPÍTULO 1

1 Gênesis 1.1; Hebreus 1.1-2; Lucas 1.68.

2 Romanos 1.1-4.

3 Salmos 19.1; Romanos 1.19-20.

4 João 1.1,14.

5 Mateus 1.21; 1 Timóteo 1.15; Lucas 19.10; Lucas 15.3-7.

6 Salmos 14. 2-3.

7 Hebreus 11.6.

8 Jeremias 29.13.

9 SIMPSON, P. Carnegie. *The Fact of Christ, 1930*. James Clarke ed. 1952, p. 23, 24.

CAPÍTULO 2

1 Para uma discussão sobre a autenticidade do Novo Testamento veja BRUCE, F. F. *The New Testament Documents*, Inter-Varsity Press, 5. ed. 1960.

2 João 6.35; 8.12; 11.25; 14.6; Mateus 11.28-29.

3 Marcos 8. 29; João 8. 56; 5. 46; 5.39; Lucas 24. 27-44.

4 Mateus 11. 28-30; João 6.35; 7. 37.

5 João 6.29; 3. 36; 8. 24; 16.8-9.

6 Mateus 10. 37; Lucas 14.26.

7 João 15. 26; 16.14.

8 Marcos 1.15, literalmente; 14.61-62; 8.27-29.

9 Lucas 10.23-24; cf. Mateus 13.16-17.

10. João 5.17; 10.30; 14.10-11.
- 11 João 19.7.
- 12 João 8.19; 14.7; 12.45; 14.9; 12.44; 14.1; Marcos 9.37; João 15.23; 5.23.
- 13 Marcos 2.1-12; Lucas 7.36-50.
- 14 João 6.35; 14.6; 11.25; 15.4-5; 4.10-15; Marcos 10.17, 21; João 10.28; 17.2; 5.21.
- 15 Marcos 6. 2-3; João 7.15,46; Lucas 4.32; Mateus 7.28-29.
- 16 João 5. 22, 28, 29; Mateus 25.31-46.
- 17 João 12. 47-48; Mateus 10. 32-33; 7. 23.
- 18 João 6.35; 8.12; 11.25.
- 19 FORSYTH, P. T. *This Life and the Next*. Independent Press, 1947.
- 20 LEWIS, C. S. *Miracles*. Bles, 1947.

CAPÍTULO 3

- 1 Citado por THOMAS, W. H. Griffith in *Christianity is Christ*, 1909; editado pela Church Book Room Press, 1948, p. 15.
- 2 SIMPSON, P. Carnegie. *The Fact of Christ*, 1930; editado por James Clarke, 1952, p. 19-22
- 3 Tennyson, citado por SIMPSON, Carnegie, p. 62.
- 4 DENNEY, James. *Studies in Theology*. 9. ed. Hodder e Stoughton, 1906, p. 41.
- 5 1 Pedro 1.19; 2.22; 1 João 1.8-10; 3.5.
- 6 2 Coríntios 5.21; Hebreus 7.26; 4.15.
- 7 Mateus 27.24; Lucas 23.15; Mateus 27.3-4; Lucas 23.41,47.

CAPÍTULO 4

- 1 Não estamos preocupados aqui com o nascimento virginal de Jesus, pois este não é o argumento usado no Novo Testamento para demonstrar sua condição de Messias ou o seu caráter divino, como o é a ressurreição. A questão do nascimento virginal é bem discutida em *The Virgin Birth of Christ*, de James Orr, Hodder e Stoughton, 1907, e *The Virgin Birth*, de J. Gresham Machen, Marshall, Morgan e Scott, 1936.
- 2 De acordo com LATHAN, Henry. *The Risen Master*, Leighton Bell, 1904.
- 3 Isso fica claro na narrativa de João acerca das vestes de sepultamento de Lázaro. Pois, quando Jesus o ressuscitou, 'o morto saiu, com os pés e as mãos ligados com ataduras, e o rosto envolto num lenço' (11.44).
- 4 João 20.11-12; Mateus 28.6; Marcos 16.6.

CAPÍTULO 5

- 1 Romanos 3. 22-23; 1 João 1. 8,10.
- 2 João 4.24.
- 3 Isaiás 29.13; Marcos 7.6.
- 4 Marcos 2.27.

CAPÍTULO 6

- 1 Isaías 57.15; 1 Timóteo 6.15-16; 1 João 1.5-6; Hebreus 12.29 (Deuteronômio 4.24); Isaías 33.14; Habacuque 1.13.
- 2 Êxodo 3.1-6; Jó 42.5-6; Isaías 6.1-5; Ezequiel 1.26-28; Atos 9.1-9; 1 Coríntios 15.8; Apocalipse 1.9-17.
- 3 Veja, por exemplo, Mateus 25.30; Apocalipse 20.14-15; Lucas 16.19-31.
- 4 Isaías 59.1-2.
- 5 Marcos 7.21-23.
- 6 Gálatas 5.19-21.
- 7 Romanos 6.17; Efésios 2.3; Tito 3.3.
- 8 Tiago 3.1-12.
- 9 Studdert Kennedy.
- 10 *Christianity and Social Order*, 1942; edição da SCM Press, 1950. p. 36-37.

CAPÍTULO 7

- 1 Mateus 1.21; Lucas 19.10; 1 Timóteo 1.15; 1 João 4.14.
- 2 João 3.16; Colossenses 1.19-20.
- 3 Levítico 17.11; Hebreus 9. 22.
- 4 Zacarias 13.7; cf. Marcos 14.27; Daniel 9.25-26; Isaías 53; Lucas 24.46.
- 5 Marcos 8.31; Lucas 12.50; João 17.1; 12.27-28; 18.11; Mateus 26.53-54.
- 6 Gálatas 2. 20; 6.14; 1 Coríntios 1. 22-24; 2. 2; 15.3.
- 7 Hebreus 9. 26; Apocalipse 5.5, 6,12.
- 8 1 Pedro 2.18-25.
- 9 Marcos 10.45; Mateus 26.28.
- 10 1 Coríntios 15.3; 1 Pedro 3.18; 1 João 3.5.
- 11 Levítico 5.17.
- 12 Levítico 10.17; 16.22.
- 13 1 Pedro 1.2,18,19.
- 14 Gálatas 2.21.

CAPÍTULO 8

- 1 Veja João 3.
- 2 2 Coríntios 5.17, literalmente.
- 3 Veja João 16.7; 14.17.
- 4 Veja Atos 2.4; Efésios 5.18; Romanos 8.9.
- 5 Gálatas 4.6; 1 Coríntios 6.19.
- 6 Mateus 28.19; 16.18.
- 7 Gálatas 3.29.
- 8 Efésios 4.3-4; Filipenses 2.1; 2 Coríntios 13.13.

CAPÍTULO 9

- 1 Lucas 14.25-30.
- 2 Marcos 8.34-38.
- 3 Filipenses 2.10,11.
- 4 Mateus 10.34,37.
- 5 2 Coríntios 6.14.
- 6 Marcos 8.38; Mateus 10.32-33.
- 7 Marcos 8.35-37.

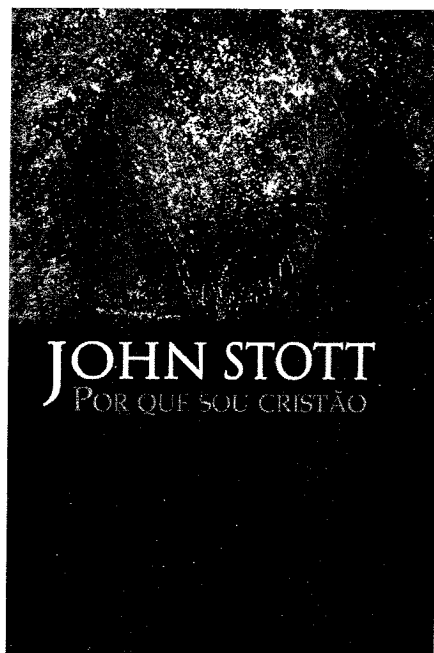
CAPÍTULO 10

- 1 Apocalipse 3.20.
- 2 Provérbios 27.1; Hebreus 3.7-8.

CAPÍTULO 11

- 1 Veja, por exemplo, Atos 17.28.
- 2 Com relação ao cuidado amoroso do Pai, veja Mateus 6.7-13; 25-34 e 7.7-12; sobre a sua disciplina, veja Hebreus 12.3-11.
- 3 1 João 5.10-12.
- 4 Veja também a ajuda metódica oferecida pelos *Navigators*, Tregaron House, 27 High Street, New Malden KT34BY.
- 5 Romanos 5.5; 8.15-16.
- 6 Veja Romanos 8.9-17.
- 7 1 João 1.9; 2.1-2.
- 8 1 Pedro 2.2.
- 9 Gálatas 5.16, 22, 23.
- 10 A Editora Scripture Union publica planos e comentários para vários grupos de idade e de interesse. A InterVarsity Press publica *Learning to Live* (curso introdutório), *Food for Life* (curso de um ano) e *Search the Scriptures* (curso avançado de três anos de duração).
- 11 Por exemplo, The New Bible Commentary, edição revisada, editada por D. Guthrie, J. A. Motyer, A. M. Stibbs e D. J. Wiseman (InterVarsity Press, 1970).
- 12 Veja, por exemplo, 2 Coríntios 6.14.
- 13 Veja, por exemplo, 1 Pedro 2.11; Filipenses 3.20; 2 Coríntios 4.16-18.

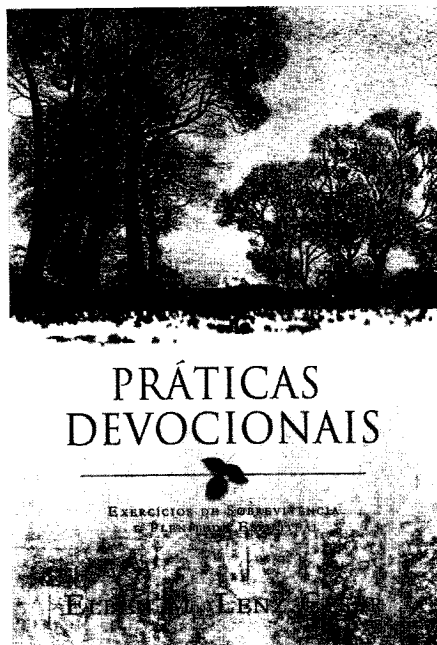
Do mesmo autor



POR QUE SOU CRISTÃO
John Stott

ultimato 

Leia **também**



PRÁTICAS DEVOCIONAIS
Elben M. Lenz César

ultimato 



O QUE SIGNIFICA SER CRISTÃO?

É preciso responder a esta e outras perguntas cruciais para entendermos as bases do cristianismo. Neste clássico reconhecido e aclamado, John Stott nos dá uma explicação clara e completa, que nos ajuda a entender melhor a fé cristã.

Escrito por um dos mais importantes teólogos do último século, **Cristianismo Básico** foi traduzido em muitas línguas, incluindo chinês, japonês, russo e coreano.

Muitos se opõem a qualquer coisa que tenha aspecto institucional. Rejeitam a igreja. Na verdade, rejeitam a igreja contemporânea — não Jesus Cristo. Notam uma contradição entre o fundador do cristianismo e o estado atual da igreja fundada por ele.

Alguns cresceram aprendendo sobre Jesus e as verdades do cristianismo. Mas, quando adquirem senso crítico, preferem descartar a religião recebida na infância a investigar sua veracidade.

Cristianismo Básico é uma resposta a estas inquietações.